

no ZOOLOGICO
de Berlim



GUIDO VIARO

GUIDO VIARO

no ZOOLOGICO de Berlim



ideale

projeto gráfico

Ideale Comunicação e Design

direção de arte e capa

Alessandra Nogueira Saltori
Danielle Sfredo

imagens

Extraídas do livro "Zoológicos Humanos"
de Christian Bâez e Peter Mason

editoração e diagramação

Christiane Kaku

revisão

Marisa Karam

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
BIBLIOTECÁRIA RESPONSÁVEL: MARA REJANE VICENTE TEIXEIRA

Viaro, Guido, 1968

No Zoológico de Berlim/ Guido Viaro. --

Curitiba : Ideale, 2008

238 p. ; 21 cm

ISBN 978-85-61649-02-9

1. Literatura -- Paraná. I. Título.

CDD (22ª ed.)

B869.35

no ZOOLOGÍCO de Berlim
GUIDO VIARO



“O CIDADÃO É O CADÁVER DO HOMEM.”

SÓCRATES

“*Se não posso mudar o mundo, tampouco permitirei que o mundo me mude a mim, arrancando-me esse câncer de mistérios e heresias que é toda a minha riqueza e que faz com que minha voz não seja apenas o grunhido de um porco, nem meu olhar, apenas o olhar de um peixe dentro do aquário.*”

CAMPOS DE CARVALHO

“EU SOU A VIDA, EU NÃO SOU A MORTE.”

QORPO-SANTO

A quem interessar possa, deixo aqui meu testemunho do que nunca deveria ter acontecido. Esse diário serve tanto de desabafo quanto de alerta.

Muito mais do que evitar que casos como o meu se repitam, o alerta se refere a sutis acontecimentos que abririam as possibilidades para que os eventos se desenrolassem. Minha condição é simbólica e, talvez, repita-se pelo mundo afora sob outras formas. O processo que me conduziu a esse beco sem saída em que vivo, deveria ser questionado, pois assim como eu, não apenas outros indivíduos, mas grandes grupos humanos, talvez a humanidade inteira, possa ser empurrada para esse caminho sem perspectivas, essa grossa parede de pedras contra a qual nossas mãos e músculos não têm qualquer poder.

Honestamente, não tenho muitas esperanças de que alguém venha a ler essas palavras. Então, talvez, todo meu desapego em chamar a atenção para a sutileza invisível de um mal que flutua entre os homens, esperando uma brecha para poder se manifestar, talvez isso não passe do meu

simples desejo de preencher o tempo que me espera. Esqueço-me de mim mesmo, não porque os outros me sejam mais caros do que minha própria figura, mas porque me seria ainda mais penoso gritar minhas dores nesse diário. Então transfiro parte delas para os outros, dissolvo a figura de meus algozes, que perdem suas personalidades tornando-se um "grande mal que flutua entre os homens". Dessa forma evito contaminar-me por ódios pessoais transformando-me num "médico do mundo", que tenta identificar qual a origem verdadeira da doença que aflige a humanidade, e por conseqüência a mim mesmo.

Por outro lado, de alguns fatos acontecidos não poderei abster-me de descrevê-los assim como os vi. Nem de alguns dados poderei escapar sem revelá-los, pois também sou parte integrante do sutil processo que espalha o mal. O julgar-se vítima, e dividir a humanidade entre opressores e oprimidos, é sempre o caminho mais fácil e raso. Os espelhos não têm culpa, e pobres são aqueles que os destroem porque não gostam daquilo que enxergam. Eu, o máximo que faço, é não encará-los, baixando os olhos e deixando que o peso de suas imagens povoe meus pesadelos e faça meu riso amarelar-se durante uma explosão de gargalhadas.

Meu nome é M'ba Nkrumah, nascido entre trinta e dois e trinta e seis anos atrás, tenho mulher e dois filhos. Sou filho do povo Mareales, fui criado livre dentro do coração e da tradição de minha gente. Hoje, na situação em que me encontro, não sei mais se a expressão "minha gente" tem ainda algum sentido, de qualquer modo durante minha infância, minha tribo – muito mais que meus pais – foram fundamentais em minha descoberta do mundo. Por outro lado, sempre senti o desejo de desobedecer às normas tribais. O monte Usambra, com seu topo eternamente coberto de neve, sempre me fascinou, e nunca aceitei a

determinação de que aquele era um lugar sagrado e que nunca deveria ser visitado. Aos doze anos fugi da tribo para uma incursão noturna à montanha sagrada. Era noite de lua cheia e caminhei contente por um longo tempo até chegar à base da montanha. Quando me preparava para subir, dois olhos verdes acompanhados por um barulho assustador me paralisaram completamente. Durante anos aquele leopardo confirmou para mim a crença de que aquela montanha não deveria ser escalada. Voltei para a tribo em um terço do tempo que gastei para ir até a montanha.

Mas o tempo me fez esquecer da fera, das crenças e até do desejo de subir a montanha. Os alemães vieram com suas armas e suas cruzes, criaram escolas onde aprendi a ler e escrever, no idioma deles e em latim. Alguns guerreiros de minha tribo foram mortos, mas não posso julgar todos os alemães da mesma forma. Muitos deles eram pessoas muito boas e entregavam suas vidas à educação dos membros da tribo. Misturavam-se a nós e não pareciam desejar nada além de que aprendêssemos o que eles nos tinham a ensinar.

Lembro-me que no início, alguns deles que falavam nosso idioma, nos explicaram que estavam ali para "instruir os indígenas" e "fazê-los compreender e apreciar as vantagens da civilização". Aquela frase ficou para sempre impressa em minha mente. Parecia-me tão misteriosa quanto as neves perpétuas do monte Usambra tinham sido para minha infância.

Os alemães se dividiam em dois grupos, os homens da guerra e os do ensino. Sempre fui muito mais ligado a esse segundo grupo. Além de escrever, e das línguas, eles me ensinaram a fé cristã, a história do mundo, os progressos da ciência moderna e a vida dos grandes homens. No começo todos os conhecimentos pareciam apenas complementos

do ensino religioso, que era a fonte primeira e o objetivo final de tudo. Eu me tornei um cristão exemplar, sabia longos trechos da bíblia de cor, recitava cânticos e contava aos menores a história da vida dos santos, atuando quase como um assistente dos frades.

Havia entre eles um que parecia diferente, falava menos de religião e mais de assuntos mundanos. Talvez fosse o mais velho deles, chamava-se Helmuth e parecia ter uma especial simpatia por mim. Ele me contou sobre as guerras antigas e modernas, falou-me dos grandes livros não religiosos, narrou-me a história da Grécia e seus filósofos. E apresentou-me Darwin e seu novo mundo. Desse dia em diante tornei-me uma outra pessoa. Não que mudasse radicalmente, mas aquelas idéias, lentamente começaram a corroer minha visão tribal.

Essa corrosão prosseguiu durante toda minha vida e continua, sem no entanto destruir por completo o menino de aldeia que fui e o jovem religioso que me tornei. Entretanto são cada vez mais frágeis as sobras que ainda não foram destruídas pelas idéias que frei Helmuth me transmitiu e que se multiplicaram com os anos. Mas confesso que permaneço um homem dividido, talvez me falte coragem para assumir de maneira absoluta alguma posição.

Quando frei Helmuth morreu, de uma daquelas doenças que pareciam afetar apenas os brancos, chorei enquanto o enterravam. Quando o funeral acabou e fincaram uma cruz de madeira na cabeceira de sua cova, achei que talvez o que combinaria mais ali seria um casco de tartaruga vazio, daquelas distantes ilhas Galápagos que ele tanto me falava.

Às vezes os militares castigavam alguns membros de minha tribo por pequenas faltas ou indisciplinas, mas eu

tinha a impressão que mesmo que esses pecadilhos não ocorressem, eles sempre castigariam alguém para mostrar quem mandava. Amarrados a um tronco eram chicoteados até que ficassem cobertos de sangue. Nesses dias os religiosos procuravam se afastar, diziam que iam orar na floresta e quando voltavam se negavam a ouvir o que acontecera. Mas sempre cuidavam dos ferimentos dos castigados. Afora essa punição recorrente e sem sentido, os militares nos tratavam bem, nos auxiliando quando precisávamos de tratamento médico e até sendo gentis conosco e com nossas crianças.

Os Mareales sempre guerrearam contra os povos Kichi e Matumbi, mas nos últimos anos vigorava uma paz que parecia duradoura. Com a chegada dos alemães, as lideranças de minha tribo começaram a querer construir uma aliança bélica com os europeus para derrotar seus inimigos. A paz, que enrijecia seus alicerces, foi destruída.

Muitos mortos dos dois lados. Talvez pudesse dizer apenas "Muitos Mortos", no fundo os lados não tinham importância nenhuma. Jovens, crianças, mulheres, velhos, a morte foi democrática. Nada nem ninguém, ganhou coisa alguma.

Aos poucos os mortos foram sendo enterrados e as feridas fechadas, mas a situação nunca mais voltou a ser como antes, a relativa tranquilidade e cordialidade desapareceram. Os alemães pareciam sempre nervosos e desconfiados. Os castigos eram diários e cada vez mais violentos, às vezes chegando até a morte. Nosso purgatório cotidiano havia se perdido para sempre.

Um dia, o mais violento dos militares, um sujeito baixo de olhos verdes e pele avermelhada pelo sol, chegou até mim e disse que eu seria levado para a Europa. Minha primeira reação foi de alegria. Raciocinando um pouco e reparando melhor naqueles olhos, envolvidos por todos os lados por

veiazinhas vermelhas, percebi que talvez aquela notícia não fosse tão boa assim.

Meus filhos e minha mulher foram minha primeira pergunta. Sua resposta foi negativa. Afirmei então que não iria sem eles. Acordei gritando de dor enquanto um frade cuidava de meus ferimentos. Nunca pude imaginar que existisse dor tão grande, o chicote me arrancara pedaços de pele por todo o corpo. Depois eles espalharam pelos ferimentos uma solução feita de água, sal e vinagre, para que aquilo ardesse e eu aprendesse a lição. Aos poucos, as cenas que tinham sido apagadas por meu desmaio, foram reaparecendo em minha memória, a veia inchada do pescoço de meu algoz enquanto me chicoteava, o grito que ele dava a cada chibatada, os suspiros de misericórdia daqueles que assistiam à minha tortura. E sempre aquele sol forte, não deixando que eu enxergasse com precisão todos os detalhes e nem soubesse exatamente quando e onde cada chibatada me acertaria.

Percebi que já tinha assistido a alguns castigos menos rígidos que o meu, e que tinham levado a vítima à morte. Três semanas e muitos cuidados dos frades depois eu já estava de pé. Ainda sentia algumas dores e coceiras, mas já podia trabalhar. Pensei que minha negativa em separar-me de minha família havia sido castigada com as chibatadas, mas que agora eu poderia continuar vivendo no seio da tribo. Meu algoz veio em minha direção, pelo seu olhar raivoso parecia que era ele quem havia sido chicoteado, não disse nada, apenas me deu um soco na boca. Caí no chão e ele me encheu de chutes na barriga e nas costas. Fui amarrado e transportado por quatro negros para um carro de boi. Lá me fizeram beber um líquido amargo. Acordei já dentro de um navio que se distanciava da costa. Levei um bom tempo para localizar-me no tempo e no espaço. Sen-

tia dores pelo corpo, mas principalmente na cabeça que latejava, e com isso consumia todas minhas energias.

Só no dia seguinte, quando as dores diminuíram, é que eu consegui compreender exatamente o que tinha acontecido. Estava em alto mar, tinha sido separado de minha família, provavelmente para sempre. Rumava em direção a Europa, possivelmente para de lá ser encaminhado como escravo para alguma colônia.

Uma grande tristeza me invadiu e ela superou até a raiva que sentia contra aqueles que tinham feito aquilo comigo. Eu olhava para o mar e pensava em conhecer o seu fundo. Esse ato serviria para acabar com a tristeza que sentia e também infligir algum prejuízo a meus carrascos. Mas, por outro lado, saltar era uma saída fácil, depois de passar por tudo que passei não iria desistir dessa maneira e resolvi permanecer no navio.

A vida dentro dele jamais poderia ser chamada de vida. Eu me alimentava de uma espécie de lavagem que me era servida uma vez por dia. Dormia num pequeno cubículo bem menor que minha altura junto com mais quatro marinheiros. Eles eram rudes comigo e também entre eles. Durante o longo período de viagem não presenciei sequer um sorriso. Logo no começo percebi que havia algo de estranho naquele navio. Eu conhecia bem os relatos sobre navios de escravos, as condições degradantes de higiene, os maus tratos, quase tudo eu vivenciava, mas havia algo diferente, eu era o único negro ali.

Todos os outros eram marinheiros alemães que se ocupavam da embarcação. O navio transportava carga, não sabia exatamente o quê, e ninguém quis responder a nenhuma pergunta minha. Talvez algum senhor precisasse apenas de um escravo, comecei a sonhar que talvez meu destino não fosse a escravidão. Durante semanas pintei

mentalmente as piores e melhores perspectivas para meu futuro, eu seria despedaçado por cães para deleite de gordos europeus, ou chegaria a um país livre, onde trabalharia, enriqueceria e voltaria para encontrar minha família.

O navio parava em vários portos, em cada um deles eram descarregadas pesadas caixas que nunca soube o que continham. Conforme o tempo passava a dúvida sobre meu destino aumentava, se soubesse que ia ser executado talvez não sofresse tanto. Meus sonhos alternavam: grandes prazeres e pesadelos terríveis. Pedia àquele resto de deus em quem eu ainda acreditava, que acabasse de vez com meu sofrimento, fosse qual fosse meu destino, que ele se realizasse logo.

Não sei exatamente quanto tempo navegamos, talvez uns dois meses. Mas um dia, quando já não me importava mais com meu destino, tendo mergulhado num estado de indiferença, escutei os gritos esfuziantes dos marinheiros. Acho que eles também não suportavam mais aquela viagem. Eles gritavam dando tiros para o alto, três deles até me abraçaram. A palavra que mais se ouvia era "Hamburgo", nós havíamos chego.

Sem saber ao certo se deveria comemorar alguma coisa, acabei deixando-me levar pela onda de entusiasmo que envolvia a todos na embarcação. De qualquer forma, voltaria a pisar em terra firme e isso já era alguma coisa. Antes do desembarque dois marinheiros me colocaram algemas nos punhos e uma corrente unindo meus dois pés. Não posso dizer que fiquei surpreso. Acompanhei os marinheiros, que após juntarem seus objetos pessoais desceram do navio. No porto havia um homem me esperando, disse-me que eu deveria acompanhá-lo. Foi gentil comigo mas não quis responder a nenhuma de minhas perguntas. Fui conduzido até um barco fluvial que desceu o rio Elba até a ci-

dade de Wittemberg. Além do homem que me recepcionou outros dois me escoltavam. O barco que pegamos era uma linha regular cheia de famílias e trabalhadores. Durante a viagem eles me retiraram as algemas e a corrente dos pés. Reparei que todas as pessoas me olhavam espantadas e sussurravam entre elas. Possivelmente, eu era o primeiro homem negro que viam. Chegando a Wittemberg havia uma carroça nos esperando, as algemas foram recolocadas mas não a corrente nos pés. Durante a viagem eles me ofereceram comida e água, agindo sempre gentilmente, continuaram recusando-se a responder minhas perguntas. Sorriam e desconversavam, sempre me dizendo que eu não me preocupasse pois nada de ruim aconteceria comigo.

Tive bastante tempo para refletir, sabia que na Europa não havia escravos e que estávamos nos afastando cada vez mais da costa, isso poderia representar um bom sinal. As idéias iam e vinham, mas a essa altura não traziam mais caminhos negros de desesperança, eu estava começando a acreditar que algo de bom poderia acontecer comigo. O que reforçava minhas suspeitas eram os olhos desse homem que me conduzia, não eram olhos de alguém que pudesse fazer alguma grande maldade. Eram da mesma cor dos olhos de meu algoz, mas não tinham aquelas veiazinhas vermelhas ao redor da parte colorida. Eles transmitiam calma, pareciam me dizer "tenha paciência que as coisas acabam se ajeitando".

A carroça entrou em uma grande cidade repleta de prédios bonitos e cheia de outras carroças luxuosas, eu nunca tinha visto tanta gente junta. Aquilo era um novo mundo, consegui enxergar dentro de algumas residências e elas estavam cheias de móveis feitos de madeira escura e cobertos por toalhas brancas. Tudo parecia tão limpo e organizado, que a primeira idéia que me veio, era que esse

deveria ser o caminho correto para a humanidade. Que a vida tribal não passava de um estado de selvageria, que um dia evoluiria para aquilo que eu estava enxergando. O mundo era viável e o destino humano feliz. Não consegui enxergar esses traços de felicidade nos rostos que via, mas talvez essa felicidade coletiva se manifestasse de alguma forma que eu ainda desconhecia.

A cada instante via algo novo que me surpreendia, roupas elegantes, máquinas que não sabia para que serviam, novos tipos de pessoas e destinos se espalhavam por toda a parte. O céu estava azul sem nenhuma nuvem, depois de me esforçar, colocando a cabeça para fora para ver o máximo possível, sentei-me confortavelmente em meu assento, procurando deglutir tudo aquilo que enxergara. Sentia o tremer da carroça que pisava as pedras irregulares da rua, eu estava longe, imaginava o que o futuro reservava para o ser humano, que já estando no bom caminho, conseguiria ainda melhorá-lo.

Chegamos a uma espécie de grande bosque dentro da cidade, atravessamos a portaria e nos detivemos um bom tempo. Esperei dentro da carroça enquanto meu acompanhante conversava com dois homens e mostrava a eles alguns papéis. Os homens pareciam ser algo como administradores desse bosque, talvez fosse ali que eu trabalharia. Eles subiram na carroça me cumprimentaram e desceram, reparei que um deles sorria. A carroça prosseguiu, o bosque era muito bonito, cheio de árvores frondosas e pequenos caminhos por onde os cavalos avançavam com dificuldade.

A carroça finalmente parou e meu acompanhante me disse para descer porque havíamos chegado. Desci, e bem à minha frente havia uma jaula com a porta aberta. Sem me olhar nos olhos ele me disse que eu deveria entrar. Nesse instante todas minhas ilusões desmoronaram, lembrei-me

apenas do mar e seu fundo, arrependi-me. Sem energias, caminhei obediente para o fundo da cela. Fechei os olhos e escutei o barulho das trancas e cadeados sendo fechados.

Depois de algumas horas de grande tristeza, meu lado racional começou a buscar algumas respostas. Aquela prisão deveria ser provisória, talvez eu devesse aguardar ali por meu destino final, pois não fazia sentido algum trazer-me de tão longe para ser encarcerado na Europa. Acalmei-me um pouco, conseguindo me libertar daquele estado de tristeza profunda. Caminhei pela cela, havia uma cama de pedra forrada por um fino colchão, havia um buraco por onde deveria ser passada a comida e um canto cercado que deveria servir para as necessidades fisiológicas. A cela parecia ser recém construída, e percebi que o colchão e o cobertor eram novos.

Sentado em minha cama pude reparar que não muito longe da minha, havia outras celas parecidas. Mas todas pareciam vazias. Resolvi que teria de ter paciência e nunca cair em desespero, meu verdadeiro destino logo me seria revelado. Havia diminuído minhas expectativas quanto a ele, mas qualquer que fosse, seria melhor do que ser prisioneiro. Enquanto lembrava-me de minha família, tive a impressão de ver um vulto atravessando a cela que estava à minha direita. A impressão se repetiu uma segunda vez, por um instante achei ter visto um leão. Em seguida atribui essa visão à minha mente e às recordações da África. Consegui até achar graça da situação.

A noite caiu e custei a dormir, toda minha vida desfilou para mim, pensava em minha mulher, no que disseram para ela, o que ela diria para meus filhos, chorei muito e as lágrimas secas acabaram me conduzindo para um sono cheio de pesadelos. Estava cercado por leões e leopardos que me mostravam os dentes e lentamente começavam a

fechar o círculo que me envolvia.

Fui salvo de ser devorado vivo por uma criança, que me jogou uma pedrinha acordando-me. O pequeno menino estava acompanhado por seus pais, que me olhavam de um jeito estranho. Havia curiosidade, repulsa e pena em seus olhos. Percebi que havia mais seis ou sete pessoas que também me olhavam. Pensei em perguntar-lhes o que lhes interessava tanto assim.

Olhando para a direita, dei de cara com a cela ao lado, dentro dela estava o leão, que eu achava ter saído de minha imaginação. Caminhando para ela estavam as mesmas pessoas que instantes atrás me olhavam.

Os leopardos, elefantes, búfalos e macacos são meus companheiros. De minha cela consegui enxergar esses animais, mas deve haver muitos outros. O leão solitário descansa o dia inteiro, e apesar de triste, parece conformado com seu destino. Talvez eu tenha algo a aprender com ele. Já faz um bom tempo que estou encarcerado, todos os dias se parecem. De manhã começa a visitação, normalmente as crianças vêm nesse horário. Elas ficam paradas muito tempo em frente de minha jaula. Jogam-me restos de comida e me enchem de perguntas: como é teu nome? Você tem cauda? Quantos anos tem? Nos primeiros dias respondi algumas perguntas, mas percebi que quanto mais eu falava mais elas perguntavam e mais crianças se juntavam para me observar. Aprendi que devo permanecer calado. Se fico quieto elas logo v o embora, acabam percebendo que perguntar para mim   como perguntar para o leão.

No meio do dia um funcionário atravessa uma bandeja com meu almoço e jantar. A comida não é ruim, carne assada, batatas e espigas de milho. Durante toda a tarde os visitantes chegam aos poucos, casais, velhos e alguns jovens sozinhos. Poucos são os que me olham nos olhos, ao contrário, eu procuro sempre encará-los. No final da tarde a visitação encerra-se. A cada três dias um grupo de funcionários vem com um carro pipa, que bombeando água para uma mangueira com forte pressão, limpa toda a cela. Essa limpeza é o único banho a que tenho direito.

Depois que todos os visitantes se vão e a noite cai, eu escuto as vozes dos animais, é nessas horas que lembro-me da África e de minha família. O grito do leopardo é o mais desesperado, talvez esteja há pouco tempo aqui. Durante o dia ele anda o tempo todo de um lado para outro sem emitir qualquer som, a noite percebo que ele está chorando em voz alta.

Mas conforme a noite avança os barulhos diminuem e os animais se acalmam. Eu me enrolo no meu único cobertor e assisto por entre as barras de ferro ao espetáculo do céu estrelado, que apesar de bonito, é completamente diferente do céu de minha tribo. E são nesses instantes de calma, e antes que meus olhos se fechem, que sou invadido por um turbilhão de imagens, recordações e emoções. Cenas acontecidas durante o dia misturam-se com minha saudade da família. Meu pensamento chacoalha de um lado para outro sem que eu consiga chegar a lugar algum. De tudo, sobra uma irritação e uma grande sensação de tempo perdido.

Ontem, pela primeira vez, consegui organizar um pouco as idéias, controlando a emoção e conseguindo que os pensamentos não se dissolvessem: estou exposto a visitação pública, as pessoas pagam entrada para me ver, aquilo

que existe de exótico e diferente em mim. Minha cor, meu comportamento. Sou como o elefante ou o leão, talvez com o tempo me acostume a essa condição e passe a ter aquela pose tranqüila dos felinos envelhecidos. Mas até quando ficarei aqui? Não pode ser a vida toda. Qual deve ser meu caminho, devo protestar, exigir a liberdade? Deveria pedir ajuda aos visitantes? Mas quem paga ingresso para me ver é porque deseja que eu permaneça onde estou.

Acabei não chegando a uma conclusão definitiva, mas fiquei contente porque foi a primeira vez que consegui raciocinar de verdade sobre minha condição. De qualquer forma decidi não me precipitar, e continuei não dirigindo a palavra a nenhum dos visitantes. Nessas duas semanas tenho sido um habitante modelo deste bosque que aprendi a chamar de Zoológico de Berlim, tudo que esperavam de mim cumpri, nenhum grito, nenhuma rebelião, respeito total aos visitantes. Talvez pudesse haver alguma recompensa por bom comportamento.

A vida de prisioneiro é dura, o espaço da cela é mínimo, e eu, que sempre fui acostumado aos grandes espaços, sinto que meu corpo pede movimento e não posso satisfazê-lo. Tentando improvisar uma maneira de exercitar-me, pendurei-me de cabeça para baixo nas grades, balançando o corpo de um lado para outro. Fui surpreendido por um menino, do qual não havia percebido a presença, que gritando para seus amigos fez com que em poucos instantes, uma dúzia de crianças estivessem ao redor de minha cela, comparando meus movimentos com os de um orangotango. De hoje em diante só me exercitarei à noite, talvez isso até ajude a espantar as idéias destrutivas, trazendo o sono mais cedo.

Sem poder fazer exercícios durante o dia, pouca coisa me resta a fazer. Escrevo esse diário com alguns lápis e

blocos de papel que encontrei no navio e trouxe comigo caso pudesse escrever cartas. Para escrevê-lo, deito-me de costas para a frente da cela, desta forma quem me vê pensa que estou dormindo. Imagino que se o público me visse escrevendo, talvez o espanto fosse maior do que quando me exercito pendurado nas grades. Mas a escritura desse diário ocupa apenas uma pequena fração de meu dia, nas horas que sobram mergulho dentro de mim, a confusão mental devora o tempo que existe entre as refeições. Sinto que cada dia que passo entregue a esse vazio, desisto um pouco de todo o resto. Preciso permanecer ativo, mental e fisicamente, só dessa forma é que meus olhos terão chances de não se parecer com os de meus vizinhos.

O perigo de pôr o raciocínio para funcionar é que também dou chances para que meu ódio se desenvolva. E sei que tenho de controlá-lo, mesmo porque, na condição em que me encontro a única possibilidade que teria de exercê-lo seria contra mim mesmo.

Ontem cheguei a pensar em escrever um horário aproximado para minhas obrigações cotidianas, exercitar-me durante um certo período de tempo, pensar na família durante alguns instantes, escrever o diário, pensar nas possibilidades que me aguardam... tudo muito bem dividido e esquadrinhado. Desisti porque percebi que isso acabaria só aumentando ainda mais o meu tédio e diminuindo ainda mais a quantidade de pequenas surpresas que cada dia traz.

Eu disse que meus dias são todos iguais mas acho que faltei com a verdade. O que são iguais são os horários de visitação e das refeições, o comportamento das pessoas que me visitam nunca é o mesmo. A cada dia escuto coisas novas e sempre aumenta minha vontade de interagir com os visitantes. Talvez se fizesse isso o tempo passasse mais depressa e essa grande tendência a odiar tudo acabasse

se dissolvendo. Lembro-me como durante a infância detestava aprender o idioma alemão, a paciência que os frades tiveram comigo e como, após algum tempo, eles se surpreenderam com a rapidez com que aprendi. Talvez a chave que abra minha cela seja o diálogo.

Também a idéia de fugir tem me perseguido. Não há muita vigilância no parque e acho que com tempo e paciência eu conseguiria cavar um buraco que passasse por debaixo das grades. Durante o dia esconderia com meu cobertor a região que estivesse furando e a terra que sobrasse. Mas se conseguisse fugir, para onde iria? Acho que eu despertaria tão pouca atenção quanto um leopardo no centro de Berlim. Minha única chance seria chegar até algum porto e me esconder em um navio. Só que dessa forma, mesmo sem querer acabaria conhecendo o fundo do oceano. E se fugir e for recapturado certamente sofrerei um castigo severo. Tenho de usar a inteligência, transformar meu desejo individual de liberdade em algo coletivo.

Hoje pela manhã vi dois funcionários do zoológico conduzirem um homem algemado para o interior do parque. Sua aparência estranha me levou a suspeitar que não sou o único exemplar humano em exposição. Ele era muito alto e tinha um tom de pele avermelhado, seus cabelos eram longos, pretos e lisos, e ele vestia uma roupa feita de couro e decorada com penas. Sobre a cabeça também usava um enfeite de penas coloridas.

O limite de visão que tenho é o cercado dos búfalos, mas talvez além dele haja muitos de nós, cada um mergulhado em suas recordações e tentando entender o que será sua vida daqui para frente. Com o passar dos dias as coisas vão se assentando e eu começo a colocar as idéias em ordem.

Coloquei em prática aquilo que havia planejado. Nesses últimos três dias conversei com alguns visitantes. Antes de relatar o que falamos gostaria de dizer que não é com qualquer um e nem em qualquer situação que pretendo conversar. Na maioria dos casos, por mais que me dirijam a palavra me calo como um elefante. Nunca converso com ninguém quando há grupos muito grandes. Prefiro pessoas sozinhas e a princípio evito crianças e velhos. Mas essas não são regras rígidas, vai do momento, se eu sentir que existe uma abertura e que minha fala não servirá apenas para aumentar o espetáculo pelo qual eles pagaram para ver, então puxo conversa.

Ontem por volta do meio-dia, quando o sol forte parecia espantar a maioria dos visitantes, um rapaz de uns vinte anos parou em frente de minha cela. Olhou-me nos olhos e logo percebi que com ele não apenas poderia, mas deveria falar. Comecei cumprimentando-o, ele me respondeu com educação e não pareceu nem um pouco surpreendido com minha saudação. Como tudo ainda está fresco em minha memória vou tentar reproduzir nossa conversa em forma de diálogo:

"São poucos aqueles que me olham nos olhos."

"Eu digo o mesmo. Qualquer pessoa honesta deveria dizer isso."

"Mas no meu caso a coisa é diferente... acho que todo mundo que vem aqui sente um pouco de vergonha, não sei, talvez seja piedade, ou então um medo de algum dia poder estar em alguma situação parecida com a minha."

"Sua vida na África era boa?"

"Razoável, tenho família, sofri alguns castigos, mas tinha liberdade, pelo menos um pouco mais do que hoje."

Você sabe se existem outros homens expostos?”

“Sim, vi um índio pele-vermelha da América do Norte e um esquimó do pólo norte.”

“Posso lhe perguntar sua opinião sobre isso?”

“Não acho certo, de uma certa maneira me sinto culpado por ter comprado ingresso. Mas o mundo é tão cheio de coisas erradas, acredito que sua condição não deva ser permanente como a dos animais. Sei que deve estar sofrendo, mas no fundo todos sofremos.”

“Acredita então que em breve serei solto?”

“Não sei, isso dependerá da direção do zoológico. Sei que existem muitos intercâmbios entre vários zoológicos da Europa. Talvez possa haver uma transferência. Preciso voltar ao trabalho. Desejo-te uma boa vida.”

Gostei dele, me pareceu uma pessoa honesta que não dissimulava emoções que não possuía. Aos poucos vou compreendendo melhor a mente europeia, mais racional e menos sujeita a emoções superficiais. Quanto às emoções profundas, acho que têm igual nível de capacidade para vivenciá-las. Mas faço esse juízo sem conhecimento de causa e baseando-me em poucos casos. Deve haver europeus tão calorosos e ingênuos quanto africanos. Acho que se construíssem um parque como esse na África, e para lá levassem europeus, eles sentiriam exatamente o que eu sinto. As dores seriam as minhas e os julgamentos os meus. O que nos separa é a cor da espuma das ondas, nossos oceanos são idênticos.

Hoje pela manhã, logo que o parque abriu, uma moça de uns dezoito anos muito bem vestida parou em frente a minha cela. Ao contrário do rapaz ela não olhava nos meus olhos. Percebi que parecia muito incomodada, andava de um lado para outro, queria me falar, mas parecia não ter coragem para começar a conversa.

"Calma, senhorita, posso ajudar-lhe em alguma coisa?"

Assim que eu disse isso ela explodiu em um choro convulsivo.

"O senhor não deveria estar aí. Deus fez a todos iguais e irá castigar com severidade aqueles que lhe tolheram a liberdade."

"Acalme-se e enxugue essas lágrimas. O mundo é injusto mesmo, mas deve haver pessoas em condições ainda piores que as minhas. Dirija suas preces para elas que eu dirigirei as minhas para a senhorita."

"Quando me disseram que haveria essa exposição eu não acreditei... é muito triste, o senhor deve ter família, como eles ficaram?"

"Tenho mulher e dois filhos, um dia voltarei a vê-los..."

"Se não te libertarem logo você precisa fugir, eu te ajudarei." Ela falava alto e isso acabou atraindo outras pessoas interessadas em ouvir nosso diálogo. Ela percebeu isso e antes de ir embora gritou em meio ao burburinho dos visitantes: Fanny.

Poucas vezes vi africanos mais emotivos do que ela, e colocando-a em um hipotético zoológico africano, não consigo imaginar os eventuais visitantes de lá se preocupando tanto com uma injustiça individual, quando havia tantas outras coletivas acontecendo ao redor. Esse raciocínio me colocou novamente dentro da carroça que me trouxe até Berlim, a cidade que me fascinou com sua beleza e civilização, será que aquele modelo de felicidade humana realmente existe? Será que as ilhas de podridão seriam inundadas pelo mar civilizatório, contra o qual não teriam poder algum? Ou seria exatamente o oposto, do oceano estagnado de sofrimento humano surgiriam algumas ilhotas de beleza, responsáveis pelo derramamento das lágrima-

mas da jovem, mas que sempre seriam engolidas pelas forças que constroem as barras das celas?

Não sei responder. Acho que talvez ainda não seja chegada a hora de tentar fazê-lo. Antes de começar a escrever essas páginas conversei com um guarda que sempre passava por aqui e fingia que não me via. Perguntei seu nome e percebi que ele, antes de responder, refletiu uns instantes sobre se iria ou não conversar comigo. Timidamente disse-me que se chamava Hans. Percebi que com ele teria de lidar com cuidado, porque qualquer descuido interromperia a conversa. Interessava-me manter um canal aberto, pois ele poderia me servir de fonte de informações. Emendei minha primeira pergunta com três outras, questões leves que serviam apenas para que ele dissesse alguma coisa. A técnica surtiu efeito e ele logo perguntou meu nome e de onde eu vinha. Percebi que seu trabalho era tedioso e que ele não costumava conversar com ninguém durante todo o dia. Quebrada a barreira do silêncio ele desandou a falar, contou-me toda sua vida, filho de pequenos agricultores da região de Heidelberg, sonhava em ser médico, casou-se muito cedo e antes dos trinta anos já tinha quatro filhos.

Trabalhou como empalhador de animais, coveiro, assistente de necropsia no necrotério de Stuttgart, até que vindo a Berlim, atrás do encantamento que a cidade prometia, talvez o mesmo que me fascinou quando cheguei, conseguiu apenas esse emprego de guarda do zoológico. Eu apenas o escutei e notei que era isso mesmo o que ele queria. Ele despediu-se, mas tenho a certeza de que voltará para conversar, ou pelo menos para falar.

Depois que ele partiu, reparei que as três profissões que ele me disse que exerceu antes de trabalhar no zoológico eram todas relacionadas com a morte. Apesar de perceber isso não soube o que fazer com a informação,

parecia ser alguma coisa que pedia seu encaixe correspondente, mas resolvi deixar aquilo sem complemento.

As noites continuam limpas, com aquele céu repleto de estrelas desconhecidas. Enquanto as observo, enxergo nelas os rostos que vi durante o dia. Não descrevi aqui os diálogos que tive com mais de uma dezena de pessoas, perguntas como "Você fala?", que eu respondi com um "Sim", o que despertou uma explosão de gargalhadas em um jovem casal que riu até às lágrimas. Ou então um velho senhor que me perguntou de onde eu vinha, lhe respondi que vinha da África. Então ele me perguntou se lá fazia muito sol, porque nunca vira alguém tão bronzeado como eu. Respondi que sim, lá era um lugar muito ensolarado. De manhã cedo, bem antes do zoológico ser aberto para visitação, um homem muito mal vestido, que parecia muito pobre, me perguntou como era a comida e quantas vezes por dia era servida. Respondi-lhe que comida não me faltava. Desconfio que talvez ele entre sem pagar ingresso e durma em algum canto.

Aos poucos vou me familiarizando com as novas estrelas, espero não me esquecer das antigas. Dia a dia meu sofrimento tem diminuído. Ontem à noite antes de deitar olhei para minha cama, meu colchão e travesseiro, e já havia uma ponta de carinho por aquele canto. Isso me levou a pensar que talvez o homem seja um ser essencialmente solitário, que lança suas raízes em qualquer lugar, e que chora quando de lá é arrancado, mas que essas lágrimas secam quando as raízes encontram nova terra, não importando qual seja ela. No fundo somos absolutamente fiéis apenas a nós mesmos.

Talvez em poucos meses eu venha preferir o olhar do guarda Hans ao invés dos olhares de meus filhos, é tudo uma questão do comprimento e de quão enrolada no chão

a raiz esteja. Esse tipo de raciocínio, ao contrário do que possa parecer, não é triste. Ele parece combinar com o céu estrelado que enxergo sobre minha cabeça.

A lua cheia me permite escrever à noite. Os raios embranquecidos do luar, talvez tragam uma tradução prateada do que enxerguei durante o dia.

7 de junho

Acordei espantado com o sonho que tive. Eu estava novamente vivendo em minha aldeia. Minha rotina era exatamente igual ao que eu realmente vivera. Trabalhava na agricultura, nos campos controlados pelos alemães, cultivando arroz e sorgo. Meus filhos brincavam e minha mulher lavava roupa. Podia até sentir o calor do sol africano sobre minha pele. Sentia também aquilo em que os sonhos são mais carentes, os pequenos detalhes da vida, as manias do corpo, as idéias sem importância, o peso das ilusões e desilusões cotidianas. Era um sonho ancorado na realidade. A rotina desenrolava-se com o mesmo vagar de quando estamos acordados.

De repente um detalhe interrompeu o que desenvolvia-se como a cópia perfeita do real. Reparei em minha mulher lavando a roupa no riacho, aproximei-me dela e vi que ela tinha três seios. Aquilo, mais do que surpresa, causou-me uma enorme indignação. Acusei-lhe. Disse que era culpa dela e que ela iria me envergonhar perante todos os membros da aldeia. Talvez até eu recebesse punições por causa daquilo. A princípio ela quis negar, dizendo que eu estava vendo mal, pois ela me enxergava com apenas um olho. Assustado, apalpei-me e percebi que ela estava

mentindo. Eu tinha dois olhos e ela três seios.

Disse-lhe que eu nunca fora um homem violento, e que por isso mesmo daria a ela uma chance de resolver sozinha aquele problema. Caso ela nada fizesse eu mesmo deceparia o seio extra.

Ela sumiu da minha frente e minha rotina recomeçou como se nada tivesse acontecido. Esqueci-me do evento e nenhuma das fortes emoções que eu tinha vivido permaneceu ou deixou qualquer sinal de que tivesse existido. Novamente fui envolvido pelo sutil mundo dos detalhes que compõem a realidade. As folhas das palmeiras balançavam ao vento de maneira aleatória, e essa mentira contada de forma que parecesse verdade, distraiu-me fazendo-me esquecer de todo o resto.

Eu vivia instantes de alheamento, não estava dentro do sonho e nem fora dele. Esse meu descanso em lugar nenhum foi interrompido por um grito agudo. Antes de descobrir a origem, percebi pelo som, que a voz que gritava traduzia com o som um sofrimento imenso. Minha mulher aproximou-se de mim, vinha correndo, tinha o colo coberto de sangue e nenhum seio.

De onde veio esse sonho? Uma vez um frade alemão me disse que os sonhos são uma das maneiras que Deus tem para se comunicar com a gente. Mas o que então ele poderia estar dizendo com uma história dessas? Talvez que a culpa é toda minha e sou eu que fico dizendo que ela é dos outros e fazendo-os sofrer. Mas que culpa tenho de estar aqui?

O que os religiosos dizem pode não ser verdade. Lembro-me o que aprendi sobre Darwin e a evolução das espécies, talvez esse sonho tenha sido uma tentativa de meu lado bestial se manifestar. Talvez eu seja uma disputa por espaço entre vários níveis evolutivos. Nunca saberei o que sou.

Ontem pela manhã fui despertado pelo guarda Hans, que veio logo me oferecendo uma espécie de salsicha que ele disse ser uma sobra de um vendedor amigo seu. Aquela iguaria logo pela manhã me revoltou o estômago. Sabia que aquilo era apenas um pretexto para ele poder falar e diminuir sua solidão. Ele me contou que a direção do zoológico estava com um grande problema, o chefe indígena que eles tinham trazido da América para ser exposto, fazia dois dias que não comia nada. Olhava fixamente para um ponto e não respondia a qualquer estímulo. A direção pensava em alimentá-lo à força.

Depois que terminou de narrar a história, a primeira idéia que me veio foi que o salsichão que comi não era sobra de nenhum vendedor e sim o que o pobre chefe indígena recusou-se a comer. Em seguida uma enorme piedade invadiu meu peito, sabia exatamente pelo que aquele homem estava passando. Eu pelo menos ainda tinha a possibilidade de conversar com os outros, o que vinha me ajudando bastante a suportar minha reclusão.

Hans também me contou que o esquimó do pólo norte comia muito e dormia quase o tempo todo, e durante o tempo em que estava acordado coçava-se sem parar. Sua pele já estava toda marcada pela força de suas unhas. Depois disso, sua conversa perdeu o interesse, foram longas descrições do que faria se tivesse mais dinheiro. Isso foi me causando sono e acabei dormindo durante o dia, coisa que até então não tinha me acontecido.

Fui desperto pelo barulho da comida chegando, ainda estava enjoado, mesmo assim almocei. Enquanto comia fui interrompido por um jovem:

“Está boa a comida?”

“Sim. Se conseguisse passar o prato pelo buraco das grades até te ofereceria um pouco.”

"Obrigado, o senhor é muito gentil. Como é seu nome?"

"Meu nome é M'ba. É meio difícil para vocês pronunciarem, eu sei."

"Meu nome é Ulrich, sou estudante de música."

"É mesmo? Que instrumento toca Ulrich?"

"Violino. Ainda estou longe de tocar bem, mas tenho me esforçado muito. Como é a música na África?"

"Lá não temos violino. Os africanos tocam tambores, a maioria das músicas são feitas com instrumentos de percussão."

"Temos percussão aqui também, mas ela ocupa um pequeno canto sem importância em nossas orquestras. O senhor gostaria de me ouvir tocar? Da próxima vez que vier posso trazer meu violino e tocar um pouquinho."

Meu almoço foi agradável, o menino não deveria ter mais de quinze anos e um sorriso puro. Depois que ele partiu, sorri ironicamente com uma idéia que me ocorreu, mas em seguida o sorriso desapareceu e foi substituído por uma preocupação: poderia uma sucessão constante de bons acontecimentos me fazer realmente gostar de estar onde estou? É a história da raiz que vai fixando-se cada vez mais fundo em um terreno, até fazer o prisioneiro lutar para que a porta de sua cela permaneça sempre fechada.

Continuei emendando idéia em idéia e comecei a me sentir culpado por não estar me sentindo mal. Cheguei até a pensar em ficar exatamente como o chefe indígena, pois ele é quem honrava suas origens protestando contra a opressão que sofríamos. Lembrei-me de Fanny, a moça que havia chorado por me ver enjaulado, recoloquei-a mentalmente dentro do hipotético zoológico africano para exibição de europeus. Imaginei-a conversando com as pessoas que vinham visitá-la, escrevendo seu diário e até, eventu-

almente, sorrindo. Esse raciocínio imaginativo, não sei por qual razão, anulou minha culpa e me confirmou que eu estava correto em agir como agia.

Aliviado e descansado contemplei uma bela tarde, que aos pouco tornava-se noite. Acompanhei o caminho dos raios de sol por entre as árvores e depois descendo até o chão formando manchas douradas. Vi o movimento sutil das sombras surgindo pequenas e ampliando-se gradualmente, sem barulho. Para os desatentos elas sempre tiveram onde estavam. Mas uma das poucas vantagens de alguém na minha condição é poder prestar bastante atenção nas coisas. Reparei também na rotina dos passarinhos, como se alimentam e a que horas vão dormir. Eles têm um mundo particular cheio de regras comportamentais e horários biológicos. Talvez para eles, tenhamos a mesma importância que eles têm para nós, somos molduras do cotidiano que raramente algum pássaro se dá ao trabalho de reparar. A não ser quando esses gigantes parecem oferecer perigo, mas mesmo aí, o que temem é o perigo em si e não os gigantes. E com duas ou três batidas de asas são eles que se tornam gigantes e nós pequeninos.

E essa é uma das grandes desvantagens de minha condição, mesmo sem asas, eu queria poder ver esse grande sol dourado morrer na linha do horizonte, enxergar aquele festival de lilases, roxos e amarelos que sobram depois que o sol morre e antes que a noite nasce. Daqui o ferro escuro emoldura minha visão, e na direção do poente vejo uma grande árvore com folhas que lembram lágrimas.

Não posso deixar que a melancolia me invada. Hoje, logo no início da tarde, duas senhoras bem vestidas ficaram me observando por um bom tempo. Elas cochichavam entre si e riam embaixo das mãos. Isso é normal acontecer, mas nunca as pessoas que agem dessa maneira ficam tan-

to tempo em frente da jaula. Não senti a menor vontade de conversar com elas, pois me pareciam pessoas que se julgavam superiores e estavam ali apenas para confirmarem para elas mesmas essa condição. Mas a permanência delas foi me irritando e decidi ser irônico:

"Eu poderia ajudá-las em algo?"

Elas riram muito de minha frase. Abraçaram-se para não perder o fôlego, tiveram que baixar uma das sombrinhas que as protegia do sol porque abraçadas uma ficava sobrando. Esse pequeno incidente fez renovar a força de suas gargalhadas. Isso me irritou ainda mais e decidi deitar-me em minha cama justamente para evitar respostas mais ríspidas. Deitado, continuei ouvindo seus risinhos e boabagens, mas esperando que elas se cansassem e fossem embora. Após alguns instantes de silêncio ouvi o som de alguma coisa batendo na grade de minha cela. Levantei a cabeça e vi que uma delas usava sua sombrinha para produzir o som. Quando ela me viu disse:

"Claro que pode nos ajudar. Dê umas cambalhotas e se pendure na grade que queremos dar umas risadas."

Tive vontade de fazer muitas coisas, a primeira foi levantar-me rapidamente e torcer seu braço até quebrá-lo, também pensei em cuspir-lhe na cara e xingá-la. Acabei apenas baixando a cabeça e fingindo que estava dormindo. Mas elas sabiam que eu estava acordado e por um bom tempo gritaram, chacoalharam as grades e atiraram pedrinhas em mim. De repente ouvi a voz de Hans que as repreendeu com todo o rigor. Elas ficaram quietas e pediram desculpas. Se por um lado fiquei grato a Hans, por outro sabia que ele iria querer conversar comigo, saber o que elas tinham feito e dito. Eu não queria conversar com ele e, sobretudo não queria repetir o que elas disseram. Mas ele não veio falar comigo, permaneci deitado em minha cama

e ele seguiu adiante. Talvez eu não tenha formado uma imagem real dele.

Permaneci imóvel por um bom tempo, muita coisa me passou pela cabeça, mas o que ficou mais impregnado em minha memória foi o som da sombrinha batendo nas grades. Parecia que eu havia engolido uma grande bola de couro que tinha ficado entalada em minha garganta. Meus olhos encheram-se de lágrimas, mas eu não deixei que elas escorressem. Talvez o fato de que eu estivesse deitado tenha ajudado, mas não me deixei chorar, principalmente porque percebi que elas eram criaturas frágeis que procuravam alguém numa situação de ainda mais fragilidade que elas para sentirem menos medo da vida. Coloquei ambas as mulheres dentro do zoológico hipotético para europeus e enxerguei-as abraçadas num fundo escuro de cela, temendo tudo, até a elas mesmas.

As lágrimas secaram sem escorrer e uma meia hora depois eu estava de pé e me sentia bem disposto. A tarde ainda não chegara à sua metade e as luzes brilhavam, dando a tudo uma impressão de saúde. Alguns sorrisos de crianças ajudaram a levantar ainda mais o meu moral, e por um instante, sem que me fosse pedido, cheguei a pensar em dar algumas cambalhotas ou me pendurar nas grades. Não fiz nada disso, mas ri de mim mesmo, e fiquei muito contente com isso. Algumas outras pessoas me dirigiram a palavra mas permaneci calado. Já tinha vivido emoções suficientes para um único dia.

Agora é tarde da noite, é difícil escrever porque a lua cheia perdeu parte de seu brilho. Não sei, acho que talvez aos poucos eu comece a adquirir características de meus vizinhos, e meus olhos ganhem a força dos de um leopardo. Só espero não perder o que tenho de superior a eles. Tenho de aceitar que pessoas como aquelas, ou até mesmo piores

virão me visitar. Acabei agindo corretamente, ficando quieto no meu canto sem responder às humilhações. Se agi bem, não foi assim que meu interior se comportou, entreguei-me ao mar agitado do ódio e da tristeza. Da próxima vez procurarei enxergar os agressores como macacos agitados que chacoalham a jaula e atiram seus dejetos, só o que terei a fazer é desviar dos dejetos. Mas não se guarda nenhuma mágoa de animais que agem assim.

10 de junho

Escrevo de dia porque percebi que não tenho olhos de leopardo. Na última vez que escrevi acordei com os olhos doendo e passei toda a manhã com a visão embaçada. Como já havia previsto, o fato de escrever despertou uma enorme curiosidade no público. Algumas pessoas pensaram que eu talvez estivesse simulando a escrita e me pediram se poderiam ver o que eu escrevia. Mostrei-lhes dizendo se tratar de um diário, que não sabia exatamente a que propósito serviria ou se serviria a algum. Um homem idoso a quem emprestei meu bloco, caminhou alguns passos até encontrar um banco e por quase meia hora leu o que eu tinha escrito. Durante esse período fiquei bastante inquieto, pois temi que ele pudesse desaparecer com meus escritos.

Ele devolveu-me tudo, disse-me que era professor aposentado de alemão e que tinha ficado muito impressionado com o que lera e principalmente com a maneira como eu utilizava a língua. Apertou-me a mão através da grade, foi a mão dele que entrou dentro da cela. Depois, tirou do bolso uma cópia do Fausto de Goethe, disse que era um

presente. Agradei-lhe emocionado, ele despediu-se e nem lembrei de perguntar seu nome.

Conheço esse livro praticamente de cor, aprendi boa parte do alemão que sei nessas páginas. Era um dos livros favoritos dos frades, que o utilizavam como um exemplo das possibilidades que a vida oferece e de como o mal pode apresentar mil faces. Na verdade alguns frades faziam esse tipo de interpretação, outros apenas usavam o livro para falar do demônio e de sua presença constante ao nosso lado, sempre esperando momentos de fraqueza para se manifestar.

Sempre tive dúvidas sobre o real significado desse livro, talvez existam muitos ou nenhum. Talvez ele sirva apenas como uma máquina que ajuda a pensar expandindo o raciocínio em qualquer direção que desejemos. Não deixa de ser uma enorme coincidência aquele senhor ter me apresentado justamente com esse livro. Vou relê-lo, agora com olhos diferentes, olhos de um homem que vive com animais, mas separado deles.

A leitura poderia me ajudar a passar as longas tardes tediosas, principalmente aquelas durante a semana, quando o dia está nublado e os visitantes são poucos. Já sei o que vou fazer amanhã, junto três folhas de papel e escrevo um pequeno cartaz "Aceita-se livros. Doações aqui." Reparei que meu bloco de papel está acabando, ainda poderia escrever no verso das páginas. Vou tentar pedir para o Hans se ele me arruma papel, senão peço para os visitantes mesmo.

Hoje pela primeira vez alguém entrou em minha cela. Foi um médico que veio me examinar. Veio acompanhado por um policial armado que também entrou na cela. Percebi que tinha medo de mim. Só falava comigo através de monossílabos e não sei se foi minha impressão, mas me pareceu que sua mão tremia enquanto me examinava. Pediu-me

para botar a língua para fora, depois olhou no fundo de meus olhos. Trazia uma prancheta onde fazia anotações. Pedi se ele poderia me arrumar algum papel e ele me deu uma folha. Fez-me algumas perguntas sobre minha digestão, meu sono e quantas vezes eu evacuava por dia. Depois olhou meus dentes e perguntou-me se eu já tinha tido problemas dentários. Apesar de estar constrangido com aquela situação, ele parecia querer fazer seu trabalho da melhor maneira possível.

Enquanto ele me examinava, o policial caminhava de um lado para outro, suas botas com saltos de madeira faziam um barulho ritmado e isso começou a me irritar. O clima constrangedor acentuou-se quando o médico pediu para examinar minhas partes íntimas. Pensei em não permitir tal exame, acabei apenas perguntando-lhe se aquilo era realmente necessário. Ele respondeu-me com um "Infelizmente". Percebi que tanto para mim quanto para ele o melhor a fazer seria acabar logo com aquilo. Mostrei-lhe o que pediu e em poucos minutos fiquei novamente sozinho na cela. Na saída pedi se ele poderia me arrumar outra folha de papel, ele me deu mais duas.

Aproveitei essas folhas para escrever o cartaz em que pediria livros e papel. Mas enquanto escrevia, minha mente continuava fixada na visita daquele médico. Será que eles também examinavam as partes íntimas dos elefantes, ou pediam para os leões para verem seus dentes? Não fiquei com raiva do médico. Mas percebi que algo maior do que ele e do que eu estava preocupado com minha saúde. Não com minha pessoa e nem com o sofrimento que alguma doença pudesse vir a me causar, mas sim que essa eventual doença poderia colocar em risco, ou diminuir o valor de um bem pertencente a esse alguém maior do que nós dois. Eu e o médico éramos igualmente engrenagens da mesma

máquina, talvez ele fosse aquele que se conectava a mim, e cuja missão era manter meu funcionamento harmonioso. Verificaria se todos meus encaixes estão inteiros, se estou bem lubrificado, então eu e ele continuaríamos girando e movendo outras engrenagens que desconhecíamos.

Por outro lado, tanto eu quanto ele éramos, além disso, também outra coisa. Tive a oportunidade de olhar fundo dentro de seus olhos enquanto ele olhava dentro dos meus. Apesar de todas nossas diferenças aparentes, o que enxerguei lá foi o mesmo que enxergo quando me olho no espelho. Se somos engrenagens de uma máquina, somos também grandes máquinas individuais compostas de infinitas engrenagens. Estamos repletos de ranhuras e encaixes que servem para conectar máquinas individuais com outras semelhantes. Mas me parece que não sabemos que essa complementação é possível, e desperdiçamos grandes possibilidades, nos contentando em apenas fazer com que a grande máquina funcione. Tornamo-nos peças, que após algum tempo de uso, são substituídas por outras iguais a elas.

Enquanto os olhos do médico me falavam do eterno, suas perguntas e seu modo mecânico de agir soavam como o barulho de um relógio de parede, que conta que para o fim falta sempre um instante a menos. Dois mundos opostos acontecendo simultaneamente. O barulho do relógio foi substituído pelo das botas do policial, outro símbolo dizendo a mesma verdade. O disfarce é sempre uma dissimulação eficiente, principalmente quando é muito parecido com o original, se nos disfarçamos de nós mesmos, temos grandes chances de enganarmos a todos...

Por isso escrevo um cartaz disfarçado daquilo que gostaria de dizer, ficou assim o que escrevi:

ACEITO LIVROS, PAPEL E IDÉIAS (INDIVIDUALMENTE OU EM GRUPO).

20 de junho

Alguns livros que recebi dos visitantes nesses últimos dias: "O castelo mal assombrado" de E.T.A. Hoffmann, "Poesia sentimental e romântica" de Schiller, "Confissões" de Jean-Jacques Rousseau, "A tulipa negra" de Alexandre Dumas, "Confissões de um filho do século" de Alfred Musset. Além disso, recebi alguns blocos de papel, muitos lápis e até uma caneta tinteiro, com tinta extra e um mata-borrão. Não esperava que as doações viessem em tanta quantidade e tão rápido, tanto que resolvi retirar o cartaz por enquanto.

Depois de mais de vinte dias de confinamento comecei a conhecer melhor os visitantes, reparei que os rostos são sempre diferentes, mas qualquer pessoa que venha, sempre consigo encaixar em um dos três seguintes grupos: aqueles que acham minha presença aqui algo engraçado, vêm me ver para dar algumas risadas e sempre esperam de mim alguma atitude extravagante, algum movimento brusco ou até um grito, que pode ser tanto de alegria quanto de ódio, tanto faz. Buscam um divertimento fácil, e percebo que me visitam, para no fundo, tentarem acreditar que seus cotidianos são menos insuportáveis do que julgam.

Um segundo grupo é formado por aqueles que falam baixo e nunca me olham nos olhos. Percebo que não estão muito confortáveis com minha presença aqui, mas vêm me visitar movidos por uma curiosidade mórbida, como as pessoas que rodeiam alguém que foi pisoteado por muitos

cavalos. Há ainda um terceiro grupo, são aqueles que por diversas razões, nem todas humanitárias, se solidarizam com minha situação e procuram conversar comigo. Criticam minha presença aqui, doam-me livros, dizem que escreverão artigos em jornais criticando minha situação. Às vezes até me trazem alguma comida que procuram passar pelo buraco da grade. Isso é proibido, se os guardas vêm apreendem o alimento, pois devo comer apenas o que a direção do zoológico fornecer. Confesso que esse grupo é o mais heterogêneo de todos, e muitas pessoas que me trataram muito bem e disseram palavras bonitas em minha defesa, não me inspiram a menor confiança.

Confesso também que nos dois grupos anteriores consegui distinguir pessoas que tinham bons olhos, apesar de pouco eficientes. Então, no fundo, apesar de conseguir fazer essa distinção de grupos, ela me é pouco proveitosa.

De qualquer forma, nesses vinte e poucos dias em que estou aqui, já prestei mais atenção no ser humano do que em toda minha vida. Há muito mais pontos em comum do que diferenças entre os homens. Talvez haja apenas um homem, que é embalado de muitas maneiras. Os três tipos humanos que descrevi são na verdade três cores de embalagens, por mais opostas que sejam as reações de qualquer um em relação à minha pessoa, acho que para todos eles alguma coisa deve ficar depois da visita. Talvez os que me humilharam serão os que mais proveito terão por terem me visto. Os piedosos sempre encontram outras possibilidades de exprimir seus sentimentos.

Ontem pela primeira vez recebi a visita de um homem que se dizia da direção do zoológico. Veio logo após o fechamento do parque. Trouxe-me algumas frutas e pediu se poderia entrar na cela. Consenti e ele abriu-a com a chave que trazia. O homem, de meia idade tinha a pele avermelhada,

uma barriga enorme e suava muito. Ao contrário do médico, ele parecia muito à vontade ao meu lado. Sentamo-nos em minha cama. Vou ver se me lembro de nosso diálogo:

"Veja essas bananas, são da tua terra. Nós temos nos esforçado para te dar sempre tudo do bom e do melhor, e o senhor tem retribuído nosso esforço com um comportamento exemplar."

"Agradeço os elogios, o senhor me permitiria uma pergunta?"

"Claro, faça quantas quiser."

"Minha situação é definitiva ou temporária... eu voltei a ver minha família?"

"Mas é claro que sim. Está aqui por um período determinado de tempo. Você me pergunta quanto... eu não sei te responder, poderia te dizer três meses, oito meses, dois anos, mas então essas datas chegam e continuamos precisando do senhor, daí com toda razão ficará furioso conosco. Por isso não quero te dizer por quanto tempo residirá aqui. Isso vai depender de uma série de fatores, como a venda de bilhetes ou o agendamento de futuras exposições. O senhor faz parte dessa exposição que até agora é o maior sucesso de todos os tempos no zoológico de Berlim – O ser humano dos cantos perdidos do mundo."

"Vocês têm um esquimó, um indígena..."

"Sim, mas estamos esperando outros exemplares, pigmeus africanos, índios da América do Sul, aborígenes australianos e até uns canibais de umas ilhas próximas ao Sião."

"Então a exposição ainda nem está pronta?"

"Não está, mas mesmo com apenas três indivíduos expostos nunca vendemos tantos ingressos. Agora vou contar um segredo para o senhor, tivemos a idéia de fabricar miniaturas de vocês três. Um artesão fará um molde de madeira e a partir dele fabricaremos cópias do tamanho de um

palmo. O senhor será famoso no mundo todo, venderemos esses bonecos numa loja que abriremos logo na entrada do zoológico. Não fica contente com isso?”

“Fico. Percebo que o senhor é um bom homem e por isso vou abrir meu coração. Aqui dentro sempre fui muito bem tratado, nunca me faltou nada... mas a liberdade, o fato de não poder ir onde quero, a falta que me faz minha família e minha terra...”

“Te compreendo perfeitamente e me imagino na tua situação. Apesar de trabalhar na administração do zoológico e de ter sido um dos responsáveis pela tua vinda para cá, sei exatamente o que você sente e não vou fingir que tua situação me agrada. Tenho um peso na consciência, mas Deus sabe o que faz, o mundo quis te ver aqui e por enquanto não há nada que eu possa fazer, mesmo se quisesse. Encare tudo como um período transitório, o que em verdade é, não se preocupe muito com números e tenha a certeza de que nós faremos o máximo que estiver ao nosso alcance para que tua situação seja o menos penosa possível.”

Em seguida o homem me estendeu a mão e com a outra me acariciou o ombro. Disse-me que se chamava Heinrich e saiu da cela, trancou-a e depois puxou a porta para ver se estava bem fechada. Já do lado de fora, voltou a repetir que o que eu precisasse poderia pedir a ele.

Depois de refletir um pouco, percebi que aquela minha teoria sobre três tipos de pessoas, dentro dos quais se encaixam todos os indivíduos, era uma grande bobagem. Heinrich tinha algumas características de cada um dos três tipos. Era sedutor, convincente, e mesmo me contando que tinha sido um dos responsáveis pela minha vinda para cá, não consegui sentir nenhuma raiva dele. Ele disse tudo olhando fundo em meus olhos, e falava rápido, acreditando no que dizia. Acabou minando minhas energias para con-

trapor seus argumentos.

À noite, tudo o que ele disse flutuou durante muitas horas em minha mente. A palavra "Provisório" era a que mais aparecia nas ondulações de raciocínio, mas lembrei-me como ele flexibilizava o tempo "...três meses, oito meses, dois anos", imaginei a continuação da frase "seis, doze, trinta anos". Misturaram-se ainda a esse caldeirão borbulhante de pensamentos, as expressões de pesar que ele fez quando lamentou-se por minha situação e admitiu que sentia culpa por eu estar onde estava. O que mais me intrigava era que aquele homem parecia estar sendo sincero.

Só consegui dormir bem tarde. Fui acordado logo cedo pelo guarda Hans. O parque ainda estava fechado e ele nunca me acordava antes da hora. Desculpou-se mas me disse que precisava dividir aquilo com mais alguém. Hoje o zoológico só abriria depois do meio-dia. O chefe indígena tinha sido encontrado morto em sua cela. Depois da greve de fome a direção do zoológico resolveu alimentá-lo à força. Procederam assim por três dias, quatro guardas o seguravam e um médico empurrava, através de um tubo que era soprado em uma das extremidades, uma pasta feita de vários tipos de alimentos. Após ser alimentado o semblante do índio não se modificava, mas muitas lágrimas escorriam de seus olhos.

Hoje de manhã o encontraram deitado com a cabeça envolta numa poça de sangue. Examinaram-no e perceberam que um pedaço de sua língua tinha sido decepada, e que era por ali que todo aquele sangue escorrera. Seguramente deve ter levado muito tempo para morrer e a dor deve ter sido imensa. Hans me disse que a cela do indígena era atrás dos três carvalhos grandes, que devem estar a menos de cem metros de minha cela. Eu tinha ficado acordado quase a noite toda e não ouvi nenhum grito, nada. Há poucos

metros de mim um homem decepara a própria língua com os próprios dentes e engolira toda a dor esperando que o sangue escorresse e lhe levasse embora a vida.

Uma carroça da administração veio buscar o corpo. A descrição de Hans afetou-me profundamente. Não consegui sair de minha cama durante todo o dia, e quando alguns visitantes me chamaram com alguma insistência, levantei-me amaldiçoando eles, o império alemão e Deus. Eles responderam-me dizendo que eu estava no exato lugar que merecia estar. Deitado em meu leito desabei em lágrimas e parece que os visitantes que vieram depois compreenderam o estado em que me encontrava e ninguém mais me importunou.

Mas o dia foi horrível, esqueci-me de tudo e de todos. Sentia-me como se estivesse em lugar nenhum e não tivesse nenhuma origem. Talvez, se eu tivesse visto o índio morto, não me impressionasse tanto com a descrição que ouvi. Não que ela tivesse sido detalhada, pelo contrário, ele contou tudo em algumas dezenas de palavras. Por isso mesmo abriu espaço para que minha imaginação prosseguisse criando detalhes, que só aumentavam o grau de sofrimento pelo qual aquele homem tinha passado.

Por algumas vezes coloquei a língua para fora e até fiz uma pressão ligeira com os dentes. A vontade de morrer tem de ser imensa para conseguir fechar a boca. A dor então... talvez tivesse morrido de dor, que provavelmente ainda era menor do que aquela que sentia vivendo aprisionado e sendo alimentado à força.

Esses pensamentos foram se alternando em minha mente durante toda a tarde, mas chegou uma hora em que percebi que teria de me livrar deles pois estavam me conduzindo a um estado depressivo. Após algumas tentativas de transformar meus pensamentos em algo menos triste,

percebi que de uma forma ou de outra a tragédia do indígena sempre retornava. Aos poucos, comecei a sentir minhas pálpebras pesadas. Nunca dormia de tarde, para que o sono não me faltasse à noite, mas dessa vez decidi não resistir. Devo ter cochilado por mais de uma hora e quando acordei lembrava-me perfeitamente de tudo o que sonhara:

Foi tudo muito estranho. Eu estava exatamente onde dormia, e também estava dormindo, de repente levanto-me de meu sono dentro do sono. Caminho pela cela, que era exatamente igual a minha, do lado de fora algumas pessoas me olham sem dizer nada. Reparo que no chão há um pedaço de tecido branco, um recorte de um por meio metro de algo parecido com algodão. O retângulo tem um buraco no meio. Não é um recorte exato, parecia que algo tinha empurrado as fibras que formavam o tecido até que elas cedessem.

Eu apanhei esse pano do chão e o examinei, tentando me lembrar de onde ele tinha surgido. Não conseguindo descobrir sua origem, voltei a sentar-me em meu leito e examinei com mais atenção o pedaço de tecido. Principalmente a parte do buraco, onde as fibras, que tinham sido arrebatadas, pendiam e mostravam exatamente como é que os tecidos são feitos. Uma fibra era uma linha reta que interrompia essa condição em uma curva aguda para depois voltar a ser uma linha reta, até que novamente fosse interrompida virando curva aguda. Nesses espaços em que existiam essas curvas agudas, encaixavam-se outras fibras que seguiam exatamente o mesmo esquema, mas em sentido oposto. Nas curvas agudas das outras fibras elas eram linhas retas e vice-versa. Esse era o segredo da existência do tecido.

É óbvio que eu já sabia daquilo, mas isso nunca havia chamado minha atenção. Mas dentro do sonho a coisa foi

diferente, senti-me como se tivesse descoberto o grande segredo do universo. Mesmo porque, me pareceu absolutamente lógico que não apenas os tecidos fossem construídos daquela maneira, mas sim toda a realidade. Imediatamente comecei a traçar paralelos, o corpo humano, o tempo, as sociedades, consegui fazer algumas analogias que aparentemente comprovavam minha teoria (essa parte do sonho não consigo me lembrar). Estava feliz e orgulhoso de mim mesmo, quando fui chamado de volta para a realidade.

Acordei e imediatamente fui atacado pela recordação do que havia acontecido com o indígena. Entretanto não me esqueci do pedaço de tecido branco e de como suas fibras eram entrelaçadas. Mas desapareceu aquela certeza que possuía enquanto sonhava, de que toda a realidade era composta da mesma forma.

Acordei bem na hora em que o zoológico fecha, os últimos visitantes estavam indo embora e essas são as únicas horas tranquilas do dia onde ainda há luz solar. Percebi que se não tomasse nenhuma atitude, minha mente sugaria a beleza dos raios solares transformando-a em idéias escuras que me levariam a um estado depressivo. Mas não adiantava somente tentar me lembrar de coisas alegres, pois os opostos acabam se atraindo e eu acabaria chegando ainda mais rápido ao lugar que desejava evitar. Teria de optar por algo diferente, algo que não possuísse encaixe, que apenas flutuasse nesse mundo, sem poder ser apalpado. Era claro onde deveria me agarrar, segurei-me no pedaço de pano branco com um buraco no meio.

Eu era uma daquelas fibras e vivia o exato instante de uma curva, o indígena unia-se a mim e nós todos formávamos um pedaço de tecido sem tamanho. Minha fibra era longa, assim como a de qualquer outro, e os entrelaçamentos seriam os pontos de contato com pessoas, que

poderiam estar conectadas a mim por apenas um instante e depois desapareceriam para sempre. Talvez, aqueles que nos acompanham por toda a vida sejam fibras que correm paralelas a nós, mas que nunca cruzam nosso caminho nos fazendo mudar de rumo.

O sol ainda demoraria a se pôr e eu teria longas horas antes que o sono chegasse, sabia que o tempo apagava as feridas e que cada noite dormida servia como uma anestesia gradual, então continuei amarrado ao meu pano inexistente: nossos semelhantes acompanham-nos, seguindo ao nosso lado, mas são as forças perpendiculares que atravessam à nossa frente, diminuindo nossa velocidade e fazendo com que a perfeição da reta seja interrompida, são essas forças, e apenas elas, que fazem com que de nossas vidas resulte algo. É do entrelaçamento, do aprender a desviar do obstáculo, que resulta a formação do tecido.

Não sabia muito se essas idéias tinham alguma validade, mas pelo menos cumpriam sua missão de não me deixar pensar em coisas negativas. As luzes desapareceram engolidas pelas sombras e eu fui jantar. Procurei mais do que nunca sentir o gosto dos alimentos, queria congratulá-me com os sabores e fazê-los conduzir-me a sentimentos positivos e a um sono tranquilo. A refeição estava realmente boa, carne assada, dois sabugos de milho e tomates com sal. De repente lembrei-me que era minha língua que me ajudava a sentir os sabores. Não consegui comer mais nada, nem água consegui beber. Deitei-me abraçado a meu travesseiro e fiquei escutando os gritos dos animais. Mesmo sem conseguir enxergar rabisquei essas palavras no escuro. A noite foi longa e a voz do leopardo nunca pareceu estar tão carregada de sofrimento.

A noite lambeu minhas dores e anestesiou com sua saliva meu sofrimento. Não me lembro de ter sonhado com nada, mas acordei bem. Ainda sentia o que tinha acontecido com o indígena, mas sabia que cada instante que passasse se encarregaria de diminuir esse incômodo. Apanhei um dos livros que havia ganhado dos visitantes "A tulipa negra" de Alexandre Dumas, folhei-o e percebi que narrava a história de um encarcerado. Isso me interessou bastante e decidi que seria por ele que começaria minhas leituras. Mas não naquele instante. Minha mente circulava por todos os lados, recordações e desejos alternavam-se como centro de minhas atenções, não teria concentração para ler nada.

Logo de manhã Hans veio conversar comigo, começou querendo contar mais detalhes sobre a morte do indígena. Disse-lhe com rispidez que não queria ouvir. Ele então começou a falar do esquimó, disse que a direção do zoológico estava preocupada, pois ele estava comendo cada vez mais. Estavam arrependidos por tê-lo trazido porque ele dormia o dia inteiro e ninguém pagava ingresso para ver um homem dormindo. Nesse instante ocorreu-me uma idéia. Procurei desviar de rumo o assunto, para que não levantasse suspeitas. Perguntei a ele sobre sua família e escutei durante uma boa meia hora longas histórias desinteressantes, fiz várias perguntas demonstrando interesse. Acho que se ele não tivesse de trabalhar, teria fôlego para contar suas histórias durante o dia inteiro.

Quando finalmente partiu, minha mente só tinha olhos para uma idéia, eu faria o mesmo que o esquimó, dormiria durante as horas de visitação e ficaria acordado de noite. Eles perceberiam que os visitantes não queriam ver ninguém dormindo e encurtariam minha permanência. A prin-

cípio aquilo me pareceu a solução perfeita. Alegrei-me com minha esperteza e lembrei-me da África e de minha família.

Depois comecei a raciocinar se aquilo era tão perfeito quanto parecia. Quem garantiria que eles não tomariam medidas para que eu permanecesse acordado durante o dia? E não era só isso, o que eu faria a noite inteira acordado em meio àquela escuridão escutando os gritos dos animais? Além disso, havia o lado prático das coisas, não sabia como o esquimó fazia, mas era muito difícil dormir durante o período de visitação, eu mesmo só havia conseguido cochilar uma vez. As pessoas falavam alto, riam, às vezes alguns deles jogavam pedrinhas ou então batiam nas grades para querer conversar.

Decidi que manteria meus horários. Pelo menos esperaria para ver o que aconteceria com o esquimó antes de tomar qualquer decisão. Mas aqueles instantes em que acreditei ter encontrado o caminho, foram os primeiros em muito tempo, em que um raio de esperança tinha invadido meu coração. Seguramente a primeira vez desde que havia deixado a África. E assim como veio desapareceu. Mas pelo menos percebi que ainda posso receber essas luzes.

Almocei tranquilamente com um casal à minha frente, eles traziam sua filhinha de uns quatro anos para me ver. A mãe pedia para que a filha acenasse com a mão para mim, respondi o cumprimento e a criança sorriu. A menina continuou acenando e aproximou-se da cela. Reparei que sua mãe inquietou-se com essa proximidade. Ela atirava-me beijos e perguntou meu nome. Perguntei o dela, era Helga e tinha quatro anos. Ela enfiou a mão para dentro da cela, acho que queria apertar minha mão. Percebi que aquilo poderia causar alguma situação embaraçosa e afastei-me das grades. Ao mesmo tempo pude observar o pavor no rosto da mãe, que reprimiu com veemência a atitude da filha.

Deu um tapa na mãozinha dela e transformou seus sorrisos em lágrimas. Continuei meu almoço, e antes de ir embora o pai da menina passou em frente da cela, e meio sem jeito me disse "Obrigado".

Fiquei tentando entender por quê ele me agradeceu, seria porque eu não tentei devorar sua filha, porque acenei com gentileza para ela, ou porque suportei ver que sua mulher temia que eu cometesse algum ato bárbaro? Não cheguei a conclusões. Mesmo porque não tive tempo, o zoológico hoje estava muito cheio. Tenho a impressão que hoje deve ser domingo, aqui dentro perco completamente a noção de tempo, e se não estivesse contando as noites com riscos no papel, teria muitas dificuldades para saber se até agora passei 24 dias ou três meses aqui dentro.

Logo depois que a família partiu chegou uma outra, era um senhor na faixa dos cinqüenta e poucos anos muito bem vestido, estava acompanhado pela esposa, um pouco mais jovem do que ele e por dois filhos na faixa dos dezoito ou vinte anos. Logo que chegou o homem cumprimentou-me com cordialidade e apresentou-me sua família cujos nomes acabei esquecendo. Só o dele guardei, era Fritz, professor de história na universidade de Berlim. Disse-me que essa não era sua especialidade, mas que tinha uma enorme curiosidade pela história da África.

Quis saber a qual tribo eu pertencia, como tinha vindo parar ali, o homem parecia muito culto e era muito curioso. Citou de cabeça várias tribos de regiões próximas à minha, os Mbinga, os Ngindo, os Hehe, os Nguni, os Mwera e os Zaramo. Por causa de sua pronúncia, cada um desses nomes me consumia tempo para que ligasse a palavra à respectiva tribo. Ele queria informações sobre esses povos, disse-lhe que conhecia algumas dessas tribos, mas superficialmente, talvez menos do que ele. Raramente as via, algumas eram

mais pacíficas, outras resistiram com mais derramamento de sangue à ocupação germânica, mas todas elas caçavam e plantavam, tinham seus líderes e deuses.

Ele disse que tinha gostado de minha definição e que talvez ela pudesse ser aplicada também aos europeus. Perguntou-me então sobre o povo Maji Maji, conhecidos por serem guerreiros destemidos que nunca se rendiam e que acreditavam que através do feitiço tornavam-se imunes às balas dos invasores. Eu conhecia essa história mas nunca tinha visto um Maji Maji. Disse-lhe que se isso fosse verdade eles eram grandes estúpidos. Ele sorriu e afagou minha mão através das grades. Toda a família parecia muito simpática e curiosa.

Durante um bom tempo eles me bombardearam com todos os tipos de perguntas, fiquei com a boca seca de tanto falar, mas aquilo não me incomodou, pelo contrário, fez-me sentir útil. Contei-lhes sobre a tortura, as humilhações, a terrível viagem de navio, eles escutavam tudo com atenção e entristeciam-se quando narrava meu sofrimento. A família despediu-se de mim, e depois que os filhos e a esposa tinham se afastado alguns metros da cela, Fritz falou-me baixinho, que não deveria me contar, sob pena de pôr em risco a própria vida, mas que diante de tantas revelações que eu tinha feito queria fazer também a sua, pertencia a Franco-Maçonaria, definiu-a como uma ordem mística de auto-ajuda, e disse-me para que eu não me preocupasse, pois minha situação era extremamente provisória.

Depois que ele foi embora percebi que a expressão "extremamente provisória" não queria dizer absolutamente nada, mas isso não diminuiu a simpatia que senti por Fritz e toda sua família. E esse carinho por um grupo de pessoas me conduziu a um estado melancólico, como ele, eu queria

estar rodeado por familiares. Percebi que vivia um daqueles instantes em que normalmente as tristezas mais profundas aproveitam para se instalar. Precisava me ocupar, peguei o livro "A tulipa negra", havia um prêmio de cem mil moedas de ouro para o primeiro cientista que conseguisse produzir uma tulipa negra. Com um dinheiro desses, eu compraria minha liberdade e voltaria para a África, talvez pudesse trazer toda minha família para a Europa, compraria algum comércio e viveria feliz, meus filhos conviveriam com crianças européias e talvez um dia... não adiantava eu não conseguia me concentrar, meus pensamentos voavam em direção à minha família, qualquer frase do livro seria traduzida no brilho dos olhos de meus filhos. Nada que eu fizesse me soaria honesto. Talvez a tristeza moderada fosse algo que não devesse ser evitado. Os dias, e as noites de sono se encarregam de dissolvê-la, e ela sempre acaba deixando algo de bom.

Deixei que as lágrimas escorressem, as cores do mundo empalideceram mas não permiti que desaparecessem. Quando meu rosto secou, me senti melhor. Tive vontade de fazer algo de prático. Quebrei a cabeça para descobrir o quê, tão poucas possibilidades estavam ao meu alcance. Lembrei-me do cartaz que havia feito, pedindo doações de livros e papel, escrevi outro:

SINTO FALTA DE MINHA FAMÍLIA ,
QUERO TÊ-LOS COMIGO.

Assim que terminei de escrever percebi a burrice que tinha feito. Se acatassem meu pedido, eu estaria deliberadamente condenando meus familiares à minha condição. Rasguei o cartaz e fiquei pensando em outro texto, nada me ocorria que não desse a possibilidade de pensarem

que os queria aqui, ao meu lado. Depois rabisquei algumas folhas simplesmente pedindo liberdade. Rasguei tudo, era melhor ir deixando as coisas como estavam. A dor da ausência de minha família era muito menor do que a eventual dor de vê-los ao meu lado.

23 de junho

Agora há pouco tive uma notícia surpreendente. Heinrich, o administrador do zoológico veio me visitar novamente. Entrou em minha cela, cumprimentou-me com entusiasmo e me disse que tinha ótimas notícias para mim. Sentou-se em minha cama enquanto eu permaneci de pé. Encheu-me de perguntas sobre como estava a comida e como eu me sentia. Respondi a tudo com monossílabos. Aquele comportamento exuberante e falastrão, pouco típico de europeus, começou a me incomodar, lembrei-me de que ele próprio tinha me confessado que foi responsável por minha captura. Por alguns instantes odiei-o, pensei em contar-lhe meu sofrimento, o sofrimento que impôs à minha família, pensei em matá-lo com minhas mãos, lembrei-me do que ele tinha dito "a boa notícia", não queria estragar tudo, talvez eu estivesse prestes a ser libertado.

Respirei fundo. Enquanto ele falava eu olhava para o outro lado, o céu estava azul, o leão caminhava de um lado para o outro. Contive-me esperando a notícia, mas ele parecia que queria me torturar, falava de tudo, falava muito. Isso foi me causando uma revolta no estômago e eu acabei vomitando próximo a seus pés, o que serviu para me acalmar bastante, principalmente quando vi em seu rosto uma profunda expressão de repulsa. Ele calou-se e depois disse

que tinha algo muito importante a dizer, mas que talvez não fosse aquele o momento apropriado.

Mais calmo, disse-lhe que por favor contasse logo o que tinha a dizer. Que não se preocupasse porque de vez em quando meu estômago rejeitava a comida sofisticada do zoológico, porque ainda estava acostumado a comidas mais primárias, como raízes e carne de animais selvagens. Essas últimas palavras pronunciei-as com um toque de ironia, que notei, ele percebeu. Pela primeira vez reparei em seus olhos uma ponta de medo. Levantou-se de minha cama e começou a caminhar pela cela, aproximando-se da porta. Divertiu-me seu medo, e percebi que o assustei ainda mais porque eu estava sorrindo.

Eu queria que ele falasse, então decidi afastar-me dele, sentei em minha cama. Ele imediatamente acalmou-se e começou a falar, não sei até que ponto o que me contou era uma boa notícia: disse-me que em algumas semanas, não soube precisar quantas, o zoológico receberia a ilustre visita do imperador Guilherme II, governante supremo do segundo Reich, e que para essa visita eu teria algumas normas a obedecer. Explicou-me que as possessões germânicas na África eram muito importantes para o império, e que de alguma forma eu as representava em território europeu. O imperador já havia manifestado o desejo de conhecer pessoalmente "um homem vindo de terras tão distantes, onde seu império tinha se esforçado tanto para instruir os indígenas e fazê-los compreender e apreciar as vantagens da civilização."

Em seguida ele começou a explicar detalhes de como eu deveria me comportar. Interrompi-o com rispidez perguntando-lhe se a surpresa se referia apenas à visita do imperador. Levantei-me da cama e aproximei-me dele, reparei que suas mãos tremiam, recuei dois passos e ele conseguiu me

responder que sabia que o que me interessava de verdade era minha liberdade. Mas que a visita do imperador era um grande passo nesse sentido. Não que eu fosse tratar diretamente com ele sobre esse assunto. Mas após a visita – ele usou essa expressão – “grande parte de minha missão já estaria cumprida”. E depois, ele me disse, grande parte da novidade da minha presença ali, iria se esgotando com o passar dos meses. E que eu poderia ficar tranqüilo, ele dava sua palavra de honra, de que não me manteria encarcerado nem mais um minuto do que fosse estritamente necessário.

Em seguida recomeçou a falar em seu ritmo normal, descreveu a dor que sentia por ter sido responsável por eu estar aqui, me disse que era um homem cristão e sabia que um dia pagaria por seus atos. Mas que precisava cumprir as ordens que recebia. Sutilmente voltou ao assunto que lhe interessava, o meu comportamento diante do imperador. Algumas horas antes da visita algumas pessoas viriam me trazer um traje típico. Não consegui entender exatamente o que eles chamavam de típico. Para isso, nos próximos dias um alfaiate viria tirar minhas medidas. Disse-me que caso o imperador me fizesse alguma pergunta, o mais provável seria que ele não conversasse comigo, eu deveria responder sempre da maneira mais concisa possível, sempre elogiando o tratamento dispensado a mim pela direção do zoológico, jamais pedir coisa alguma e sempre terminar as frases por “Sua majestade”. Caso ele me perguntasse algo referente ao que eu achava de ter sido capturado em minha tribo e trazido para Berlim, algo muito pouco provável, eu teria de dizer que havia entendido o propósito de minha estada, que era mostrar ao povo germânico como são e como vivem pessoas vindas de terras longínquas e pouco desenvolvidas. Diria também que me sentia útil por, de uma certa forma, estar levando cultura aos europeus, e que por

isso, estava muito agradecido ao imperador.

Seguiram-se a essas explicações muitas outras, detalhes mínimos sobre onde deveria posicionar minhas mãos e que nunca deveria olhar diretamente nos olhos do imperador. Enquanto ele desfilava esses e outros detalhes, permaneci calado, mas distante. Acho que ele pensou que eu prestava bastante atenção, mas minha mente flutuava, aquela poderia ser minha grande chance, talvez um pedido de clemência, com minhas lágrimas molhando as botas do imperador. Ou então uma explicação calma, uma conversa franca em que lhe demonstraria o absurdo e a violência que representavam minha presença aqui, poderia mencionar a falta que me faz minha família, poderia falar da morte do chefe indígena, poderia até dizer que agüentaria de bom grado ficar mais algum tempo se soubesse exatamente quanto.

As ondas de pensamento acalmaram-se e a maré calma trouxe reflexões mais lógicas, provavelmente eu não teria mais do que alguns segundos diante do imperador, não poderia ser prolixo, teria de concentrar minhas reivindicações em uma ou duas frases. Percorri tudo o que vivi desde que aqui cheguei, tentando englobar tudo o que sentia em umas poucas palavras. Tive grandes dificuldades, não queria que a frase descambasse para simbolismos ou metáforas, teria de ser direto sem parecer agressivo, respeitoso, mas sem perder o tom de denúncia. Lembrei-me de suas palavras "dentro de algumas semanas...", eu teria tempo e não precisaria resolver tudo hoje. Talvez os gritos noturnos dos leopardos me inspirassem.

Antes que me esqueça, não posso deixar de narrar algo que aconteceu ontem. Tinha almoçado e o zoológico estava quase vazio. Comecei a sentir sono e resolvi tirar uma soneca, quando estava quase dormindo alguém

me jogou uma pedrinha. Fiquei enfurecido, levantei-me e ofendi o rapaz que estava bem em frente a minha cela. Ele desculpou-se aproximando-se das grades, nisso apareceu um segundo rapaz da mesma idade e me disse para que eu me aproximasse das grades e olhasse para o outro lado porque tinha algo muito importante a me dizer, mas caso chegasse alguém não queria que percebessem que estávamos conversando. Eles eram jovens e tinham olhos bons, resolvi obedecê-los.

Disseram que estavam ali para me ajudar, queriam libertar-me. Tinham uma chave que talvez abrisse a porta de minha cela, segundo eles essas chaves eram todas muito parecidas. Iriam atirá-la para dentro da cela enrolada em um papel com um endereço para onde eu deveria ir. Eles me esconderiam por um bom tempo até que conseguissem me colocar em um navio que estivesse indo para a África oriental. Disse-lhes que não queria me complicar, porque minha situação ali era provisória e eu logo ganharia a liberdade. Caso fugisse e fosse pego certamente seria castigado, contei-lhes do castigo que já havia sofrido, e que preferiria morrer a ser castigado uma segunda vez.

Eles me disseram que aquilo era uma mentira, que eles nunca me libertariam e que eu viveria ali até morrer. Contei-lhes da visita do imperador e de que pensava em pedir-lhe pessoalmente a liberdade, os rapazes simplesmente riram de minha idéia. O imperador não escuta ninguém, foi o que eles disseram. Fiquei alguns instantes em silêncio e eles também. Depois disseram que o que estavam me oferecendo seria minha única chance. Depois se calaram, algumas pessoas começaram a se aproximar da cela, eles foram embora e jogaram a chave, ela bateu nas grades fazendo um grande barulho que atraiu a atenção dos visitantes. Rapidamente atirei meu cobertor sobre a chave, enrolei-a e

coloquei tudo sobre a cama. Ninguém percebeu nada.

Depois procurei ser o mais simpático possível com os visitantes, pendurei-me nas grades para fazer crianças sorrirem, enquanto seus pais me apontavam com os indicadores. Troquei palavras agradáveis e superficiais com alguns deles. Talvez houvesse um tesouro me esperando, mas muito provavelmente era apenas vidro quebrado querendo ser diamante. De qualquer forma aquele não seria apenas mais um dia como os outros. As horas custaram a passar, mas finalmente o parque fechou. O longo dia de verão arrastava-se ainda por um bom tempo depois do fechamento do zoológico. Queria testar aquela chave quando estivesse protegido pela escuridão. Não pensava em fugir, mas aquilo sempre poderia ser um último recurso, caso tudo se tornasse insuportável.

Enquanto esperava pela noite escura minha mente viajava, lembrei-me do que disseram "...um navio para a África oriental", talvez fosse melhor fugir naquela noite mesmo. Arriscar-me enquanto ainda estava cheio de energias, imaginei-me velho, com olhos velhos, olhando através daquelas velhas barras de ferro. O que representaria o pior dos castigos diante dessa possibilidade?

Apalpei o cobertor sentindo o formato da chave, que estava envolvida pelo papel com o endereço para onde eu deveria ir. Todos os prós e contras relativos às duas escolhas desfilaram diante de mim, suspeitei que talvez aqueles rapazes pudessem estar a serviço da administração, e estariam apenas testando minha fidelidade. Em seguida achei isso uma tremenda bobagem, por que eles se dariam a esse trabalho? Percebi que os argumentos continuariam se sucedendo e formando seus jogos de contrários. Precisava de uma decisão, e deveria ser radical, ou jogava fora aquela chave e confiava no que a administração do zoológico me

dizia, ou fugia naquela mesma noite, arriscando-me a ser pego e castigado.

Aquela era a decisão mais difícil de minha vida, e foi um detalhe que me ajudou a tomá-la. Anoteceu, e aquela era uma noite particularmente escura. Noite de lua nova. Cheirava como um sinal que a vida estava me dando “fuja, que eu te cubro com minha escuridão”. Decidi. Meu coração pulsava forte, minha mente recordava-se de minha infância, de instantes felizes. Tive de aquietá-la, precisava me concentrar no que estava fazendo. Esperei os animais se calarem. A noite estava densa e sem ruídos, olhei bem ao redor, não, aquilo não era uma armadilha, ninguém me surpreenderia assim que eu saísse.

Apanhei a chave ainda enrolada em meu cobertor, minhas mãos tremiam, recoloquei o cobertor com a chave sobre minha cama, bebi um pouco de água, respirei fundo. Tinha de tomar a atitude de uma só vez, senão nada faria. Retirei a chave envolta pelo papel de dentro do cobertor. Minhas mãos continuavam tremendo, mesmo assim prossegui. Desembrulhei a chave e guardei cuidadosamente o papel no bolso. Enfiei-a no buraco, mas não consegui girá-la. Tentei novamente, e nada. Lembrei-me então do que os rapazes tinham dito “... talvez abra a cela... essas chaves são todas parecidas”.

Não fiquei triste, pelo contrário, tirei um peso enorme de minhas costas. Eu havia tentado, sabia que não foi por falta de coragem que minha fuga não havia acontecido. Talvez os rapazes voltassem outro dia com outra chave, mas aquilo já era outra história. Por enquanto eu teria direito a uma longa e tranqüila noite de sono. Sentia-me em paz com minha consciência. Acordei me sentindo bem, mas logo me lembrei da chave, eu teria de dar um jeito de me livrar dela. O parque ainda estava fechado, mas não de-

moraria muito para abrir. Pensei em enfiá-la dentro de meu colchão, mas aquele cadáver por muito tempo continuaria perturbando meu sono. Atirei-a longe, na direção da jaula dos leões, a chave bateu nas grades assustando as feras, mas caiu do lado de dentro. Caso fosse encontrada pelos tratadores, jamais despertaria suspeitas. O problema tinha sido resolvido.

Lembrei-me então do papel com o endereço para onde eu deveria ir depois da fuga. Eu tinha guardado-o no bolso. A curiosidade me invadiu, nele estava escrito com grandes letras:

LUGAR DE MACACO É NO ZOOLÓGICO.

Ontem, depois que li o bilhete, passei o resto do dia atônito. Minha primeira reação foi achar graça. Como poderia haver pessoas tão bobas a ponto de perderem tempo fazendo aquilo. Num segundo momento percebi que não havia nada de inocente naquela atitude. Aquilo tinha sido fruto de uma maldade profunda. Comecei odiando os autores daquela brincadeira estúpida, mas logo meu ódio espalhou-se por todos os lados, odiei todos os visitantes, até aqueles que eram extremamente gentis comigo. Eu havia acreditado que aqueles rapazes tinham bons olhos, por que não poderia ter me enganado também com os outros? Odiei todos os brancos de maneira indistinta, depois os mestiços e os negros. Mas contra nenhuma pessoa meu ódio foi maior do que contra mim mesmo. Naqueles instantes desejei o mesmo que o chefe indígena realizou. Pri-

meiro tentei encontrar uma forma de realizar o ato, que não fosse tão dolorosa quanto a dele, mas caso não encontrasse, meu ódio seria suficiente para copiar sua atitude.

Gradualmente o ódio foi cedendo e dando lugar a uma profunda melancolia, comecei a achar que o mundo inteiro conspirava contra mim, talvez minha mulher tivesse um amante e os dois tivessem encontrado uma maneira de me mandar para cá. Decidi que não me entregaria, resistiria. Deixei o maldito pedaço de papel cair no chão e fui lavar as mãos, aproveitei para lavar o rosto e decidi que nem o ódio e nem a tristeza me dominariam.

Odiar aqueles jovens estúpidos seria de alguma maneira reconhecer verdade em suas atitudes. Desprezá-los, e até sentir piedade, como ensina a bíblia, seria reconhecer que eles são uns pequenos doentes. Talvez, filhos de uma sociedade doente, que apesar de em sua grande maioria não aceitar o comportamento deles, precisa dessas coisas para continuar funcionando. Para que a doença se prolongue é preciso que o organismo debilitado continue expelindo suas fezes, e de uma certa forma prolongando a duração da enfermidade.

E eu talvez fosse um órgão sadio e produtivo, que a doença tentava com todas suas forças destruir. Olhei-me em meu pote de água, os reflexos eram falhos, a luz excessiva e a pouca profundidade não me deixavam enxergar mais do que meus traços mais elementares. Mas esse esboço de mim mesmo foi o suficiente para que eu visse o que achava que eram meus olhos, e olhando neles jurei para mim mesmo, que eu até poderia ser vencido pelas doenças que me envolviam, mas nunca me entregaria sem combatê-las. Depois desse juramento, como que para selar definitivamente a promessa, bebi da água que dava forma a meus olhos. Então fiquei mais calmo e até alegrei-me com

a chegada dos primeiros visitantes.

Já disse que minha fé cristã foi bastante corroída pela ação da vida e pelos ensinamentos científicos. Não sei se devo acreditar em sinais, mas talvez eu esteja sendo submetido a um grande teste, como quando Deus pediu a Abraão para sacrificar seu filho, e ele destruído e com o coração partido concordou, no exato momento da execução, o criador disse que ele havia superado essa enorme barreira e poupou seu filho. Talvez chegue o momento em que me digam, você já suportou demais, agora é chegada a hora de colher os frutos das árvores que plantou.

Digo isso porque logo no começo da visitação quem veio me ver foi Fanny, a moça que derramou lágrimas por me ver encarcerado. A presença dela me pareceu um sinal divino, seus olhos puros eram um atestado científico de que minhas provações iriam terminar. Mas os olhos dos rapazes que fizeram aquela maldade, eu também havia julgado bons. Talvez Fanny faça parte dessa farsa. Talvez só o que exista seja o demônio e seus pedidos de sacrifício que não cessam e nunca são interrompidos, e após a morte do que mais amamos, o que se escutaria seria uma risada vacilante, repleta de falta de sentido.

Ela me perguntou como eu estava, com sua voz cheia de compaixão, seus olhos começaram a se encher de água, e se não fosse verdade tudo o que ela dizia e sentia, ela deveria ser uma grande atriz. Resolvi então, eu, submetê-la a um teste, fui aos poucos contando o que havia acontecido ontem e reparando em suas expressões faciais. Aos poucos ela foi sendo aprovada, pois seu rosto dizia exatamente o que deveria dizer em cada parte da narração, culminando com muitas lágrimas amargas quando mostrei-lhe o bilhete.

Fechei um acordo comigo mesmo, que em caso de

Deus não existir, o diabo também não existiria. E sem tomar partido definitivo, escolhi temporariamente sepultar todos os poderes divinos e demoníacos. Precisava da lógica científica para analisar os instantes que vivia. Depois que suas lágrimas secaram, ela picou o bilhete em mil pedaços e os jogou longe. Seus belos olhos azuis estavam cheios de ódio. Foi quando percebi que ninguém poderia representar daquele jeito, ela estava sendo sincera. Disse-me que havia escrito cartas a diversas autoridades pedindo minha liberdade, mas que não obtivera qualquer resposta. Organizou um abaixo-assinado onde já havia recolhido mais de quatrocentas assinaturas, exatas quatrocentas e catorze e queria conseguir muitas mais, talvez duas mil, achava que o desejo de tanta gente talvez pudesse sensibilizar o imperador Guilherme II. Sabia da visita que ele faria ao zoológico e achava que essa poderia ser uma boa oportunidade para entregar-lhe o abaixo-assinado.

Ela parecia muito mais desesperada com minha condição do que eu mesmo e isso levou-me a uma pergunta: por quê?

"Porque não é justo."

"Mas há tanta coisa injusta nesse mundo, não quero parecer piegas, mas talvez você pudesse usar tua energia para combater injustiças coletivas. Eu acabo sofrendo ainda mais quando vejo que transmito minha dor a outros."

"Causas coletivas não possuem olhos."

Disse isso e partiu. Decidi então, esquecer-me da precisão da ciência. Fanny era um anjo enviado diretamente por Deus. Talvez não existissem mais esses testes como na época de Abraão, o Deus do final do século XIX trabalharia de maneira diferente. Mas eu não sabia exatamente como. Talvez estivesse sempre por perto, disfarçado, um leopardo, um leão, o sol poente, mas de vez em quando precisava de

um corpo humano, de olhos sinceros e de uma voz suave.

Os visitantes vieram em grande número e tratei a todos com a maior educação, mesmo aqueles que riam e me apontavam com o dedo indicador, com eles eu também ria e também os apontava, o que acabava fazendo que eles se tornassem piada para os outros visitantes. Logo iam embora envergonhados, mas na saída acabavam rindo deles mesmos. Sabia que a luta de Fanny era ingrata e ela dificilmente conseguiria algum resultado, e provavelmente, depois de inúmeros fracassos arrumaria alguma outra causa em que pudesse aplicar seu amor. Mas isso não tinha importância, o que ela já havia feito nunca me abandonaria.

Com uma grande facilidade eu havia saltado da crença para a descrença e voltara a crer. Não sentia nenhuma fisgada de arrependimento. Achei que talvez tivesse encontrado o estado ideal para o ser humano. O homem seria cren-te naqueles momentos que essa condição lhe fosse útil, e deixaria de sê-lo quando não fosse. Essa transição se daria sem punições do eventual deus e nem julgamentos da ciência. Isso não deixava de ser um sistema darwinista de fé, o indivíduo protegendo ao máximo sua vida e adaptando-se ao meio ambiente sem lutar contra ele. Sobreviveriam os indivíduos mais preparados para a mudança.

As acusações de "ignorante" ou "pecador" deixariam de existir, talvez os séculos futuros comprovem essa fusão. Mas isso pode ser só um punhado de idéias de um homem encarcerado que treme de medo e que segura-se nos galhos que lhe parecem mais seguros.

Enquanto vários pares de olhos curiosos me contemplavam fui atacado por uma idéia que, aos olhos dos que me examinavam, tornou-me um boneco estático. Será que esse esquema religioso-científico que eu havia imaginado não poderia ser aplicado também a todos os aspectos da

vida? Dessa maneira colheríamos sempre o melhor dos dois mundos e a vida se tornaria uma eterna primavera florida. Além disso, não teríamos de carregar etiquetas, nem o peso delas, que muitas vezes é imenso. Ganharíamos mobilidade e rapidez.

O dia é o início da noite e a escuridão está contida dentro da luz plena, talvez todas essas pessoas que me olham é que estejam atrás das grades e eu seja o único homem em liberdade. Não importa que eles tenham montanhas e mares dentro de suas celas, e que meu planeta tenha apenas uns vinte metros quadrados.

É claro que deve haver contra-indicações a essa maneira de viver, e talvez seja por isso que eu não conheça ninguém que viva assim. Mas quantas contra-indicações existem à maneira tradicional? Os olhos dos homens são todos meio parecidos, eles dizem com uma voz trêmula "ainda chego lá, se não der não foi minha culpa, vou engolir a mágoa que os outros me impuseram, tenho compensações secretas que suplantam as virtudes alheias.", os olhos seguem desfilando razões que enobrecem cada uma das individualidades que os sustentam. Mas o que parece constante é uma leve e permanente dor, que conforme os anos passam vai mudando a forma sob a qual se apresenta.

Os corpos crescem e envelhecem, mas os olhos permanecem. O alfinete invisível espeta as órbitas oculares por dentro, a dor do viver. Será que se não confiássemos tanto em valores absolutos, dividindo os ovos em duas cestas diferentes, será que esse alfinete não deixaria de existir?

Não sei. Acho que essa gente não pagou ingresso para ver um boneco estático. Caminhei um pouco pela cela e deixei para depois, talvez para nunca mais, a continuação desse raciocínio que me espetava a curiosidade. A noite estava tranqüila, parecia até que os animais selvagens es-

tavam com preguiça de emitir barulhos. Antes de dormir pensei em retomar o fio da meada de meu raciocínio, mas lembrei-me de Fanny, essa lembrança levou-me de volta para a África e quando percebi minhas idéias estavam se encaminhando novamente para o território do ódio. Desviei meu pensamento para futilidades. Talvez tenha sido essa imensa salada de idéias e emoções o que inspirou o estranho sonho que tive.

Eu era um médico e participava de uma reunião com outros médicos, alguma espécie de congresso. Era o único negro e parecia ser a figura central daquele encontro. Falava de minha última descoberta e todos me ouviam com atenção. Dizia que havia descoberto algo que revolucionaria a medicina, pelo menos uma parte dela, aquela que se ocupava da saúde dos anões. Eu havia descoberto, que qualquer que fosse a enfermidade de que o anão sofresse, sempre, e no sonho citei vários exemplos com nomes e datas, a cura seria muito mais rápida se junto aos medicamentos tradicionais fosse adicionado algo que eu chamava de "pó da alegria", uma substância química inventada por mim, que minimizava as dores da vida e realçava as alegrias. Os anões recuperavam-se muito mais rápido do que as pessoas de estatura normal, e havia até um caso de anão, que depois do tratamento com o dito pó, cresceu até a altura de dois metros e onze centímetros.

Finalizei o discurso dizendo que infelizmente o "pó da alegria" só poderia ser usado em anões, o uso em pessoas de estatura normal poderia ser, segundo minhas palavras "perigoso, muito perigoso", depois de dizer isso terminei minha fala com uma grande gargalhada, que se prolongou até que eu acordasse sorrindo.

Passei a manhã inteira de bom-humor tentando descobrir de onde saíram os anões, pó da alegria e tudo mais.

Reparei como meu estado de humor conseguia atravessar as grades e acabava contaminando os visitantes, enxerguei meu leve sorriso refletido nos rostos daqueles que me olhavam. Aquelas figuras alegres e silenciosas combinavam com o dia ensolarado. Um menino de uns nove anos de idade acompanhado por sua mãe, aproximou-se da cela para me entregar um pedaço de papel. Imediatamente lembrei-me do bilhete maldoso dos rapazes. Recuei dois passos, me virei e fingi que estava fazendo alguma coisa. De canto dos olhos pude observar que ele tinha posto o braço estendido para dentro da cela. Segurava o papel e sua mãe tinha uma das mãos sobre seu ombro. Levantei-me e apanhei a carta, ele e a mãe sorriram.

Era uma carta endereçada a mim, que aqui transcrevo na íntegra:

Caro senhor, meu nome é Joseph Phillip Staitmann, tenho dez anos de idade, moro em Berlim com meus pais e minhas duas irmãs mais novas. Estou lhe escrevendo porque não acho certo, seres humanos serem aprisionados em jaulas. Na verdade acho errado até animais ficarem presos, todos deveriam ser livres para fazerem o que quisessem, contanto que não prejudicassem os outros. Também acho que não deveriam existir soldados, guerra e nada disso que faz as pessoas sofrerem. Acho que as pessoas existem para serem felizes, se não são é porque elas mesmas encontram maneiras de deixar de sê-lo. Se pudesse, eu mesmo abriria sua cela e então você poderia voltar para tua terra. Abriria também todas as outras e te pediria para que enchesse um navio com os animais e os levasse de volta para a floresta. Mas sou só um menino.

Não preciso dizer que as lágrimas correram por meu rosto e foram acompanhadas por soluços. Os rostos agora me olhavam preocupados, pensavam que eu sofria, é estranho que a alegria se pareça tanto com a dor. Assim que me entregou a carta o menino partiu, o que foi ótimo, pois preservou o instante maravilhoso congelado no tempo. Dobrei com cuidado a carta e fiquei procurando o melhor lugar para guardá-la. Coloquei-a dentro do colchão. A ela eu poderia recorrer nos momentos de dor, não era apenas uma recordação, que por melhor que seja, sempre vai se despedaçando com o tempo.

Lembrei-me do bilhete maldoso, essa carta não apenas anulava aquela dor, como ainda muita alegria sobrava. Os opostos estavam acontecendo em minha vida, o papel tinha sido a maneira utilizada. Talvez aquilo fosse uma pista da vida me dizendo para não... decidi ir devagar e não me precipitar em decisões, julgamentos e esquemas. Deixaria as coisas acontecerem naturalmente, mas manteria a percepção mais aguçada para perceber eventuais repetições de casos em que o oposto do que parece, é a saída mais evidente para uma situação.

Dormi uma noite tranqüila mas não me lembro dos sonhos, apesar de ter certeza de que eles existiram. O dia foi tão tranqüilo quanto a noite, devido à garoa poucas pessoas vieram me ver, e os que vinham gastavam alguns segundos e logo iam embora sem me incomodar. Passei o dia inteiro lendo, terminei "A tulipa negra" de Alexandre Dumas. O livro me prendeu do início ao final, mesmo porque

encontrei alguns pontos em comum da história com minha vida. Logo que terminei de ler me ocorreu a idéia, de que talvez encontrasse pontos em comum com minha vida em qualquer livro que lesse. Não que eu tenha vivido muitas situações novelescas, mas a predisposição de identificar-me com algo, iria me transformando em diversos heróis, que na verdade não tinham nada em comum entre eles e muito menos comigo. Depois, analisando mais friamente, reparei que por mais que não fossem muitos, havia sim alguns pontos em comum entre a novela e minha vida.

Um prêmio de cem mil moedas de ouro é oferecido pela Associação Hortícola de Haarlem à primeira pessoa que conseguisse produzir uma tulipa negra. O jovem Van Baerle – é com a vida dele que a minha se confunde – é um apaixonado pelo cultivo e pesquisador de novas variedades. Muitas pessoas há muito tempo, tentavam produzir o bulbo que daria origem à tulipa negra, mas ninguém obtivera sucesso. Essa busca e a cobiça gerada pelo prêmio, formam uma rede de intrigas que começa com o assassinato de dois poderosos dirigentes daquele país, os irmãos João e Cornélio de Witt, e acaba envolvendo o jovem Van Baerle, grande amigo dos dois. Nesse ponto tentei fazer uma alusão aos alemães e a minha situação, mas as peças não se encaixaram.

Van Baerle era um grande botânico – eu sempre trabalhei cultivando a terra – e nunca imaginou ser alvo da inveja de seu vizinho Isaac Boxtel. E foi por uma armação dele que Van Baerle foi feito prisioneiro – aqui as coisas começaram a se encaixar, a prisão, talvez a armação e a inveja tenham existido e eu nunca fiquei sabendo. Mas quando isso acontece, ele já havia conseguido produzir alguns bulbos de tulipa negra. Tenta então fazer com que um deles floresça dentro da prisão – como aqui dentro tentei cultivar

bons sentimentos, mas também fiz crescer ervas daninhas. Talvez a comparação não caiba. Acho que todo prisioneiro se julga uma flor no pântano.

Rosa, a filha do carcereiro, apaixona-se por Van Baerle e o ajuda a cultivar o bulbo – é claro, aqui a analogia é com Fanny, apesar de eu não ter me apaixonado por ela, ela seguramente representa Rosa, a beleza que sofre com aquilo que não é belo, a árvore florida que quer que o vento a desfolhe para que o mundo torne-se mais colorido.

Enfurecido com a ligação de sua filha com Van Baerle, o carcereiro Grifo – aqui não faltam equivalentes, mas talvez o que mais combine seja o militar que me chicoteou antes que eu embarcasse no navio – descobre que o bulbo era cultivado na cela e o destrói. Enfurecido, Van Baerle espanca o carcereiro e é condenado à morte – definitivamente ele tinha muito mais coragem do que eu. No exato momento de sua execução ele tem sua pena reduzida pelo príncipe Guilherme Orange (mesmo prenome do imperador Guilherme II), e que espero tenha o coração tão bom quanto o do príncipe, não mais seria executado e sim cumpriria prisão perpétua.

O amor de Rosa por Van Baerle só cresce – talvez aumentem as lágrimas de Fanny. Ela havia ficado com outro bulbo idêntico, e seguindo instruções do amado começou a cultivá-lo. Teve sucesso. A flor nasceu completamente negra.

Boxtel, o invejoso, consegue roubar a flor de Fanny, quer dizer de Rosa, e viaja para Haarlem para receber o prêmio. Os rapazes que me ofenderam com aquele bilhete talvez sejam dois pequenos Boxteizinhos.

Enquanto isso, Rosa conta ao príncipe toda sua história – da mesma maneira que Fanny pensou em contar a minha ao imperador – como tinha sido roubada, e a quem pertencia a tulipa negra. O príncipe escutou tudo com atenção.

Van Baerle é transferido de prisão, acreditando que após ter se envolvido em outra confusão com o carcereiro, finalmente seria executado. De agora em diante cessam as comparações, porque os momentos equivalentes a esses ainda não aconteceram.

No caminho para o que ele acha ser a morte, sua comitiva atravessa a cidade de Haarlem, no exato instante em que acontece a entrega do prêmio a Boxtel.

A comitiva pára. As verdades são reveladas, e Boxtel nega tudo afirmando que são Van Baerle e Rosa que mentem.

O príncipe Guilherme de Orange ordena a Rosa que providencie o mais rápido possível um vestido de noiva, pois Van Baerle será seu marido e os dois receberão o prêmio. Enfurecido com a notícia Boxtel desmaia, quando tentam reanimá-lo percebem que está morto.

Finalmente, para proteger-se dos invejosos, Van Baerle escreve em cima da porta de entrada de sua casa uma frase que ele havia visto riscada numa parede da prisão " Sofre-se tanto na vida que ninguém pode dizer que, de fato, é uma pessoa feliz."

Depois que terminei o livro, mais do que todas as comparações que fiz da história com minha vida, o que realmente me fez refletir foi essa última frase. Logo a arrastei para minha teoria de opostos, então aqueles a quem invejamos talvez nos invejem tanto quanto nós. Vejo um homem rico e bem vestido me olhando, está acompanhado por sua família que parece amorosa. Eu invejo sua liberdade e sua possibilidade de usufruir e proporcionar conforto a si e aos seus. Ele talvez inveje minha falta de horários, meu tempo livre, eu sonho ser um navio ancorado no porto, ele uma barca à deriva que o alto mar joga de um lado para o outro.

Prosegui velejando pela frase e tendo o rosto respingado por seus efeitos: não havia absolutamente nenhuma razão para que se invejasse quem quer que fosse. Dinheiro, poder, beleza, juventude, alegria, nada disso viria desacompanhado em mesma quantidade de uma espécie de lastro negativo equivalente. Todos teriam de pagar, de uma maneira ou de outra, pelas virtudes que possuíam. Só que na maioria das vezes a gente só conseguia enxergar em nós mesmos esse peso oculto das virtudes, nos outros enxergaríamos apenas as virtudes, que sempre ficam mais aparentes.

Se as coincidências resolverem prosseguir, meu futuro será feliz, ou pelo menos terá essa aparência. Não desejo me casar com Fanny, mas talvez a vida encontre outra maneira de me presentear, ou pelo menos me indenizar pelo que já sofri. Depois do desfecho do livro, com aquela frase esquisita deixando uma pista de que a felicidade nunca é absoluta, imagino a continuação do destino dos personagens. Os anos retirando a beleza de Rosa e dissolvendo os ideais de Van Baerle. Uma mulher sem encantos e um homem sem ideais prosseguiriam ainda por muitos anos sua convivência. De noite se perguntariam, enquanto o outro dorme, onde tinham errado. Durante o dia, sem que seus pulmões estivessem precisando de ar extra, dariam suspiros profundos. A vida prosseguiria dessa forma até que um dos dois morresse, então o parceiro, durante um período curto, talvez umas duas semanas, sonharia em reconstruir sua vida, terminado esse tempo acabaria achando que já era tarde demais.

Voltando à frase que encerra o livro, talvez haja um grande perigo em se acreditar muito nela, caso não devamos invejar ninguém, acabamos não ambicionando a nada. Tudo se paralisa, porque a energia vital que move o mundo é construída por esse desejo de se parecer com os outros.

E tanto as boas quanto as más coisas brotam de uma semente mesquinha. Estaria então, o homem generoso comportando-se como uma espécie que deseja a própria extinção? Sua falta de desejo de se parecer com os outros, não seria uma doença, que caso se espalhasse, poderia destruir a humanidade como a conhecemos?

Essas dúvidas começaram a se acumular e a me deixar confuso. Resolvi me esquecer do livro e apenas ficar contemplando o início de mais uma noite. A luz caindo lentamente, os pássaros procurando abrigo, os primeiros gritos entristecidos das feras enjauladas. Percebi como é difícil não pensar em algo, é como jogar uma garrafa nas ondas do mar, elas sempre acabam trazendo-a de volta. E lá veio, dessa vez foram os animais selvagens que atuaram como mar, e talvez, como garrafa ao mesmo tempo. Será que eles tinham desejos? É claro que sim, se as celas fossem abertas eles fugiriam como loucos buscando uma selva que nunca encontrariam, assustados percorreriam as ruas de Berlim, até provavelmente matarem alguém e depois serem abatidos pela polícia.

Não seríamos todos leopardos enjaulados no zoológico de Berlim? Não seria nossa selva de felicidades, inatingível, e qualquer tentativa de libertação, apenas acarretaria em mais sofrimento para nós mesmos e para os outros? Portanto – isso é apenas uma especulação – nosso destino seria conformarmo-nos com o tamanho de nossas celas e aceitar o fato de que dia após dia caminharemos com os olhos cheios de desilusão e as patas cheias de energias desperdiçadas, pelos limites que as barras de ferro nos impõe.

Mas caso isso seja verdade, quanto mais aceitarmos isso menos sofreremos e para que a aceitação ocorra com mais facilidade, sonhos e desejos precisariam ser destruídos.

Um pássaro solitário continuou cantando mesmo no

escuro. Seu barulho era diferente de todos os outros, eu escutava o som, mas não enxergava quem o produzia. Procurei todos os ângulos possíveis para descobrir a ave, porque o barulho parecia bastante próximo. Identifiquei a árvore de onde partia o ruído e atirei uma pedrinha, daquelas que de vez em quando me atiram. Imediatamente uma enorme coruja todinha branca voou em minha direção. Parecia que tinha ficado braba porque lhe perturbaram o sossego e veio verificar quem tinha jogado a pedra. Por um instante vi seus grandes olhos amarelos, ela olhou fundo em meus olhos e voou para longe.

28 de junho

Minha rotina continua. Hora de acordar, de comer, das visitas, fechamento do parque e gritos noturnos dos animais. Nesses dias chuvosos de verão as visitas diminuíram em número e duração. Aproveitei para exercitar-me, escrever meu diário e ler. Percebi que qualquer livro pode trazer algumas coincidências de nomes ou situações, e que isso não quer dizer que a vida está querendo me dizer algo. Consegui até rir de minha tolice, quando achei que minha história combinava com o enredo de "A tulipa negra". Mais ridículo ainda seria achar que o que ainda não aconteceu poderia estar descrito nas últimas páginas do livro.

Livros são apenas histórias para passar o tempo. Mas como o tempo que tenho para matar é imenso, tentei dar a eles uma dimensão mágica que na verdade não possuem.

A chuva tem o efeito benéfico de espantar o guarda Hans, mas hoje de manhã não choveu e ele veio desfilar suas intermináveis histórias, longas intrigas de família. Fala-

me como se eu conhecesse todos os membros de sua família, nunca me pergunta nada e acho que acredita que o que me conta deve me interessar. Às vezes faço uma intervenção tentando desviar o assunto para outro rumo, mas ele sempre dá um jeito de voltar a contar suas histórias. Depois de quase uma hora de falação despediu-se e antes de ir embora me deu a única informação interessante de todo seu monólogo. Estava prevista para hoje a chegada de um novo exemplar indígena – as palavras que ele utilizou foram essas – para substituir o chefe indígena morto.

Depois que ele partiu fiquei analisando essa informação e cheguei à conclusão que ela não representava boa coisa. Era sinal que a exposição se prolongaria por um bom tempo. E que talvez eu tivesse de diminuir minhas esperanças para que também meus sofrimentos futuros fossem reduzidos. Isso foi dito por meu lado racional sem que meu lado emocional escutasse. Depois de um tempo acho que meus dois lados acabaram entrando num acordo e criando uma outra teoria, talvez – acho que nesse acordo ficou acertado que a palavra talvez deveria iniciar a sentença – fosse o contrário, o novo indígena viria porque o encerramento da exposição não tardaria e eles queriam terminá-la com um exemplar de cada raça.

Um terceiro lado meu, aquele que só se ocupa do instante, resolveu esquecer as duas possibilidades, não valia a pena nem sofrer e nem alegrar-me por antecipação. Esse lado que se ocupa de cada instante que vivemos é tão efêmero quanto algumas flores que desabrocham por apenas um ou dois dias. Logo o passado ou o futuro pedem passagem, e esperanças ou arrependimentos mostram seus rostos. Dessa vez quem apareceu foi o arrependimento, depois de ter suportado por uma longa hora toda aquela chatice do Hans, eu deveria pelo menos ter tentado extrair dele

alguma informação a respeito da duração de minha permanência aqui. Sei que ele não deve saber de muita coisa, mas pode tentar descobrir. Só espero que ele não demore a reaparecer, percebi que as pessoas chatas, o são por completo. Não somente no que falam e nas atitudes que tomam, mas também sempre escolhem momentos inconvenientes para aparecerem e somem quando precisamos delas.

Apesar de tudo, não acho que ele seja má pessoa, os chatos em geral não são, acho até que ele faria o que estivesse ao seu alcance para descobrir até quando permanecerei aqui. Mas antes de pedir sua ajuda tenho de decidir se realmente quero saber isso. E se a resposta for "para sempre"? No fundo, de que me serviria essa informação? Tenho de procurar viver o dia-a dia, esquecendo-me completamente do amanhã e guardando recordações nubladas – porque lembranças claras acabam atraindo tristezas do ontem. Tornar-me uma máquina de auto-enganação.

Os caminhos se subdividem, existem muitas bifurcações que aparentemente conduzem a muitas direções diversas, mas no fundo, talvez, tudo seja um grande jogo de espelhos e nós sempre caminhamos em círculos, e a grande e inegável verdade sempre se manifesta: para viver é preciso mentir. É a teoria dos opostos, um grande jogo no qual somos apenas as peças do tabuleiro.

Meu pensamento voa e acaba voltando ao ponto de partida. O propósito desse diário, se é que ele possui algum, não é tecer tratados filosóficos, principalmente de filosofia barata. Mas sim, descrever meus dias para que no futuro isso possa servir para alguém. De que maneira eu mesmo não sei, mas se nada descrevo, essas páginas perdem o pouco sentido que possam vir a ter.

De agora em diante procurarei ser mais descritivo e não me deixar levar por idéias volúveis que bóiam num

mar revolto. Descreverei de maneira mais precisa meu cotidiano, atendo-me a fatos corriqueiros, que podem até não ter importância alguma. Mas, quem sabe, no futuro descubram que o que eu pensava serem apenas cascas de frutas, era na verdade, onde se escondiam as grandes riquezas alimentares.

Sem mais metáforas, descrevo o que aconteceu: ontem descobri que não estou sozinho na cela. Já havia escutado alguns barulhos, mas pensava se tratar de um estalo natural das grades de ferro. Surpreendi-o comendo minha comida, ele assustou-se e fugiu e eu não perdi meu apetite. O camundongo atravessou tranquilamente as barras de ferro e sumiu de meu campo de visão. Imediatamente ocorreu-me a idéia de que minha falta de liberdade era ocasionada por meu tamanho.

Sei muito bem que ratos transmitem doenças, mas acostumei-me tanto com eles durante a viagem de navio que acho que, além de ter adquirido imunidade, perdi qualquer espécie de repulsa. Se ele continuasse freqüentando a cela apreciaria sua companhia. Separei uma pequena quantidade de comida e coloquei no chão, esperando que talvez ele se acostumassem a comer ali.

Ontem de manhã a chuva deu uma trégua e até um tímido sol apareceu, foi só isso acontecer para que o número de visitantes voltasse a aumentar. Fui abordado por um rapaz que disse ser jornalista e queria fazer uma entrevista comigo. Vi nisso uma oportunidade, não sabia exatamente do quê. Era algo que poderia tentar utilizar em meu favor, mas dependendo do que dissesse poderia ter efeito contrário. Pensei em pedir-lhe para voltar no dia seguinte para que eu pudesse pensar no que deveria dizer, mas logo percebi que não estava em condições de fazer tal exigência. Disse-lhe apenas que responderia o que desejasse saber.

Aproximei-me da grade para escutá-lo melhor, ele falava baixo e anotava tudo o que eu dizia em um bloco de papel. Nunca me olhava nos olhos, e a maioria das perguntas, ou já estavam anotadas naquele bloco ou ele as trazia decoradas. Falava rápido e escrevia ainda mais. Primeiro, achei-o muito antipático, mas depois concluí que talvez aquela situação toda o embaraçasse muito. E possivelmente não me olhava nos olhos não por desprezo, mas pela vergonha que tinha de pertencer a uma sociedade que impunha tal situação a um ser humano. Quando terminou a longa série de perguntas, só então me olhou nos olhos, e até enfiou a mão para dentro da grade para despedir-se de mim. Então tive a certeza de que era um bom rapaz.

A primeira série de perguntas foi sobre dados pessoais, idade, nome, nome dos familiares, lugar de procedência, grau educacional, línguas que falo, religião e várias outras pequenas questões, que depois de um tempo começaram a me irritar, pois pensei que a tal reportagem não iria além dessas superficialidades. Cheguei a perguntar-lhe se era só isso que o interessava, ele me pediu calma e disse que chegaria a hora das verdadeiras perguntas, e que também eu teria a possibilidade de dizer o que quisesse. Quando disse isso fiquei feliz num primeiro instante e apreensivo logo em seguida, dizer o que quisesse, eu realmente não sabia o que dizer, se implorasse por liberdade e denunciasse o absurdo de minha situação poderia acabar atrasando minha libertação. Por outro lado, se dissesse que estava tudo bem e que não tinha nada a reclamar, desestimularia aqueles que, como Fanny, desejavam minha liberdade. Comecei a achar que não tinha sido uma boa idéia concordar em dar aquela entrevista. Cheguei até a pensar em dizer que tinha desistido, mas prossegui.

Então vieram as perguntas de verdade, e eram exa-

tamente aquelas que eu temia não conseguir responder: o que o senhor acha de sua situação? Pensei um pouco, percebi que minha demora o inquietava e ele batia com o lápis no bloco. Expliquei-lhe meu caso, disse-lhe que não poderia dizer a verdade sob pena de agravar minha situação, e também não poderia desestimular meus apoiadores. Ele disse que me entendia, mas precisava de uma resposta, que poderia ser composta por partes de verdade e partes de mentira. Contou-me que praticamente todas as entrevistas são feitas dessa forma. E que se eu quisesse, ele me ajudaria a criar uma resposta adequada. Juntos chegamos a essa frase: "É claro que eu preferia estar em liberdade, vivendo com meus familiares, mas compreendo os desejos do império em levar informação e cultura à população, demonstrando até onde alcançam os braços do segundo Reich". A parte final da frase foi de autoria dele e, sinceramente, não achei que ficou boa, soou a pura falsidade. Mas ele disse que daquele jeito funcionaria bem.

A segunda pergunta me pareceu ainda mais difícil de responder: o que eu achava daquelas pessoas que vinham me visitar, e daquelas que me capturaram na África? Novamente compusemos uma resposta que não desagradasse a ninguém: as pessoas que me visitavam, em sua grande maioria eram gentis e curiosas, faziam-me perguntas sobre de onde eu vinha e demonstravam grande interesse pela cultura africana. Havia uma pequena minoria que me jogava pedras e tratava mal. Pensei em mencionar o episódio dos dois rapazes e do bilhete, mas em conjunto decidimos que seria melhor não, mesmo se retirássemos a parte em que eles tinham me dado uma chave que diziam ser da cela. Quanto às pessoas que me capturaram, não nego que por alguns dias cheguei a odiá-las, mas com o tempo fui percebendo que elas estavam apenas cumprindo seus deveres, e

que teria tanta razão para odiá-las, quanto teria para odiar um médico ou um açougueiro que também cumprissem seus deveres.

Então ele me disse que eu tinha um espaço para dizer o que quisesse ou dar uma mensagem aos leitores. Pensei em pedir-lhe para me ajudar também nessa parte, reparei que novamente ele começava a ficar impaciente. Disse então, que já tinha dito tudo o que queria dizer. As informações pessoais e as duas perguntas anteriores englobavam tudo. Perguntou-me se eu tinha certeza e eu disse que sim.

Depois que ele foi embora comecei a me sentir mal, principalmente por não ter usado esse espaço livre que ele tinha me colocado à disposição. Comparações com o comportamento do falecido chefe indígena foram inevitáveis. Senti-me pequeno e frágil. É claro que eu precisava ser esperto e evitar um choque contra forças mais poderosas que as minhas, entretanto essa prudência não precisava virar covardia. Em alguns momentos percebi que o repórter desejava que eu adicionasse um pouco mais de revolta às respostas, mas eu respondi "não, acho que é só isso mesmo".

Depois dessa revolta contra mim mesmo comecei a sentir medo, a reportagem seria publicada e minha falta de interesse por minha própria situação prolongaria indefinidamente minha permanência no zoológico. Olhei para baixo e vi a pequena e amedrontada criatura aproximando-se do bocado de comida que eu havia deixado para ela. O ratiño percebeu que eu estava longe, comeu o quanto quis e depois atravessou as grades, que não conseguiam segurá-lo. Perguntei-me então, se naquele instante eu tivesse o poder de me transformar naquele camundongo, ganhando minha liberdade, mas nunca mais voltando a ser humano, se eu aceitaria a troca. Obviamente perderia muito

do que os milênios de evolução me proporcionaram, mas também ganharia algumas coisas além da liberdade, não seria obrigado a carregar pesos, acabariam-se as dúvidas, as tristezas, o passado e o futuro. Viveria apenas o instante, os eventuais medos que sentisse se refeririam também, apenas a ele. Acabaria também o maior e mais recorrente de todos os medos, aquele que gota a gota os dias nos respingam, o medo da morte. Ela passaria a ser algo inexistente até o instante em que acontecesse.

Contrabalancei esses raciocínios com a capacidade de raciocinar logicamente, a linguagem, o sonho, os sentimentos e toda a imensidão de detalhes que me separa de um camundongo. Era fácil escolher ser rato, era difícil permanecer humano. Olhei para minhas mãos e elas nunca me pareceram tão inteligentes.

2 de julho

Já se passaram alguns dias desde que fui informado da visita do imperador, mas ainda não consigo pensar em nada para dizer-lhe. Não posso alegar falta de tempo. À noite tomo decisões que acabo desfazendo pela manhã, decido-me por um pedido emocionado de clemência, e acabo substituindo-o por uma obediência cega, meu comportamento exemplar poderia atrair a simpatia do monarca. Mas tenho de confessar que cada dia que passa essa eventual visita me causa menos inquietação, me parece cada vez menos, que ela poderá alterar minha situação.

Um diário deve ser preenchido com acontecimentos e não com especulações, antes de descrever o que aconteceu nesses últimos quatro dias, gostaria de contar o que

sonhei noite passada, faço isso porque sei como é frágil a memória que se ocupa do mundo dos sonhos.

Eu dormia e sonhava, não me lembro com o quê, acordado e olho no espelho. Havia me transformado em mulher. Reconheci-me, mas todas minhas características masculinas agora eram femininas. Tinha longos cabelos encaracolados, seios fartos, uma cintura fina e largas ancas, típicas das negras de minha tribo. Assustei-me com o que vi, mas muito menos do que me assustaria se estivesse acordado. Despi-me para comprovar minha mudança e ela foi confirmada. Sob todos os ângulos possíveis contemplei meu novo sexo. Encerrada a surpresa, conformei-me depressa em ter me tornado mulher, e comecei a prestar atenção no lugar em que estava. Era um pequeno quarto com paredes de madeira, onde havia, além do espelho em que me descobri mulher, apenas a cama em que despertei. Olhei pela janela e descobri que estava no interior de uma imensa árvore, bem no alto dela. Esqueci de mencionar, minhas roupas se pareciam com as de princesas medievais que eu havia visto em alguns livros antigos que os alemães tinham me mostrado. Eu parecia uma donzela presa na alta torre de algum castelo natural.

O sonho prosseguiu de maneira cada vez mais estranha. Reparo que dois cavaleiros se aproximam a cavalo da base da árvore. Os eqüinos pareciam esquisitos, mas não soube dizer por que. Eles descem dos animais e reparo que cada um deles carrega uma espada. Um deles tem longos cabelos e barba e o outro é mais claro de pele e usa óculos. Imediatamente colocam-se em posição de enfrentamento, e é o barbudo que desfere o primeiro ataque. O som do ferro se chocando fere meus ouvidos e, por uma daquelas razões que só acontecem em sonhos, fico sabendo que a luta acontece por minha causa. O vencedor da batalha re-

ceberá o direito de me desposar.

Observo a luta, que parece cada vez mais violenta, tento então escolher qual dos dois candidatos eu preferiria que vencesse. Não consigo, os dois me parecem igualmente feios e brutos. Percebo que em qualquer um dos casos a grande perdedora seria eu. Decido fugir antes que a batalha termine. Saltando de galho em galho, como uma princesa-macaco, desço até o chão. Antes de fugir, decido ver de perto quem eram os guerreiros que batalhavam por minha mão. Ambos já estavam bastante feridos, mas continuavam com o mesmo ritmo violento do início. De repente percebo quem são eles, estremeço, novo estremecimento quando vejo de perto seus cavalos, são versões gigantescas do camundongo que visita minha cela. Monto em um deles e desapareço na floresta, deixando que Jesus Cristo e Charles Darwin continuem sua sangrenta luta de espadas.

Não vou comentar o sonho. Passo agora a descrever fatos reais: as chuvas diminuíram e os dias voltaram a ficar ensolarados, isso significa aumento no número de visitantes. Os mal educados parece que predominam, nesses últimos dias me jogaram mais de vinte pedrinhas, me ofenderam de todas as maneiras possíveis e fui alvo de muitos dedos indicadores acompanhados de risadas. No primeiro dia, justamente quando vieram as piores agressões, agüentei tudo calado, deitava-me em minha cama fingindo que estava dormindo, ou então tentava ler alguma coisa. O que era impossível, porque parecia que o que eu poderia fazer de pior era ler. Era quando os idiotas ficavam mais incomodados e agressivos. No dia seguinte as agressões continuaram em menor número e intensidade, mas me deixaram, por causa do fator acumulativo, ainda mais nervoso que na véspera.

Ontem a coisa acalmou, algumas pessoas educadas vieram conversar comigo me perguntando curiosidades so-

bre a África. Pouco antes do fechamento, dois jovens começaram a me apontar e rir, na verdade foram muito menos agressivos do que outros já tinham sido, mas foi com eles que acabei explodindo. Aproximei-me da grade e cuspi no rosto de um deles. Ficaram muito assustados e foram embora. Voltaram meia hora depois, acompanhados de Heinrich o diretor do zoológico. Ao contrário da outra vez em que me visitou, ele estava sério e me perguntou se era verdade o que os rapazes diziam. Disse que sim, mas que eu apenas reagi à agressão que eles tinham me feito antes. Os rapazes negaram ter me agredido e Heinrich despediu-se deles dizendo que ficassem tranqüilos, pois a direção do zoológico tomaria uma medida severa como castigo.

A palavra castigo imediatamente me conduziu às chibatadas que levei quando estava na África, e que quase acabaram comigo. Tremi de medo e pensei em atirar-me de joelhos aos pés do administrador, implorando por perdão. Heinrich perguntou-me com voz calma por quê aquilo havia acontecido. Contei-lhe tudo exatamente como acontecera, descrevi principalmente as agressões dos dias anteriores, que foram acumulando dentro de mim um ódio que estourou nos rapazes, que admiti, não tinham feito nada de muito grave.

Ele escutou tudo em silêncio e me disse que infelizmente eu teria de ser punido, e que quando alguém me agredisse eu deveria chamar os guardas, que estavam ali para isso. Eu receberia a pena mais severa – quando ele disse isso meus olhos se encheram de lágrimas – que seria ficar um dia sem alimentação. Imediatamente meu peito encheu-se de alegria. O que era ficar um dia sem comer diante das chicotadas? Procurei não demonstrar a alegria, apenas disse que aceitava a punição, achava-a justa, e que nunca mais agrediria nenhum visitante. Ele respondeu que

isso seria o melhor para mim. Depois que foi embora me senti extremamente aliviado, lembrei-me de minha chegada a Berlim e de como a civilização havia me impressionado positivamente. Essa mesma civilização tinha penas moderadas para quem a desrespeitava. Eu havia separado um pouco de comida para o camundongo, pensei, por alguns instantes, em escondê-la para me alimentar durante o dia de castigo. Nem o camundongo nem a civilização mereciam tal atitude.

Mas não posso me esquecer de algumas coisas boas que aconteceram nesses últimos quatro dias. Como disse, algumas pessoas interessantes aproximaram-se de mim para conversar. Um senhor de meia idade que era pastor protestante disse que quando soube de minha presença aqui começou a orar por mim, e que aos domingos, todos os fiéis de sua igreja pediam a Deus por minha liberdade. Então ele me perguntou qual era minha religião, expliquei-lhe que fora convertido ao cristianismo pelos evangelizadores alemães, mas que no momento minha fé estava enfraquecida, e eu vivia num mar de dúvidas. Ele disse que períodos como esses são normais e não quis me convencer de nada, respeitou minha falta de fé, e logo estávamos falando de outros assuntos. Pouco depois que foi embora veio um jovem casal acompanhado do filho de uns oito anos. O rapaz e a moça cumprimentaram-me com educação e disseram-se tristes por minha presença ali. Tinham trazido o filho, não para que pudesse conhecer um espécime raro, mas para que entendesse desde cedo as injustiças da vida e também, guardei bem suas palavras "que compreendesse que reinos e governos podem ser maneiras cruéis de oprimir o ser humano".

O rapaz então me perguntou de que maneira poderia me ajudar, disse-lhe que não se preocupasse com isso, pois

ele já tinha me ajudado. Identifiquei esse tipo de preocupação com o semelhante – sem que haja nenhuma conotação religiosa – como uma das conseqüências da civilização. Fiquei então tentando imaginar se isso poderia acontecer na África, essa solidariedade gratuita, cheguei a uma fácil conclusão, não isso nunca aconteceria em meu continente.

Outra coisa interessante que me aconteceu nesses últimos dias, logo depois dessas duas experiências positivas que descrevi, vivi uma doce sensação, é difícil explicar, mas parecia que eu havia sido invadido por uma onda contaminante, que me fazia viver instantes de puro deleite. Talvez fosse natural que depois de tanta tristeza e sofrimento a felicidade reclamasse seus instantes de existência. Por uma boa meia hora, não tive nada o que reclamar da vida. Não sei se exagerei em chamar aqueles instantes de felicidade, de qualquer forma vou chamá-los assim, pois no momento é isso que está ao meu alcance. Nenhuma recordação de minha família, nenhuma reivindicação, nada me incomodava. O sol diminuía sua intensidade e a sombra das grades projetava-se no chão, mas aos poucos ia perdendo seus contornos e confundindo-se com outras sombras.

E esses instantes encerraram-se naturalmente, como um sol que se põe em silêncio. Perguntei-me então, se enquanto Van Baerle estava aprisionado, cultivando em segredo sua tulipa negra, se ele também havia vivido momentos como esses. Ocorreu-me a idéia de que talvez esses instantes fossem minha própria tulipa negra, que já vinha com o prêmio de cem mil moedas de ouro.

Depois dessas reflexões senti uma grande vontade de escrever, mas não esse diário, queria expressar o que sentia, tentei sem sucesso alguns versos, depois iniciei uma história curta que pudesse simbolizar o que vivi, acabei desistindo. Quase contra minha vontade, meus dedos ra-

biscaram no papel "Meu ouro é o fim de tarde.". Aceitei. Aquilo era honesto, aquilo era eu.

Aos poucos meu pensamento cotidiano e minhas preocupações foram recobrando seus lugares, mas agora estavam encobertos por uma névoa suave que tornava todos os ângulos menos agudos. No dia seguinte acordei com uma idéia estranha, não seria uma parte desconhecida de mim que estaria provocando essas sensações de prazer como uma forma de indenização? Pois esse meu eu escondido acreditava que nunca mais sairia dessa jaula. Seria eu mesmo, me dizendo que o serrote que amputa minhas pernas estava me causando prazer e não dor?

Essa idéia não me conduziu a conclusões, mas sim a outras idéias. Quantas partes de mim eu realmente conheço? A vida na tribo é feita de máscaras, imagino que na civilização não seja diferente, sou membro de um grupo, da família, mas o quê mais, o que sou de verdade, seria eu aquela tristeza sem fim que fui quando cheguei, ou então apenas esse imenso bem-estar que me aconteceu, serei um pouco de cada e de muitas outras coisas? Será que se eu tivesse nascido na pele de quem me trouxe para cá, eu não faria exatamente o mesmo que me fizeram, e se um chicote caísse em minhas mãos, será que meus braços brancos não usariam sua força para castigar o lombo negro que estivesse na minha frente?

Depois me perguntei se minha imagem física teria algo a ver com meu retrato interior, sem respostas, senti meu mundo interior distanciar-se de meu corpo físico. A sensação foi a de falta de privacidade, por que aquele corpo deveria permanecer sempre tão perto de mim e o que, no fundo, ele tinha a ver comigo? Percebi então o perigo da situação em que estava me metendo. Aquele era o único vínculo que eu nunca poderia romper. Era o que me man-

tinha sendo um ser humano. Para viver era preciso aceitar algumas coisas como absolutas, entendendo que algumas terras nós não poderemos nunca escavar.

Larguei minha enxada. Hans, o homem que nunca cavou um buraco, aproximou-se da cela. Contou-me sobre o novo indígena, que ao contrário do anterior parecia estar aceitando bem o cativeiro. Se ele não falasse tanto, eu iria lhe perguntar o que exatamente era "aceitar bem o cativeiro". Disse-me que o esquimó continuava dormindo quase o dia inteiro, o zoológico tentou diminuir a quantidade de comida, mas ele entrou num estado melancólico parecido com o do chefe indígena. Para evitar outros problemas, ele voltou a ter toda a comida que quisesse, e segundo Hans, estava gordo como um porco.

Pedi-lhe então o que da outra vez havia esquecido, que ele tentasse descobrir qual era a verdadeira intenção do zoológico, se aquela exposição era mesmo temporária, e se fosse, quanto tempo aproximadamente duraria, ou então se aquilo era... ele disse que iria tentar descobrir.

Não me arrependi de ter feito esse pedido, caso a resposta fosse... caso a resposta seja negativa eu posso começar a pensar em maneiras de fugir daqui. Mas, depois comecei a refletir, quem disse que ele dirá a verdade, ele trabalha para o zoológico. Poderia muito bem mentir para me acalmar, dando uma data não muito distante para minha libertação, e quando esse dia chegasse diria que houve um pequeno contratempo, fixaria nova data, mantendo-me dessa forma, sempre na expectativa e longe da revolta.

Essa desconfiança me contaminou, de forma que qualquer que seja a resposta, pouca influência terá sobre mim. Mas qual poderia ser o interesse dele em dizer que nunca me libertarão, se disser isso provavelmente estará falando a verdade. Quando a resposta vier aí me preocuparei com

isso, antes disso não.

Já ia esquecendo uma outra coisa interessante que aconteceu, um senhor de idade aproximou-se da cela e perguntou-me se eu sabia jogar xadrez. Eu havia aprendido com os alemães e era sempre desafiado pelos religiosos, às vezes até por alguns militares, raramente perdia uma partida. No dia seguinte esse senhor voltou com um tabuleiro, posicionou-o perto da grade e sentou-se no chão. Pedi para Hans se ele poderia abrir a cela para que o senhor entrasse e jogássemos com mais conforto. Ele se deu ao trabalho de consultar a direção que negou o pedido.

Começamos o jogo com ele sentado no chão mesmo, aquilo me incomodava um pouco, pois ele aparentava ter no mínimo uns oitenta anos. Mas não parecia incomodá-lo, ele estava profundamente concentrado no jogo. Logo de cara percebi que ele era um bom jogador, em pouco tempo me venceu com um xeque-mate. Ele aceitou uma revanche que se estendeu por um longo tempo. Os visitantes começaram a chegar e a se acumular atrás do velho, assistindo à partida, mas respeitando o silêncio que ela necessita. De qualquer forma aquilo me desconcentrou um pouco. Consegui me defender de seus ataques e ele dos meus, em comum acordo declaramos empate.

Ele também se chamava Hans, enfiou sua mão para dentro da grade para me cumprimentar e elogiou bastante meu jogo. Perguntou-me se eu não me importaria de jogar com ele outras vezes. Disse-me que era possuidor de uma ação do zoológico, o que lhe dava o direito de vir gratuitamente quantas vezes quisesse. Me contou que havia viajado o mundo inteiro como marinheiro, conhecia bem a África, a Pérsia e até o Japão. Há dois anos enviuvara, os filhos moravam longe e o visitavam raramente, só o que havia sobrado em sua vida eram os passeios a pé pelo

zoológico e o xadrez.

Depois que ele partiu o "Só o que me sobrou..." ficou martelando meus ouvidos, e para mim, como é que eu completaria essa frase? Caso o resto de minha vida fosse por aqui mesmo, o que diria? Sobrou-me apenas meu diário, minhas leituras e as conversas com alguns visitantes. E se eu chegasse à idade daquele senhor, quantas páginas teria meu diário? Mas será que num certo momento da vida, todos nós dizemos "só o que me sobrou..."? Esse certamente é o destino de todos, caso consideremos que o passado não existe mais, que acabou e não apenas transformou-se. Enquanto ele ia embora observei seus passos lentos, não estariam contidos neles os passos vacilantes de quando era criança, e também os passos seguros e cheios de afirmação da juventude? E também, todos os meios-termos, que separam seu primeiro passo, daquele que dá no exato instante que o observo. E assim como com os passos também seria com todo o resto, tudo continuaria vivendo dentro do que o sucede, mesmo que as formas se dissolvessem, as essências arrumariam maneiras diferenciadas para se manifestar.

Idéias, idéias... percebo que um caderno feito para descrever fatos e acontecimentos, não pode simplesmente esquecer das idéias, as minhas são tão reais quanto minhas pernas ou braços. E se quando fui castigado herdei as cicatrizes que tenho nas costas, talvez também minhas idéias tenham suas marcas. Não sei o que sou, mas sei que sou mistura. Talvez o fato de eu estar recluso possa me trazer uma vantagem, aumenta minha possibilidade de conhecer-me, examinar minhas fronteiras, reparar nos meus conteúdos. Todas as distrações de meu dia-a-dia ainda são pequenas diante daquelas a que estaria sujeito se estivesse em liberdade.

A liberdade é um rio, eu bóio nas águas de um lago e sonho com oceanos.

4 de julho

Hans me acordou. Quando isso ocorre, sei que algo aconteceu. Abri os olhos e torci muito para que esse acontecimento não se referisse a nenhuma picuinha familiar sua. Dia 21 de outubro, segundo ele, nesse dia eu seria liberto. Ainda meio atordoado de sono, enchi meus pulmões de alegria, em pouco mais de três meses eu estaria solto, talvez em cinco estivesse revendo minha família. Sorri e reparei que ele alegrou-se com meu sorriso. Não consegui identificar nenhum traço de fingimento em sua reação.

Aos poucos fui me lembrando de minha desconfiança e meu sorriso empalideceu-se. Mergulhado na descrença escutei os detalhes que Hans descobrira, a exposição "O ser humano dos cantos perdidos do mundo" se encerraria precisamente no dia 20 de outubro, já no começo de novembro nossas celas seriam ocupadas por orangotangos pertencentes à exposição "Estranhos macacos da África". A essa altura minha atenção estava difusa e meus pulmões cheios de ar destinado a suspiros. Mas ainda pude escutar que os orangotangos já tinham sido capturados na África e em breve seriam embarcados para a Europa.

Enquanto as palavras escorriam fui reparando em seus olhos e em sua boca, eles não mentiam, não podia dizer que estivesse dizendo a verdade, mas Hans não era um homem inteligente, não conseguiria dissimular com palavras e expressões faciais uma verdade que tentasse impor. Por outro lado, poderia estar repetindo uma mentira que havia

escutado. Interrompi sua enxurrada de palavras e perguntei se ele tinha dito que era eu que queria saber até quando ficaria aqui. Ele respondeu que não, que quem tinha lhe contado tudo fora a secretária do diretor, e que fez tudo parecer com uma simples curiosidade pessoal sua.

Deixei um pouco de felicidade entrar nos pulmões, parte do ar foi expulso, mas mantive outra parte, porque os suspiros não estavam descartados. Ele continuou falando, conforme avançava os acontecimentos diminuía de importância e tornavam-se detalhes, eu escutava o som, mas não prestava atenção no conteúdo. Reparava em sua boca, em como seus dentes estavam estragados, em como seu nariz mexia-se enquanto ele falava, e como havia veiazinhas vermelhas em volta dele. Riozinhos de sangue que pareciam que a qualquer momento poderiam se romper. Tudo isso foi fazendo crescer em mim uma espécie de calor, que começou no meu peito e evoluiu em direção à minha garganta. Não sei bem o que foi aquilo, mas acho que, pelo menos por alguns instantes, amei o guarda Hans.

O amor é a recompensa biológica a um outro ser, por ele ter ajudado a preservar sua vida, ou ajudado-o a se reproduzir. E Hans, trazendo-me aquela informação, reabasteceu minhas células de desejo. Depois que parou de falar e despediu-se, observei-o de longe, pequeno e barrigudo, em seu uniformezinho escuro. Talvez contaminado pela substância que ele havia injetado em meu corpo, julguei-o um grande homem.

Em seguida, o raciocínio lógico veio cobrar sua parte, meu entusiasmo diminuiu, mas mesmo assim continuei de bom-humor durante todo o dia. Mesmo com prudência, minha imaginação viajou pelo futuro próximo, enxerguei-me de volta à minha aldeia. Talvez depois que fosse solto, eu permanecesse mais algum tempo na Europa para apren-

der as vantagens da civilização, depois levasse para a África apenas a parte boa dela. Nesse ponto aconteceu uma bifurcação, e parte de mim desejou que eu me tornasse um grande líder, que melhoraria o continente e usufruiria das benesses do poder, outra parte tentaria implantar anonimamente o que achava que poderia melhorar as vidas das pessoas. Aos poucos, os dois raciocínios foram se fundindo e formando um terceiro, que logo se transformou em um quarto.

Percebi, que mesmo despreziosamente, seria um erro ater-me tanto a algo que era apenas uma possibilidade. Revistei com a memória todas as expressões faciais de Hans, tentando buscar sinais ocultos de alguma falsidade. Nada encontrei. Dessa vez o que senti por ele foi uma ponta de piedade. Enquanto pensava essas coisas alguns visitantes me observavam e minha piedade estendeu-se até eles. Percebi então, que sentir pena de qualquer ser humano – mesmo que isso não fosse algo tão absurdo assim – afetaria meu humor, o que absolutamente eu não queria. Desisti da piedade, porém procurei guardá-la num canto da memória, talvez em alguma ocasião me fosse útil ter pena de todos os homens.

Lembrei-me de Fanny, talvez ela tivesse concentrado em mim a pena que sentia da humanidade. Talvez boa parte do amor, senão todo, que Rosa dizia sentir por Van Baerle, não passasse de piedade. As palavras gratidão e piedade deveriam ser consideradas sinônimos de amor, pois na prática, são elas que acontecem na maioria dos casos em que a palavra amor é pronunciada.

Os visitantes silenciosos, aqueles que nem entre eles comentam nada, me inquietam, pois percebi que tenho uma necessidade de saber quem me observa. Preciso classificar em algum grupo aqueles que perdem tempo me olhando.

Se nada dizem, fica difícil para eu saber quem me olha, tanto podem ser solidários quanto perversos. As roupas, a maneira de se comportar e a idade oferecem algumas pistas, mas é a voz, e principalmente o que dizem, que me faz identificar quem são eles. Com os silenciosos, costumo me deitar, finjo que durmo, até que percamos o interesse e vão ver se o leopardo é mais divertido que eu.

Ontem aconteceu um fato interessante, que até agora não sei como interpretar. O zoológico já havia fechado e eu estava na cama folheando "A tulipa negra" e brincando de encaixar minha vida nos capítulos do livro. Alguém me chamou e quando olho, para minha total surpresa, era um homem tão negro quanto eu. Assustei-me com aquilo, ele apresentou-se, falava um alemão difícil de compreender, mas conseguimos nos comunicar. Chamava-se Sam Hood, havia nascido no Caribe e trabalhado como escravo em fazendas de produção de cana-de-açúcar. Com a abolição da escravidão, conseguiu empregos em navios, tinha viajado o mundo cinco vezes. Contou-me algumas curiosidades dos quatro cantos que visitou, depois me disse que já estava com quarenta e oito anos de idade, idade com a qual, a maioria dos homens no lugar em que nasceu, já havia morrido. Sentia-se bem, mas o trabalho nos navios estava se tornando pesado demais para ele. Procurava algo mais leve.

Disse-me que iria direto ao ponto, tinha uma proposta a me fazer, gostaria de tomar o meu lugar. Começou a descrever o que poderia me dar como compensação, uma sela de cavalo, uma faca de caça, um par de binóculos... interrompi-o dizendo-lhe que aquilo não dependia de mim, e que se dependesse daria meu lugar sem exigir nenhuma compensação. Explique-lhe sobre a direção do zoológico e sobre a exposição que estava em curso. Ele parecia não me compreender e acho que pensou que eu

tinha achado que era pouco o que havia me oferecido. Ele começou a ficar nervoso e a gritar frases “É tudo que tem”, “Não pode dá mais”.

Tentei explicar-lhe o mais claramente possível que eu não gostava de ficar aqui, que não era bom ficar aqui e que eu desejava partir. Enquanto falava reparei que ele observava o interior de minha cela, talvez aquilo, para ele, fosse muito. Quem sempre trabalhou o dia inteiro no pesado, talvez sonhasse com o ócio que alguém como eu poderia usufruir. Meu coração foi invadido por uma piedade violenta que expulsou meu bom-humor. A presença daquele homem começou a me incomodar, lembrei-me que o zoológico já estava fechando e que ele não poderia ficar ali. Ele parecia não compreender, ou fingia não compreender o que eu dizia, repetia obstinadamente “sela boa”, “faca grande caçar leopardo”.

Foi com grande alívio que escutei o apito de Hans, que se aproximou e exigiu com veemência que ele saísse imediatamente. O homem repetiu algumas vezes as mesmas palavras e depois acompanhou Hans.

Depois que foi embora, por alguns instantes achei que talvez, se ele pedisse à direção, eles permitissem a substituição... logo vi que essa idéia era uma tremenda bobagem. Aquele homem deveria ser algum louco, eu já havia escutado muitas histórias a respeito de escravos que trabalhavam em plantações de cana-de-açúcar, e que bebiam tanto rum, que acabavam torrando os miolos e enlouquecendo. Mas logo criei uma nova explicação para aquela estranha presença, talvez a direção estivesse querendo me testar, eu poderia ter dito coisas para aquele homem, entregado segredos, talvez um plano de fuga. Se assim fosse eles acabaram se decepcionando. Um pouco depois acabei achando essa última opção muito fantasiosa, era bem

mais provável a primeira.

Custei a dormir, qualquer que fosse a explicação para aquela visita, a figura daquele homem não abandonou meu pensamento. Seria possível existir alguém que invejasse minha situação e desejasse colocar-se voluntariamente em meu lugar? O sentimento de piedade foi aos poucos sendo substituído por uma melancolia que só desapareceu com a chegada do sono.

Hoje acordei e a primeira coisa que fiz foi comer um grão de arroz, dos cento e nove que separei. Eles representam os cento e nove dias que, teoricamente, me separam de minha liberdade. Foi ontem que separei os grãos de arroz, mas não pretendia colocar isso nesse diário, aliás, aqui vai uma advertência para eventuais leitores dessas páginas, elas não têm a intenção, e mesmo se tivessem, não teriam a capacidade de representar a verdade absoluta. Muitos acontecimentos, por diversas razões como pudor, preguiça, mau julgamento e outras, não constam desse diário, e talvez venham a fazer falta, deixando colunas em branco, que eventualmente poderiam ser preenchidas por experiências pessoais dos próprios leitores. Pode ser que muita coisa importante fique de fora, e que eu inclua muitas insignificâncias. Corro o risco de esquecer de mencionar, por nunca tê-la descoberto, minha própria tulipa negra.

Só mencionei o fato de ter transformado os dias em grãos de arroz – antes eu não mencionaria para que não me julgassem tão ingênuo por ter acreditado na palavra de Hans – porque algo de estranho aconteceu aos grãos. Era apenas o segundo que comia, e ao invés de restarem cento e sete, desconfiei que a quantidade tivesse diminuído, contando-os encontrei apenas noventa e nove, oito grãos tinham desaparecido. Minha primeira desconfiança foi de mim mesmo, talvez tivesse me enganado. Depois me

lembrei de meu eventual visitante, o camundongo parecia que queria reduzir meu tempo de permanência por aqui. Ou então me dizia para deixar de ser ingênuo, pois estava me apegando a esperanças mentirosas.

Apanhei os noventa e nove grãos de arroz, os esmaguei e os atirei longe, já que não serviriam a mim, também a ele não serviriam. Pisei no bocado de comida reservada ao rato. Essa raiva foi superficial e logo se transformou em um sorriso irônico, podemos ter medo ou nojo, mas nunca podemos odiar um rato, ainda mais uma atitude dele. Atitude que, mesmo que ele não tivesse noção de ter tomado, no fundo havia me ajudado a ser menos ingênuo. Separei um outro bocado de comida fresca e coloquei exatamente no local onde antes estavam os grãos de arroz.

Depois fiquei olhando para aquele montinho, e imaginando quantos grãos existiam ali, talvez uns seiscentos ou setecentos. A superstição, tão forte em minha tribo, me disse que eu havia adicionado voluntariamente muito mais tempo a meu período de reclusão.

6 de julho

Nesses últimos dois dias o camundongo não veio me visitar, o montinho de comida permaneceu intacto e tive de jogá-lo fora pois já começava a cheirar mal. Por alguns instantes tive de lutar contra meu lado supersticioso, que me dizia que os grãos de arroz não consumidos e desperdiçados, queriam dizer que meus dias terminariam dentro dessa cela.

Ajudado por uma mistura de raciocínio científico e crença em Deus consegui acreditar que qualquer coisa

poderia representar qualquer coisa, e que tudo saía exclusivamente de minha cabeça. Convencido disso, voltei-me contra Deus e contra a ciência, nos dois casos também se aplicava a conclusão a que eu tinha chegado. Se nos dizem que Deus é o criador de todas as coisas e o grande regente onipresente do universo, temos poucos recursos para provar o contrário, então acabamos aceitando como verdade o que apenas não temos condições de desmentir. Conforme os séculos vão se acumulando, vai se sedimentando com mais consistência essa impossibilidade de negação do que foi estabelecido e vai ficando mais difícil, mesmo, refletir de maneira isenta sobre porque devemos acreditar em Deus.

Se o ratinho não tivesse comido os grãos de arroz, quando faltasse apenas um, eu teria praticamente certeza de que seria liberto no dia seguinte. Com a ciência a coisa é parecida, quem pode sozinho, comprovar que a Terra é mesmo redonda e não termina em um grande precipício? Somos induzidos a acreditar em grandes verdades universais, seja a Terra redonda, como se acredita hoje, ou a Terra plana, como se acreditava nos tempos antigos, talvez em algum futuro distante ciência e religião acabem se fundindo e daí a grande e inquestionável verdade universal assuma uma forma mista, sem uma figura central que a tudo controla, e com cada ser humano tornando-se um pouco cientista e podendo comprovar, nem que seja uma pequena parte, as coisas em que acredita.

Mas mesmo com essa eventual fusão, que modernizaria a velha visão tirando o pó que encobre os séculos anteriores, mesmo assim, de alguma maneira continuaria existindo a grande verdade universal na qual devemos acreditar. Talvez a única saída para esse círculo, que sempre determina que o conhecimento coletivo deve prevalecer sobre o individual, e que devemos crer em uma verdade até

que ela prove-se falsa e seja substituída por outra na qual também devemos crer, seja a criação de um enorme, de um imenso rato, muitas milhares de vezes maior do que aquele de meus sonhos. Esse rato devoraria os grãos de arroz que compõe os sistemas de crenças em verdades absolutas, sem essas promessas ancestrais, o novo ser humano, advindo da era do rato, teria mais liberdade para criação de suas verdades individuais. Cada um desenvolveria a ciência que lhe fosse necessário, as individualidades escolheriam que quantidade de deus, ou deuses precisariam, ou se precisariam de algum. Ao invés de uma única e grande verdade universal, o mundo seria formado por muitos e muitos milhões de verdades individuais, cada qual distinta da outra, e cada uma com a mesma importância da verdade global que hoje vigora.

Sou um homem pequeno e encarcerado e os camundongos são frágeis criaturas que se mata com um chute, portanto os grãos de arroz que sustentam esse sistema de pensamento único, e que deve ser derramado dentro das cabeças e corações de todos os homens, continuarão a ser produzidos e continuarão fazendo com que as engrenagens da máquina continuem girando. Mas, quem sabe, sutilmente, sem que os séculos percebam, tanto homens quanto ratos cresçam e então...

Não sei, já não me resta muito papel, e tenho dúvidas se os visitantes atenderão com a mesma generosidade a um segundo pedido, mas não me arrependo de ter deixado as palavras escorrerem um pouco sem trazer nada de concreto. Se não houvesse a água que desce serena o leito do rio, não existiriam os peixes que enchem os estômagos.

Essa possível fusão de ciência com religião, traria como primeira imediata consequência a morte do que hoje entendemos por essas palavras. Além disso, essa mistura

seria apenas o pavio, que deflagraria uma grande explosão e que expandiria as fusões a todos os níveis. Talvez, minha teoria sobre os opostos represente o estágio embrionário dessa grande mistura, porque o último degrau, ou o primeiro, pois os processos não têm mão única, antes que um objeto comece a fundir-se com outro, é que eles sejam diametralmente opostos.

Mas voltando aos fatos concretos, ontem à noite tive alguns sonhos interessantes que poderia descrever aqui, mas minhas idéias acima ocuparam o espaço destinado a eles.

Apesar de não usar mais o artifício dos grãos de arroz, continuo mentalmente fazendo a contagem regressiva para minha possível libertação. Ontem perguntei para Hans se ele realmente achava que eu seria posto em liberdade no dia 21 de outubro ou se poderia haver algum adiamento, não quis usar a palavra mentira. Ele me disse que não me preocupasse, que minha liberdade e a dos outros selvagens em exposição – ele usou esses termos – estava garantida.

Os dias estão cada vez mais quentes, e além da moleza no corpo, o calor me lembra o clima da África, e junto chegam as recordações arrastando a melancolia. Percebi que quanto mais parado fico mais ela me domina, então caminho pela cela procurando fazer alguns exercícios pendurando-me nas grades.

Comecei a não esperar que me perguntem coisas, agora eu interpelo os visitantes com perguntas, a reação deles é estranha. Muitos deles respondem com monossílabos, aguardam alguns instantes para não parecerem que partem por causa da minha pergunta, e vão embora olhando para o chão. Outros nem me respondem e fazem cara de que acham um absurdo que eu lhes pergunte algo. Mas um terceiro grupo me responde com educação, e depois que esgotei minhas perguntas, eles começam com as deles.

De todos os visitantes, talvez apenas um em cada dez abordava-me para qualquer tipo de conversa. Os outros nove décimos apenas me olhavam calados ou comentando algo entre eles. O estado melancólico em que começava a entrar foi o que me inspirou a começar a puxar conversa, e acabei descobrindo que com elas poderia aumentar em muito meus contatos e trocas de experiências. Isso é algo muito fácil de dizer e difícil de praticar, mas talvez, qualquer dificuldade pudesse ser usada para a descoberta de um novo caminho desconhecido, que nos mostraria novos sóis e luas que nunca imaginávamos existir.

Dentre as conversas que mantive e que se iniciaram com perguntas minhas, algumas foram interessantes, como ainda estão frescas na memória, guardei a vida do diálogo:

"Você, de chapéu azul, qual é a sua opinião sobre o imperador Guilherme II ?"

"Eu... não sei, qualquer opinião que desse seria baseado em fatos tão superficiais, que prefiro não dizer nada."

"Qual é sua profissão?"

"Lapido jóias para uma sociedade estrangeira. E o senhor, se me permite, antes de estar encarcerado, qual era sua profissão?"

"Eu trabalhava na terra, cultivava arroz, sorgo, trigo e cevada. Também cuidava de algumas cabras e carneiros. E tão logo encerre-se minha reclusão, é o que voltarei a fazer. De uma certa forma também sou um lapidador e também trabalho para uma sociedade estrangeira."

"Mas sua lapidação tem como objetivo encher os estômagos, a minha serve para saciar a vaidade de homens ricos e mulheres vazias, ou vice-versa."

"E quem disse que os estômagos a quem se destinam os alimentos que produzo pertencem a pessoas melhores do que aquelas que compram suas jóias?"

Meu caro jovem, me parece que no mundo existe apenas um único homem, e que cada um de nós é apenas uma célula de seu imenso corpo. Nossas formas e cores são diferentes, mas o branco dos olhos é o único sinal que restou e que prova que somos apenas um."

"Um homem que finge serem muitos... o branco dos olhos, as células de um grande corpo..."

"Não me leve muito a sério, não sou nenhum filósofo, você vem da terra de grandes pensadores, eu apenas tento passar meu tempo."

Ele despediu-se com educação e saiu pensativo, foi quando percebi, que se queremos manipular alguém, mais importante de o que se diz, é a maneira como se diz. Eu não tinha nenhuma intenção de manipular aquele rapaz, mas se quisesse inventar mais duas ou três frases, que pouco significassem, mas que soassem vigorosas, apresentando alguma poética, mesmo que insipiente, e dando margens a duplas ou triplas interpretações, eu o colocaria facilmente numa posição de meu admirador. Alguém que tivesse a capacidade de agir assim com milhares ou milhões de pessoas, poderia conduzir a humanidade na exata direção do real significado dessas frases: o nada.

Aquele rapaz, que acabei esquecendo de perguntar o nome, provavelmente jamais me abordaria para perguntar o que quer que fosse. Talvez fosse tão curioso quanto aqueles que me acordavam para bombardear de perguntas, mas era uma célula silenciosa do grande corpo. Essas células vivem a espera de ordens, esperam que o núcleo do organismo ao qual pertencem lhes digam de que maneira se devem comportar.

O rapaz de chapéu azul partiu e logo depois puxei conversa com outro, um pouco mais velho e que vestia bermudas, camisa de mangas compridas e uma gravata

borboleta. Esse era diferente do anterior e não sei que tipo de célula poderia representar dentro de um eventual organismo único:

"O que o senhor acha do imperialismo alemão?"

"Desculpe-me senhor, venho aqui para ouvir os pássaros, tem um pica-pau de penacho vermelho bem em cima de sua jaula. Depois de escutá-los é hora de apurar os ouvidos para ver o que o vento tem a dizer... quase nunca diz nada, mas às vezes flui algum verbo... vai... passa... deixa... uma vez ouvi acontece... é tudo muito vago e não pretendo chegar à conclusão alguma. Normalmente as distrações do zoológico não me deixam escutar nada além das vozes dos pássaros, suas estranhas comunicações maquinais, construídas de uma matemática irregular, um relógio com um ponteiro a menos. Mas é aí que reside meu interesse, quando acho que sei exatamente o que vão dizer, sou surpreendido por algum buraco inesperado no caminho pavimentado. O pica-pau voou para atrás da jaula dos leopardos, lá naquele grande carvalho é que está o seu ninho..."

Disse isso e partiu atrás do pássaro. Não tenho certeza de que realmente existia algum, não vi nada. De qualquer forma, me senti contente por tê-lo escutado e ridículo pela pergunta que fiz. Ele era outro integrante dos nove décimos que jamais conheceria se não puxasse conversa. Pelo menos para isso serviu minha curiosidade sobre o imperialismo alemão.

Tombei reflexivo, talvez aquele pica-pau do qual ele falou – e sua existência real pouco importa – equivalesse à tulipa negra que Van Baerle buscava e cujos obstáculos para consegui-la a vida foi pródiga em apresentá-los. No livro, ele consegue produzir a flor e colher todos os frutos que a felicidade lhe propunha. Acho que Alexandre Dumas contou a verdade só até a parte do desejo e das barreiras,

depois inventou um final feliz porque precisava vender livros. Quando conseguimos nos aproximar de nossas tulipas negras, já está na hora de irmos embora, mas acreditamos que percorremos um caminho e que a proximidade da flor é a maior prova desse percurso. Se não tocamos em suas pétalas foi por algum detalhe, um pequeno erro da juventude acabou nos atrasando, mas nossos descendentes estão há apenas alguns passos de cumprir nossa missão. Esse pensamento alivia o peso e a vergonha de se estar morrendo. Mas a verdade é que os percursos não são cumulativos, a tulipa negra que os filhos perseguirão será outra, e eles partirão exatamente da estaca zero. Talvez a tulipa negra seja o símbolo ideal para se retratar o eterno objetivo inalcançável da vida, as pétalas quando tocadas revelam-se apenas sombras.

Os pássaros e o vento, ele disse que a voz dele é feita de uma matemática irregular, sempre uma surpresa quando esperamos a repetição, é mais ou menos assim que funciona a vida do homem mediano, para que ele suporte o cotidiano algumas pequenas surpresas aparecem periodicamente. Mas elas também devem obedecer a alguma lógica, que se fosse descoberta, revelaria o exato mecanismo da vida do homem mediano.

O sopro do vento é um degrau além, intuição, arrepios, além-matemática e além-lógica, silêncio para sentir e não para ouvir, nem falar ou concluir. Uma vez, quando tinha uns quinze anos subi sozinho um morro perto da aldeia, cansei-me e dormi no cume. Quando acordei, uma brisa soprou e eu me senti muito bem, ouvi um barulho que parecia querer me dizer alguma coisa, mas não me esforcei para entender. Não me arrependo.

Voltando ao mundo palpável, aquele do canto dos pássaros e das tulipas de todas as cores, ontem à tarde, pouco

depois do fechamento do zoológico, fui atacado por uma idéia que poderia facilmente ser definida: estúpida. Olhando para o fundo da cela, reparei que dava para uma grande árvore e um pequeno fosso, lugar a que os visitantes não têm acesso e que até hoje não vi nenhum funcionário entrar. É uma espécie de espaço morto com quem ninguém se incomoda. Quando percebi esse espaço, porque todos os dias olhava para ele, mas apenas ontem me dei conta de sua existência, decidi bancar o esperto, seria previdente.

Não acreditaria que seria solto dia 21 de outubro e, aos poucos iria cavando um buraco, pois havia uma parte do piso que estava meio quebrada e dava acesso à terra. Jogaria a terra que retirasse nesse espaço morto, e ninguém perceberia que o fosso havia diminuído um pouco. Só utilizaria esse buraco que cavaria, depois do dia 21 de outubro, caso não se confirmasse minha libertação.

A idéia logo passou de estúpida para genial, e comecei a pensar na parte prática, com o que cavaria, que horas, o que colocaria em cima do buraco que fosse sendo aberto? As respostas não tardaram, com minha colher, cavaria à noite, em cima do buraco eu estenderia meu cobertor, que seria pendurado nas grades como se estivesse secando e encobriria a escavação.

Mas houve ainda outra mudança, a idéia deixou de ser genial e voltou novamente a ser estúpida. Caso fosse descoberto eu poderia ser castigado, minha liberdade estava relativamente próxima, se fosse para tentar a fuga seria melhor cavar depois que a data limite fosse ultrapassada. Se fosse pego, talvez minha pena fosse a prisão, sairia dessa para outra jaula. Desisti da idéia e fui olhar para o fundo da cela, realmente aquele era um espaço de ninguém, tive a certeza de que caso fosse necessário eu conseguiria cavar no chão um buraco para fugir. Aquilo ficou sendo uma

carta escondida na manga que eu poderia dispor em caso de necessidade.

Somos construídos de pensamentos emendados, e a idéia de uma carta na manga conduziu-me imediatamente à outra carta, aquela cheia de amor, escrita por um menino. Decidi não relê-la, só o faria quando fosse extremamente necessário.

9 de julho

As chuvas continuam e os visitantes são poucos. Não sei se é impressão minha, ou se o fato de eu continuar puxando assunto com os visitantes influenciou em minha opinião, mas me parece que se o número de visitantes diminuiu, a qualidade deles aumentou. Num julgamento superficial, eu poderia dizer que as pessoas mais interessantes vêm ao zoológico nos dias menos ensolarados, é claro que existem exceções, mas a regra parece ter precisão matemática.

Anteontem, caía uma fina garoa que fazia com que as árvores pingassem na quantidade exata para parecerem que estavam chorando. A luz estava lúgubre e até o calor havia diminuído, me deitei na cama e me enrolei no cobertor, certo de que aquela seria uma longa tarde sem visitantes e sem nada para fazer. Apanhei um livro qualquer e folheei as páginas a esmo, se tentasse ler, nada reteria. Escutei um murmúrio, que a princípio achei ser algum barulho da natureza. O ruído se repetiu, e quando olhei para frente vi um senhor muito idoso, magro e vestido impecavelmente, que me chamava. Aproximei-me rapidamente dele, que estava de chapéu e capa de chuva e por isso parecia não se

importar com a garoa.

"Meu rapaz, aproxime-se, quero falar-lhe, mas sou um velho surdo."

"Se eu tivesse a chave o convidaria para entrar, me incomoda vê-lo tomar chuva."

"Não se importe comigo, sou surdo e velho mas tenho uma saúde de ferro."

Então ele me pediu para que lhe contasse um pouco de minha vida e de como tinha vindo parar aqui. Enquanto contava, reparava que alguns pingos d'água deslizavam pela aba de seu chapéu e escorriam por seu rosto. Aquilo começou a me perturbar, mas pela atenção que parecia manter na história que ouvia, aquelas gotas para ele não existiam. Seus olhos azuis, que se fixavam em meus lábios, eram parte de seus ouvidos. Procurei resumir o máximo que pude o que tinha a dizer. Tive a impressão de que quem realmente tinha algo a dizer era ele. Apresentou-se, chamava-se Moishe e era numismata. Em seguida explicou-me que numismata era quem negociava moedas antigas.

A chuva engrossou um pouco e apesar da presença dele me despertar muita curiosidade, pedi-lhe que voltasse outro dia pois me sentia mal em vê-lo molhado. Ele repetiu, não se importava e era para mim não me importar. Era muito magro e velho e sua pele meio amarelada. Não era difícil de definir os contornos de seu crânio, quando, dentro de não muito tempo, estaria descoberto de carnes. Ele me dava uma impressão de morte, mas seu sorriso e a paz que transmitia tiravam o lado assustador e injetavam serenidade a essa morte.

"Como lhe disse, apesar de minha idade, meu único problema é a surdez, meu cérebro está em tão boas condições quanto o seu. Digo isso, porque talvez estranhe o que eu tenha a te dizer, e ache que possa ser um efeito detur-

pado de um cérebro envelhecido.”

“Fique tranqüilo, sou submetido a tantos julgamentos que não costumo...”

“Sei que é difícil de acreditar... mas há muitos e muitos anos sua estada aqui já estava prevista. Vou direto ao ponto: herdei de meu pai, também numismata, uma moeda otomana do século XV, cuja efígie é o senhor dentro dessa cela.”

Primeiro invadiu-me um leve desânimo, depois tive pena daquele velho molhado e por consideração à sua idade continuei ouvindo sua história. Mas vi que ele percebeu em minha fisionomia minha falta de paciência.

“O senhor não se arrependerá de escutar minha história até o final, e não precisará somente acreditar em minhas palavras. Lhe darei provas.”

“Fique tranqüilo, para mim sua palavra será suficiente.”

“Por algum mistério que desconheço, sua figura foi talhada nessa moeda do século XV. Essa não é a primeira vez que isso acontece, em minha longa vida já testemunhei mais dois casos desses, uma moeda romana que mostrava no verso uma loja de secos e molhados de Dresden, e uma outra moeda ainda mais antiga, que desconheço a origem e que mostrava a recém inaugurada torre Eiffel de Paris.”

“Mas como o senhor explica isso, e por que eu?”

“Sabe meu jovem, como você já deve ter percebido eu sou judeu, ou um judeuzinho, como dizem por aí... e aliás, queria te dizer que concordo com muita coisa que se diz dos judeus, somos usurários, exploradores, usamos a religião para finalidades mercantis, para a maioria dos judeus o que interessa são os diamantes, a acumulação... reconheço a ganância como o grande laço de unidade judaica. E essa ganância espalha-se da alma para todas as partes do corpo dos judeus, nós economizamos sabão, em geral

cheiramos mal, economizamos roupas e até nossos passos são menores, a mesquinhez e a falta de generosidade são outras características do judeu médio.

Dito isso, vou falar do contrário, essa receita milenar de viver que chama-se judaísmo, trouxe também algumas vantagens para quem pertence a essa congregação. Nós desenvolvemos uma espécie de sexto sentido espertalhão, uma sensibilidade, que é difícil de definir em palavras, mas que simplificando um pouco, poderia ser resumida como uma tendência a descobrir oportunidades e decifrar pistas ocultas. E essa tendência é mais pronunciada nos judeus velhos, como eu.

Não quero te cansar com preâmbulos, serei sucinto, através da análise dessas três moedas e das cenas que são representadas em suas efígies, cheguei à conclusão, e pretendo usar o pouco tempo que me resta para divulgá-la, que vivemos todos dentro de um grande sonho. Cada um de nós é ao mesmo tempo, personagem e sonhador, uma coisa não impede a outra. Aliás, nada é realmente impossível, já que tudo é sonho. Nada é real, nem as barras dessa cela, nem o senhor, nem eu, não há espaço ou tempo. Quando dormimos, ao invés de fechar, abrimos nossos olhos para algo, que apesar de não ser, aproxima-se mais do que é verdadeiramente real.

As idéias são tão ou tão pouco reais quanto nossos corpos, e nós não estamos nem mais nem menos vivos do que qualquer soldado romano. Pulsa por toda eternidade uma bruma sem cor nem extensão, onde acontece a mistura dos sonhos, e onde alguns reflexos deles são projetados, e que nós, iludidos por essas imagens, chamamos de vida.

Um eventual homem que dormisse o tempo todo, seria aquele que mais perto da verdade estaria. Quanto mais crermos nesse mundo dos objetos rígidos, mais longe

dela estaremos.

As três moedas foram cunhadas por homens que não se deixavam iludir pela armadilha do tempo, e aceitaram como verdade o que lhes vinha embalado como um sonho. Eu sou aquele que lhes diz para não acordarem e continuarem talhando suas moedas, sim porque eles estão tão aqui quanto eu ou o senhor, se não os vemos é porque não estamos sonhando com eles.”

Terminou de falar e sem dizer nada estendeu-me a mão com a moeda. Era uma moeda grande, escura e estava bastante desgastada, de um lado havia um rosto humano e do outro, que estava mais apagado, parecia realmente haver o desenho de algo parecido com uma jaula. Havia também alguns pontos oxidados que lembravam a cabeça e os braços de um homem. Mas acho, que nem eu mesmo, se aquela moeda chegasse em minhas mãos por outras vias, identificaria aquele desenho pouco preciso, com minha cela, comigo dentro. Mesmo a jaula poderia representar outra coisa.

Olhei para a moeda por mais tempo do que o necessário, depois aponte para os detalhes que aparentemente confirmavam a tese do velho homem. Ele respondia às minhas observações com um entusiasmo infantil “sim, a cabeça” “veja é o mesmo tipo de grade”. Devolvi-lhe a moeda que ele guardou dentro de um saquinho de pano e depois dentro do casaco, com todo o cuidado. Cumprimentei-o e disse-lhe que talvez ele tivesse feito uma das grandes descobertas da história, e que seu nome poderia continuar a ser lembrado muito depois do ano 2000. Percebi que ele não via sinceridade em minhas palavras, mas isso não o impediu de manter o mesmo sorriso que tinha desde que chegou.

Depois que ele foi embora fui invadido por uma onda de piedade, sua figura miúda e molhada, seu rosto chupado

e sorridente formaram os alicerces de minha pena, mas o que construiu o corpo dela, foi saber que um homem naquela idade ainda sonhava. Essa piedade logo se derreteu, transformando-se em dúvida: estaria ele errado?

Resolvi então que não entraria nessa discussão mental, extrairia da experiência com o velho judeu, apenas a essência de seu sorriso e o brilho de seus olhos azuis. Procurei desviar o pensamento para outros assuntos, mas, como é difícil passar dois minutos sem pensar em um elefante azul, a imagem de seu sorriso me voltava a cada instante. Tentei me lembrar da velha moeda e descobrir se não havia mais pontos em comum comigo e minha cela, do que me parecera inicialmente. Acabei adormecendo, mas acho que tudo o que vivi deve ter se misturado em meus sonhos, dos quais não guardo recordações.

Acordei tarde, chovia muito e o que me despertou foram alguns pingos, que por causa do vento, molharam meu rosto. Pela primeira vez desde que cheguei aqui, passei uma manhã inteira sem nenhum visitante. Percebi que, ao contrário do que imaginava, isso não era nada bom. A melancolia tentou instalar-se, mas lutei contra ela, tentei ler alguma coisa, mas não tive concentração, lembrei-me da carta que recebi do menino, ela me ajudou a levantar meu moral. Não via a hora que algum visitante chegasse, sentime muito só, mesmo que viesse alguém que me tratasse com hostilidade, isso seria melhor do que permanecer sozinho nessa cela, cada vez mais molhada. Cuidei o máximo para que a carta não se molhasse, arrastei meu colchão, minhas roupas e livros para o centro da cela, onde os pingos não alcançavam.

Enquanto almoçava percebi que a chuva foi perdendo força, quando terminei de comer, apenas as árvores gotejavam e vi os primeiros visitantes do dia chegarem. Eram uns

jovens casais com filhos pequenos, que me cumprimentaram com educação e me mostraram para suas crianças. Apesar de serem simpáticos, não senti vontade de puxar conversa com eles. Por umas boas horas os visitantes foram se sucedendo, leves cumprimentos, dedos apontados, algumas risadas, cochichos nos ouvidos, não me importei. Para mim só o que interessava era que eu não estava sozinho. Ainda não havia provado dessa necessidade que se instalou de repente.

Eu estou mudando. Talvez sendo corroído em minha essência, o que não é necessariamente algo ruim, pois de qualquer forma estou me transformando em algo diferente. O medo da solidão é sintoma de mudança, meu velho ser vai sendo lentamente descarnado, estou surgindo aos poucos. Sou alguém que desconheço. Já desconhecia meu eu antigo, mas com ele, pelo menos, estava mais acostumado.

A chuva recomeçou fraca e percebi que minha melancolia me acompanhava de maneira fraca. Eu suportaria conviver com ela pelo resto da vida, mas desconfiava e temia, que ela tivesse vindo para ficar. Meu novo eu não mais sorriria sem razões aparentes, talvez até pouco sorrisse, e quando o fizesse, seria por razões irônicas.

As manhãs purificam as sombras negras do pensamento, que surgem quando acordamos no meio da noite, nessas horas pardas, toda a beleza desaparece e a vida fica sendo composta por pequenos e ilusórios intervalos de tranqüilidade atravessados por barras de ferro de sofrimento.

Já no meio da tarde chuvosa tentei enxergar uma manhã ensolarada, consegui enxergar um esquilo que aproximou-se de minha cela, tentei colocar um pouco de comida no chão para ver se ele chegava mais perto. Ele aproximou-se desconfiado, olhou para a comida mas não teve coragem de avançar. Escalou rapidamente uma árvore, sumindo

de meu campo de visão. A aparição daquele animal talvez tenha sido a manhã luminosa que estava ao meu alcance naquele instante. Os opostos... os desejos... as manhãs... muita coisa passou por minha cabeça, nada cravou alicerces, mas eu já me sentia melhor e não me importava se a chuva espantasse todos os visitantes. Mas ela parece que decidiu ir embora definitivamente, e até um tímido sol tentou aparecer no final da tarde. Os passarinhos voltaram e com eles os visitantes. Um rapaz de aproximadamente uns trinta anos observava-me há alguns passos de distância, percebi que ele era do tipo que nunca diria nada se eu não puxasse assunto. Notei que ele tinha em torno do pescoço um grosso crucifixo. As noites sem promessas, onde só ossos dissolvem-se no fundo de covas lamacentas lutaram contra manhãs brilhantes, cheias de sabores, promessas e cores, e eu segui adiante:

"O senhor é religioso?"

"Sim, estudo para ser padre. E o senhor, desculpe-me a pergunta, de onde vem, e que tipo de fé vocês tem por lá?"

"Se cremos em Deus... sim, a Europa espalhou a fé cristã por toda África, mas também sobrevivem os deuses tribais, as forças da natureza."

"Só há um Deus, cujo filho Nosso Senhor Jesus Cristo morreu na cruz para nos salvar. É ótimo que a fé cristã espalhe-se pela África, eu mesmo gostaria, de depois de consagrado, ir angariar almas que precisam de salvação..."

"Caro senhor, eu conheço os dois lados e acho que ambos precisam de salvação."

"Desculpe-me senhor, com todo o respeito às suas origens e credences, mas o senhor não está querendo comparar a doutrina cristã com as crenças selvagens dos africanos? Se estiver, vejo que também a sua alma está precisando de salvação."

"Quem está suficientemente salvo para salvar os outros, é tudo tão imensamente transitório, se quisermos ser honestos e mergulharmos de cabeça em um mundo sem dogmas..."

"Eu orarei pelo senhor, não acho justo que seres humanos sejam aprisionados em um zoológico, quem fez isso pagará por seus pecados durante o juízo final, mas é preciso que haja sua conversão, e que o senhor se arrependa com sinceridade de todos seus pensamentos impuros."

"Aceito suas orações."

Disse isso e fui deitar em minha cama, depois me arrependi, não queria ser mal educado com ele. Ele me olhou por um bom tempo, fez o sinal da cruz e foi embora. Primeiro ocorreu-me a idéia de que não me custaria nada declarar-me arrependido de minhas idéias e aceitar a verdade integral do cristianismo. Eu ganharia a simpatia dele, que poderia vir me visitar outras vezes e talvez, até me ajudar em algo que eu precisasse. Depois me lembrei de minha fé corroida, de Darwin, lembrei-me dos olhos do homem que me chicoteou, da carta pura da criança, do grito desesperado do leopardo na madrugada, de toda essa imensa confusão sem nome que me compõe. Não descobri quais são minhas formas e nem de que materiais sou formado, mas descobri qual é o cimento que une minhas partes, chama-se dúvida.

Sendo essa bolha mutável de sabão completamente vulnerável e imprevisível, pouca coisa me restava, nada era verdadeiramente eu, já que nada era exatamente eu, eu precisava de uma identidade para continuar existindo, não poderia vestir máscaras sociais, tinha de assumir a confusão que era. Não acreditava nem desacreditava em nada, apesar de cada vez mais tender para a descrença, então, depois dessas reflexões, consegui não me arrepender de

tê-lo deixado partir contrariado. Nossa troca, no fundo, tinha sido justa, ele não me traria a salvação e eu não lhe aumentaria o rebanho de almas, não deixávamos de ter chegado a um acordo.

16 de julho

Volto ao diário depois de uma semana. Não sei se os acontecimentos dos últimos sete dias foram menos interessantes do que os dos dias anteriores, acho que não escrevi nada, apenas porque me faltou vontade. É estranho, porque quanto mais se aproxima minha possível libertação, mais animado eu deveria ficar. No entanto, o que acontece comigo é o contrário, mergulho em uma melancolia que não é propriamente tristeza, mas que me aproxima muito de um estado de indiferença por todas as coisas.

Disse há algumas páginas atrás, que oculto muitos acontecimentos e escrevo só sobre o que interessa. Já vinha sentindo essa melancolia há pelo menos umas duas semanas, mas em grau menor. Procurei, inclusive, não deixá-la transparecer em minhas anotações. Achava-a um sintoma absolutamente normal para alguém em minhas condições. Mas foi há uns quatro ou cinco dias atrás, que aconteceu algo que me fez mergulhar mais fundo em meu estado de indiferença. Havia decidido não mencionar esse acontecimento, mas depois percebi que se quisesse continuar com o diário, teria de necessariamente revelá-lo, sob pena de que minha mudança de comportamento não explicada, tornasse todo o conteúdo do diário incompreensível.

Há alguns dias recebi novamente a visita de Fanny, meu coração encheu-se de alegria no exato momento em

que a vi. Seus olhos brilhavam, o azul parecia querer refletir a luz do sol e escorrer para fora das órbitas. Ao contrário das outras vezes, ela parecia muito alegre, e pela primeira vez pude reparar em seus dentes. Ela tinha dentes brancos como o marfim, parecidos com os dos negros. Ela começou a falar, mas prestei pouca atenção no que dizia, captava algumas palavras-chave "boa notícia" "21 de outubro" "liberdade". Alegrei-me por vê-la tão contente e radiante, ela achou que eu sorria pelo que me contava. Apertou minha mão e senti a textura da renda de sua luva.

Eu não tinha reparado, mas havia um rapaz que estava parado há uns três metros de distância dela. Ela chamou-o e apresentou-me, era seu noivo. Iriam se casar em novembro, e segundo ela "eu poderia ir ao casamento". Cumprimentei-o, não me lembro seu nome e nem nada do que me falou.

De repente os olhos de Fanny tornaram-se apenas mais um par de olhos azuis, iguais a muitos que eu via todos os dias. Felicitei-a pela notícia, e prometi-lhe que se já estivesse livre em novembro iria a seu casamento. Ela continuou falando e eu representando e não suportando mais sua presença. Depois que ela partiu – a meu ver sem perceber nada – um grande nó amargo formou-se em minha garganta. Tive muita vontade de chorar, mas não consegui. Lembrei-me do livro de Dumas, as coincidências tinham acabado. Depois tentei racionalizar as coisas, ela tinha se esforçado para que eu obtivesse minha liberdade, o que mais eu poderia desejar?

Não sabia ao certo se seria solto ou não, também não sabia, caso realmente ganhasse a liberdade, o quanto seus esforços realmente ajudaram. Mas isso não importava, ela havia desinteressadamente tomado uma atitude em favor de uma causa que acreditava justa, e nunca, em nenhum

momento, fez nenhuma alusão a nada que não representasse a causa pela qual estava lutando. Então, racionalmente, ela não tinha culpa alguma por meu sofrimento. Fora eu quem, inspirado pela solidão e pelas penas que sofrera, e talvez até, pelos ideais românticos que existiam no livro que tinha lido, a havia alçado à idolatria. Muitas vezes pensando até em fazer pequenas menções de meus sentimentos nesse diário, mas sempre censurando o que, no fundo, não achava e não acho correto.

Percebi que meu raciocínio estava perfeito, minhas carências haviam me aproximado dela, me fazendo acreditar em algo unilateral e impossível. Mas meu coração não conseguia entender o que meu cérebro dizia, e era ele quem vencia a batalha e me espalhava as dores pelo peito.

Vou descrever agora o que realmente imaginei como meu futuro, é muito difícil para mim colocar essas palavras no papel, por várias razões, mas o medo do ridículo talvez seja a mais forte delas. Sei que um homem que não tem medo de ser ridículo aproxima-se da grandeza. Mas nem sei se quero me tornar grande, quero apenas aliviar a dor que me corrói o peito, e talvez contar tudo me ajude:

Sonhei em casar-me com ela. Nós teríamos vários filhos com os olhos iguais aos dela. Viveríamos em uma casa confortável com todos os luxos proporcionados pela civilização. Eu teria uma carruagem com cocheiro sempre à minha disposição. Trabalharia com a força de minhas idéias e não com a de meus braços. Talvez fosse professor, e contasse a meus alunos sobre a colonização européia da África. Falaria dos absurdos que vi e vivi, para que eles não mais se repetissem. No fim do dia retornaria à minha casa, Fanny me esperaria, as crianças, a civilização e a felicidade também.

Quanto à minha esposa e filhos, eles teriam pertencido a uma outra fase de minha vida. Eu teria de destruí-los

mentalmente, esmagar as recordações e transferir meus sentimentos para minha nova família.

Pronto. Conteí. Esse no fundo sou eu, um grande egoísta que talvez mereça exatamente aquilo que vive. Nada importa a não ser minha felicidade, palavra que, aliás, combina com egoísmo, talvez a felicidade do egoísta seja melhor conhecida como alegria. Por momentos alegres e passageiros, renego tudo o que antes era importante para mim.

Acho que depois que cheguei a essas conclusões, minha melancolia se deveu menos à notícia do casamento de Fanny, e mais ao que eu tinha descoberto sobre mim mesmo. O que atenuou um pouco o desprezo que cheguei a sentir por minha própria pessoa foi o fato de perceber que não sou uma exceção, todas as pessoas são mais ou menos assim. Elas se comportam de maneira padronizada, assim como os animais.

Senti ódio do seminarista e sua doutrina dogmática, desejei encontrá-lo novamente para que meu ódio fosse posto em prática, eu mostraria a ele a besta selvagem que sou e sempre fui. Depois, olhei para o lado e vi o leão entediado, nunca uma gota de ódio entraria naquele coração, no egoísmo animal não há lugares para sentimentos destrutivos. Todas as forças agem exclusivamente no sentido da preservação daquela vida e de sua reprodução.

Seguiram-se a essa conclusão muitas dúvidas dolorosas: não seria o caminho animal, da auto-preservação honesta, sem máscaras ou desculpas sociais, o verdadeiro caminho? Ou o homem deveria suplantá-lo esse automatismo selvagem, ajudando o semelhante, mas ao mesmo tempo gerando toda a corrente de hipocrisia e egoísmo que deriva do fracasso atávico de qualquer tentativa nesse sentido?

Um sorriso sarcástico apareceu em meus lábios quando me lembrei do sonho em que Jesus Cristo e Darwin me

disputavam, vestido de donzela.

Nos últimos dias percebi que de agora em diante meu grande adversário será esse desânimo que me inunda. É nele o único lugar onde deverei cavar, ou talvez seja ele o único buraco que devo tapar. Talvez o fato de estar privado de liberdade tenha transformado meu mundo interno em algo mais importante do que minha relação com o mundo externo. E por causa disso, percebo o poço sem fundo que sou. Mas nesse caso, não posso culpar todo o gênero humano, existem pessoas que acumulam massa interior, e quando têm necessidades de viver do lado de dentro de si mesmas, encontram com o que se nutrir. Mas a vida tribal nunca exigiu que eu voltasse meus olhos para além de minhas necessidades cotidianas, e a educação européia que tive apenas sugeria essas necessidades de maneira distante.

Saber quem é seu grande inimigo já é um grande primeiro passo. Nos últimos dois dias venho tentando me afastar da melancolia, conversei com algumas crianças, mas seus pais logo as afastaram de mim, mas posso dizer que, sem correr o risco de parecer piegas – seus sorrisos me valeram o dia – e à noite, pouco antes de dormir, quando as idéias negativas normalmente chegam, pensei em coisas leves e agradáveis.

Quando acordei entreguei-me a uma reflexão prática, caso fosse solto, o que faria em meu primeiro dia de liberdade? Diversas possibilidades se ofereceram, mas de uma coisa eu tinha certeza, queria conhecer o zoológico e principalmente os outros homens que, como eu, ocupavam celas. Enquanto fazia meus planos – e percebia como eles são importantes no combate contra a melancolia – recebi, depois de muito tempo, a visita de Hans. Alegrei-me em vê-lo, sua conversa leve e longa talvez fosse o que eu estivesse precisando ouvir. Mas estranhamente, ele me cumprimentou de

maneira fria, percebi que olhava para os lados procurando ver se encontrava alguém. Ficando de costas para a cela, para que ninguém percebesse que conversava comigo, me disse que tinha sido repreendido pela direção do zoológico, que não via com bons olhos a amizade de um funcionário, com parte do acervo do parque – esses foram os exatos termos que usou. Pediu desculpas, mas disse que precisava preservar seu emprego. Partiu sem olhar para trás.

Não me entristeci muito por essa perda, mas temi que essa fosse apenas a primeira de muitas restrições que a direção poderia me impor. Poderiam pedir aos visitantes que não conversassem comigo, me proibir de falar, retirar meus livros, lápis e papel. Isso parecia lógico: se estava em um lugar destinado a animais, era porque me consideravam um deles, então por que alguns deles poderiam ter regalias e outros não? Olhei para o lado e o leão parecia mais confortável do que nunca, estremei. Depois, decidi não sofrer por antecipação e puxei conversa com um casal de jovens que me olhava nos olhos e não desviava o rosto quando eu os encarava.

Primeiramente me encheram de perguntas: como tinha vindo parar aqui, como me sentia, e vários detalhes menores. Respondi a tudo sem conseguir identificar exatamente que tipo de pessoas eram aqueles dois. Comecei a suspeitar quem eram, quando começaram a perguntar assuntos relacionados à minha região natal, lago Tanganica, tribo Maji Maji, pico Usambra. Chamavam-se Achim e Sophia e eram um casal de geógrafos que tinha viajado boa parte da África demarcando terras. Conheciam até minha tribo.

Nossa conversa sobre os mais variados assuntos, deve ter durado uma hora. Tanto eu quanto eles acabamos nos esquecendo que havia barras de ferro que nos separava e conversamos como velhos amigos que não se vêem há

muito tempo e tinham muito para contar. Durante a conversa reparei que alguns visitantes, mesmo sem dizer nada, decepcionavam-se com a informalidade daquilo que viam. Esperavam ver lá alguém alegre ou até triste, alguém ativo, pendurando-se nas grades, ou então passivo, deitado em sua cama da mesma maneira que os leões deitam-se nas suas. Mas não esperavam ver um ser humano conversando de igual para igual com outros. Aquilo, de certa forma, retirava o encanto do zoológico, fazia com que o dinheiro do ingresso não valesse a pena.

Mas não me perturbei com esses olhares, talvez já os tivesse recebido em outras ocasiões, quando conversei informalmente com outras pessoas, mas só agora percebi. Quando encerramos a conversa, Achim me disse que eu deveria estar ansioso, pois meus dias de cativeiro estavam acabando, e confirmou que minha liberação aconteceria até dia 21 de outubro. Ele me parecia sincero, e falou aquilo de maneira tão espontânea que acho que é verdade mesmo.

Já sofri tanto na vida, que meu comportamento normal depois de uma informação como essa, seria ignorar tudo que fosse a meu favor, até que os fatos se concretizassem. Decidi mudar e encher meu peito de uma alegria que eu sabia volátil, mas que poderia me ajudar a combater meu estado melancólico. Sem que nenhum dos visitantes entendesse, dei um grito tribal para exteriorizar meu prazer, o ruído acabou atraindo outros visitantes que estavam por perto, uma pequena multidão juntou-se diante de minha cela. Talvez mais de quarenta pessoas olhavam-me ao mesmo tempo, nunca tanta gente havia ficado diante de mim. Senti-me constrangido, sem saber o que fazer, pensei em voltar para minha cama, deitar-me um pouco para esperar que a multidão se dispersasse, mas meu sangue corria ve-loz e acabou impulsionando-me a dizer uma frase:

"A vida nunca é tão ruim e nem tão boa quanto parece." Dito isso a multidão se dividiu em grupos menores, alguns cochichavam nos ouvidos dos outros, alguns foram embora. Havia pessoas sérias e outras que sorriam. Um pequeno grupo me aplaudiu e eu agradei os aplausos. Aos poucos foram indo embora, deixando comigo algumas palavras simpáticas – mas elas não eram mais necessárias – eu me sentia pleno, e tudo o que viesse a mais, acabaria transbordando.

O zoológico fechou. Sozinho, continuei cheio daquela energia que do mesmo jeito que veio, vai embora rápido. Mas decidi aproveitar o provisório sem pensar no futuro, ou melhor, pensava nele, mas em meu futuro, esse combustível provisório não se esgotava nunca. Fiz e desfiz planos, voltaria para a África, traria minha família para a Europa, ficaria na Europa e formaria nova família por aqui. Nada era impossível e meus braços nunca foram tão longos. Devorei o mesmo velho jantar de sempre, que me pareceu cheio de novos sabores.

Depois de comer dei de cara com o livro "A tulipa negra", lembrei-me de Fanny, Rosa e Van Baerle. Com toda minha força atirei o livro longe, na direção da jaula dos leões. Um homem livre poderia encontrar muitas Fanny, e cultivaria suas tulipas de todas as cores em qualquer terreno que desejasse.

Adormeci uma noite cheia de sonhos, dos quais não me lembro, mas que me trouxeram uma sensação de bem-estar, que durou até o instante em que fui acordado pelo barulho de Hans, que enfiava para dentro de minha cela o livro que eu tinha jogado fora. Fingi continuar dormindo, pois não queria constrangê-lo a ter de me dizer algo, sendo que estava proibido de falar comigo. Depois que foi embora apanhei o livro e folheei-o ao acaso, já não me interes-

sava mais pela história. Mas o fato de o livro ter voltado para perto de mim, reacendeu a luz de minha superstição tribal. Eu estaria atado àquele enredo, mas somente até a parte em que Van Baerle permanece preso, meu destino havia rasgado fora as páginas finais onde ele encontra a felicidade. Coloquei o livro embaixo dos outros e procurei me esquecer dessas bobagens que eu mesmo criava para me incomodar. As visitas se sucederam, nada de especial, pessoas que iam e vinham sem deixar marcas profundas, aliás, não deixavam qualquer marca. O dia nublado oferecia uma luz difusa, que fazia até com que os visitantes se pacessem uns com os outros. Não senti vontade de puxar assunto com ninguém e não ouvi nada além de um "adeus" ou "bom dia".

Numa situação como essa eu teria tudo para mergulhar num estado melancólico, mas não foi o que aconteceu. Encontro apenas uma palavra para descrever meu estado psicológico: neutralidade. Assisti pacificamente ao desfile de visitantes, nenhuma emoção me tocou, era um espectador privilegiado, pois eles tinham apenas a mim para observar, e eu a todos eles. As horas escorreram sem deixar marcas de sua passagem. Não sei quanto tempo isso durou, mas aos poucos foi acabando, fui tomando consciência de mim mesmo, das grades e até de detalhes sem importância. Talvez esses detalhes sem importância tenham um objetivo que desconhecemos. Eles são a arma mais eficiente para interromper um estado de neutralidade, e colocar-nos novamente no mundo prático. As bobagens não podem ser desprezadas, pois juntas têm função importante.

Definitivamente fora do estado de neutralidade, decidi examinar aquele terreno que havia percorrido. Logo de cara uma pergunta apresentou-se: será que seria possível passar pela vida sem misturar-se com ela, ser como uma

gota de chuva que escorre sobre uma lona, cujas fibras são tão cerradas que não permitem que a água a molhe? Seria possível não sofrer ou gozar e não fazer ninguém sofrer nem gozar? Nunca interferir, apenas observar sem julgar. Não ambicionar nem decepcionar-se, apenas aceitar passivamente, indo além da ironia, dissolvendo o sorriso irônico – que aparentemente representa uma não participação – mas que no fundo, indica apenas um desejo de participar de uma maneira diferenciada. Que tipo de homem seria esse que conseguiria atravessar a vida dessa maneira? Seria possível, existiria alguém que conseguiria viver assim? Enquanto refletia, o camundongo reapareceu, entrou na cela e de maneira confusa caminhou de um lado para o outro. Parecia estranho. Achei que ele talvez estivesse atrás de comida e coloquei um pouco em seu caminho. Ele aproximou-se, cheirou e foi embora.

Tentei retomar meu raciocínio mas a ponta do romance havia sido perdida e fiquei com preguiça de tentar encontrá-la. Levei o bocado de comida que tinha oferecido ao camundongo até o nariz para ver se estava deteriorada. Nesse exato instante vi que uma velha de ar arrogante ficou chocada em me ver apanhando comida do chão, não tive dúvidas, engoli de uma só vez o alimento. Ela virou o rosto e abanou-se com seu leque. Estava acompanhada por um senhor de cartola e pude escutar quando saíam “eu te falei que não queria vir, espero não ter pesadelos com isso.”

Dez longos dias se passaram, muita coisa aconteceu. Para não me perder, tenho anotado os tópicos relativos

aos acontecimentos antes de passar a limpo nesse diário. Recebi novamente a visita do diretor do zoológico, dessa vez ele não quis entrar na cela, veio logo depois do fechamento dos portões, confirmou-me que eu ganharei minha liberdade antes do dia 21 de outubro. Falou-me da visita do imperador, que se aproximava, mas ainda não tinha data definida. Eu seria avisado algumas horas antes e deveria me portar conforme as instruções que receberia. Com um tom amigável, me disse que tinha recebido algumas reclamações a meu respeito, pessoas que vinham me visitar, mas que não se sentiam confortáveis em me ver falando. Prefeririam que eu permanecesse em silêncio.

"É claro que você tem direito de falar, mas o propósito dessa exposição é mostrar os exemplares humanos dos cantos esquecidos do mundo. Mostrar principalmente seu aspecto físico, mas se você fica o tempo todo demonstrando sua erudição e inteligência, acaba quebrando um pouco o encanto da coisa. O exotismo desaparece e você passa a ser apenas um europeu negro, encarcerado. Vou te fazer um pedido, não encare como ordem. Fale apenas o estritamente necessário."

Não respondi. Não vou obedecê-lo. Ele ainda me perguntou, com um sorriso nos lábios, se eu estava precisando de alguma coisa, se os funcionários estavam me tratando bem. Sinalizei afirmativamente com a cabeça. Quando ele já estava bem longe, joguei fora toda minha comida e gritei o mais alto que pude.

Tópico 2: a saudade de minha família. Parece que a falta que eles me fazem vêm em ondas, há períodos em que mal me lembro deles, o cotidiano, os rostos e as novidades, parece que se encarregam de absorver toda minha atenção. Eles se tornam uma ferida cicatrizada. Mas de repente, algo saído de dentro desse mesmo cotidiano que me distrai, se

encarrega de abrir minha ferida e então o sangue escorre com força. Eles se tornam um pedaço meu que vive longe. Acho que o último fator deflagrador dessas dores foi Fanny. Depois que vi meus sonhos infantis destruídos, senti o peso da culpa. Torturei-me por muitas noites, julguei-me, e cheguei à conclusão de que se fosse o contrário, minha mulher nunca faria comigo o que desejei fazer com ela. Eu até resuscitei o deus que já havia enterrado, e atribui a ele a aparição de um noivo para Fanny, afastando-me dessa maneira de qualquer possibilidade de cair em tentação. Aproveitei então que Deus novamente vivia e o enchi de pedidos. Um futuro feliz rodeado por minha família. Iria morrer na África e ser enterrado ao lado de um grande baobá, próximo à minha aldeia. Esses pareciam aqueles tipos de pedidos que um Deus gosta de atender. Lembrei-me de meu sonho esquisito, a luta de Jesus e Darwin, imaginei o final dessa batalha que nunca havia terminado. Jesus atravessaria Darwin com sua longa espada, o cientista cairia no chão e quase instantaneamente se transformaria em um esqueleto.

Fui lavar o rosto e vi meus contornos refletidos na água, senti-me pequeno e mesquinho. Um egoísta que agia conforme as conveniências do momento. Esqueci Deus, Darwin, sangue e espada, achei meu pedido simplesmente burro. Senti uma grande vontade de subir no topo do grande baobá e não de ser enterrado embaixo de suas raízes. Consegui costurar o ferimento que sangrava e entrei num novo período, em que quase me esqueci de minha cicatriz.

Eu não vou numerar os tópicos. As horas, os dias e os anos já são numerados. Tenho de tentar fazer o contrário, me afastar o mais que puder dos números. A vida é uma só, escrevo esse diário para demonstrar o que acho que me aconteceu de importante, mas não preciso guardar tudo, algo que eventualmente o esquecimento leve embora, é

porque não tem tanta importância assim.

Nos últimos dias senti grandes oscilações em meu humor, às vezes acordava muito bem, tudo parecia ótimo e algumas horas depois já estava mergulhado na melancolia. Às vezes acontecia o contrário, e eu encerrava o dia com uma alegria tão perfeita, que só não era mais perfeita porque me fazia desconfiar dela. Não sei a que atribuir essas mudanças súbitas, antes do encarceramento isso nunca havia me acontecido. Essas mudanças, ao logo dos dias, foram me fazendo desconfiar de mim mesmo. Meu estado de humor, que antes se confundia com minha personalidade, agora se separou dela. Sou eu e sou mais alguém. Quando estou alegre, parece que recebo apenas metade da alegria a que teria direito, já quando estou triste, parece que em vez de divisão, o que acontece é a soma. Recebo sobre meus ombros as penas de que sofre a outra parte de mim.

Não sei se escrever sobre essa minha nova condição, que espero ser provisória, possa atenuar esse desequilíbrio, ou se então teria efeito contrário. Mas acho importante contar como me sinto. Parece que o fim da novidade, contribuiu para que eu chegasse a esse ponto, os dias cada vez mais se parecem uns com os outros. Um longo dia repetido muitas vezes. Eu tenho de me esforçar para movimentar-me dentro desse dia e ser, ou pelo menos parecer, o detalhe diferenciado dentro dessa rotina. Mas esse esforço, que a princípio me dava prazer, agora me consome mais energias do que desejo despende. O caminho psicológico alternativo, que está facilmente ao meu alcance, é a indiferença a tudo e a todos, mas isso é ainda pior. Emoções desequilibradas podem ser corrigidas, contra o nada, pouca coisa se pode fazer.

Esse diário continua sendo um refúgio, e o fato de eu escrevê-lo com cada vez menos frequência é um sintoma

desse meu estado psicológico, como um doente que não se alimenta e vai ficando fraco. Em um dia qualquer desses últimos dez, não me levantei da cama, nem para me alimentar. Fiquei o dia todo apenas reparando no teto da cela, em como era coberto por telhas irregulares e em como as barras de ferro começavam a enferrujar. Os desenhos que o acaso formou nas telhas e a coloração que a ferrugem assumiu nas barras, foram o suficiente para me distrair pelo dia inteiro. Fui levado de idéia em idéia, todas muito rasas, mas de certa forma anestésicas. Um dia inteiro sob o efeito de um éter mental que me auto-impus.

Estranhamente, no dia seguinte acordei bem disposto, mas era uma sensação de um bem-estar mais equilibrado, diferente dos períodos eufóricos que vinha vivendo. Talvez seja preciso demolir as fundações tortas para recomeçar a construir. Nesse dia tudo aconteceu como nos primeiros dias de cativo, logo depois que me acostumei à perda de liberdade, almocei, cumprimentei alguns visitantes que me sorriram e até troquei algumas palavras. Exercitei-me, jantei, escutei os ruídos dos animais e fui dormir. Dois ou três dias depois, um outro sofrimento psicológico me afligiu. Eu não conseguia ficar parado um instante sequer, fui tomado por uma onda gigante de ansiedade, que me levou ao desespero. Meus olhos não paravam de piscar, o suor escorria abundante por meu rosto, caminhei de um lado para outro da cela, meu coração palpitava histérico, meus dedos se moviam furiosos em dez destinos diferentes, eu não era mais dois, era apenas um, mas esse ser não se contentava com os limites de meu corpo. E mesmo se conseguisse sair de minha cela, iria me sentir como alguém que saiu de uma, apenas para entrar em outra um pouco maior. Acho que essa ansiedade consumiu de maneira profunda minhas energias. Antes mesmo de anoitecer mergulhei

em um sono profundo, sem sonhos, e que só foi terminar quando, pela manhã, alguns visitantes acumularam-se diante de minha cela.

De todos os estados psicológicos pelos quais passei, acho que esse foi o pior, felizmente não mais se repetiu. Não quero apenas lamentar, é certo que tudo isso é uma consequência do que o mundo fez comigo, mas sou tão vítima quanto vilão, todos somos. A caveira de Darwin vai aos poucos recobrando suas carnes, até reconstruir seu rosto, ele ainda tem a espada que o atravessou ao meio. Mesmo assim, levanta-se. Jesus treme de medo e ensaia uma fuga rápida, Darwin retira a espada que o atravessa, e com um movimento, corta sua cabeça barbada que voa longe e vai se perder no meio da mata. O corpo de Jesus ainda permanece em pé por alguns instantes, jorrando sangue pelo pescoço cortado.

Ontem um senhor grisalho de olhos azuis profundos me perguntou o que eu iria fazer depois que fosse solto. Disse-lhe que gostaria de voltar para a África, para perto de minha família. Perguntou-me se eu tinha dinheiro para a passagem de volta. Eu nunca havia pensado que seria necessário comprar uma passagem, achava que quem havia me trazido até aqui teria a obrigação de me levar de volta. Sua pergunta alertou-me para essa necessidade, e também me colocou em um caminho mental prático, eu poderia gastar parte do tempo que me restava, planejando quais seriam meus primeiros passos assim que fosse solto. Comporia caminhos com opções alternativas, caso a primeira opção não desse certo.

Esse senhor me perguntou se eu não me interessaria em trabalhar para ele por algum tempo. Ele possuía uma granja a oito quilômetros de Berlim e me pagaria um salário justo por meu trabalho. Anotou seu nome e endereço em

um papel e me disse para procurá-lo caso me interessasse. Minha mente encaminhou-se imediatamente para a granja do velho, eu trabalharia e ganharia dinheiro, logo teria recursos suficientes para comprar minha própria granja. Minha consciência me cutucou quando percebi que em minha granja não estavam nem minha mulher nem meus filhos, havia uma moça loira de olhos azuis parecidos com os de Fanny e três meninos mestiços.

Guardei o endereço junto com a carta do menino. Em teoria, eu deveria desconfiar daquele homem, ele poderia ser um mercador de escravos que iria querer me vender para algum canto do mundo. Sei que os olhos às vezes enganam, mas se nem neles se puder confiar, então é melhor desistir de tudo. Aqueles olhos me pareceram repletos de solidariedade.

Decidi não dar chances para o azar, ocuparei minha mente com o que puder me manter afastado de mergulhos psicológicos na escuridão, e o diário é uma arma poderosa que tenho. Não sei se a expressão é correta para o meu caso, mas poderia dizer que hoje o dia foi produtivo.

Acordei com lembranças vagas do que tinha sonhado, no alto de uma montanha que eu escalara, eu encontrara dois enormes olhos, cada um do tamanho de uma cabra. Os olhos piscavam, choravam e me transmitiam uma doce sensação de solidariedade. Pela manhã, poucos visitantes apareceram, folheei alguns livros, mas acabei voltando para "A tulipa negra", então imaginei se meu destino ainda não poderia ficar parecido com o de Van Baerle. Os símbo-

los poderiam ter mudado, mas o desfecho acabaria sendo tão feliz quanto no livro. Percebi a inocência desse tipo de raciocínio, mas eu estava precisando de sonhos pueris, esperanças fúteis, qualquer coisa que, mesmo momentaneamente, me afastasse dos pensamentos escuros. A liberdade me esperava, e junto com ela todas suas promessas de luzes brilhantes que nunca incomodam as vistas.

Depois do almoço os visitantes começaram a chegar em maior número, e eu cuidadosamente guardei o livro e dentro dele meus fugazes sonhos futuros, que poderia voltar a desembulhar quando quisesse. Se eu não tinha um carcereiro que me castigava, e se Van Baerle apesar de tê-lo, foi muito feliz quando ganhou a liberdade, imaginem eu...

Recebi novamente a visita de Fritz, o professor da universidade de Berlim. Dessa vez veio sozinho, a primeira coisa que me disse foi "vim dar a boa notícia..." Parecia que, ou havia uma imensa conspiração secreta para me enganar, ou então, eu realmente seria posto em liberdade na segunda quinzena de outubro. Fritz me disse que nos próximos dias deveria chegar ao porto de Hamburgo o navio que trazia os orangotangos africanos que viriam substituir-me como peça de exposição. Teriam de ficar de quarentena e depois seriam trazidos para o zoológico. Rapidamente calculei que se o navio não demorasse muito a chegar, talvez minha libertação acontecesse ainda em setembro.

É incrível como às vezes as coisas custam anos para acontecer, mas quando acontecem, rapidamente atraem uma série de outras. É como se fossem ondas de efeitos parecidos. Depois do convite para trabalhar na granja, Fritz me convidou para dar algumas palestras em universidades alemãs contando minha história, o cativeiro e tudo mais. Disse-lhe que sim, que gostaria muito. O mesmo cérebro que há um ou dois dias atrás me apavorava, mostrando um univer-

so negro, agora iluminava cada batida do meu coração.

A onda mecânica de bons eventos continuava a espantificar-se sobre mim, recebi outras visitas interessantes, duas freiras alemãs que já haviam cumprido missão na África, vieram conversar comigo. Chegamos à conclusão que se já não nos havíamos visto por lá, tinha sido por pouco. Elas conheciam muito bem minha aldeia, e passamos um bom tempo falando de pessoas que conhecíamos. A conversa acabou derivando para música, elas sabiam várias canções tribais. Começamos a cantar, o que acabou atraindo a atenção de muitos visitantes, que formaram uma roda em volta das freiras e acompanharam as músicas com palmas. Quando terminamos fomos aplaudidos com entusiasmo. Hans acompanhou tudo sem dizer uma palavra, parecia contrariado por não ter coragem de me repreender e também por, de uma certa forma, estar desobedecendo às ordens da direção. Partiu cabisbaixo e cheguei a sentir uma certa pena dele, mas não o suficiente para interromper a sensação de bem-estar que vivia.

Agora só faltava o príncipe Guilherme de Orange dizer que eu receberia o prêmio por ter produzido a tulipa negra e além disso casar-me com Rosa. As ondas do mar destroem-se na areia abandonando a espuma que logo se dissolve, percebi que talvez estivesse vivendo um daqueles momentos de alegria que depois se transformavam em... era bem verdade que o que sentia era diferente, a alegria que vivia era mais sutil e estava espalhada por todos os lados, e não apenas armazenada dentro de mim. Resolvi me prevenir, freando meu entusiasmo antes que atingisse a euforia. O zoológico fechou e fiquei contemplando as luzes que desenhavam o chão e os pássaros que se preparavam para a noite. As horas passaram e eu continuei me sentindo bem, mas havia me afastado da alegria, vivia uma

sensação de serenidade, nada me incomodava, mas era diferente daquela sensação de neutralidade onde tudo me era indiferente. Agora, ao contrário, eu me sentia integrado com tudo o que via. O som dos pássaros e o amarelo do sol rastejando pelo chão, eram outras formas sob a qual eu também existia. Não havia diferenças entre as barras de ferro de minha cela e as flores do canteiro à minha direita. Os leões preguiçosos e as folhas mortas que o vento faz voar, eram idênticos ao que eu enxergava quando me via refletido nas águas de meu bebedouro.

Nesse grande útero universal meu dia foi amolecendo, minhas esquinas foram aos poucos perdendo seus ângulos mais agudos. O dia acabou no exato momento que deveria acabar.

28 de julho

Tive sonhos sólidos, quase palpáveis. Desconfio que se tivesse tido a idéia de arrancar alguma flor do chão de meu sonho, ela teria amanhecido entre meus dedos. E era delas que o sonho foi composto, o mundo inteiro havia se transformado em um imenso buquê multicolorido. Eu deixava minha cela, que estava aberta, e caminhava pelas ruas de Berlim, não havia nenhum ser humano, apenas prédios e flores por toda parte. Reparei então, que as flores começavam a sair pelas janelas dos prédios e que em pouco tempo – aquele estranho tempo dos sonhos – inundariam tudo, destruindo o que não fosse colorido.

Acordei já com pessoas me olhando, provavelmente as flores fizeram um grande esforço para me reter o máximo possível entre elas. Enquanto algumas crianças me

cumprimentavam, vi Hans passando ao fundo e olhando para os próprios pés, sem querer se aproximar de minha cela. Procurei olhar para ele, mas ele desviou para a jaula dos leopardos. Um menino de uns sete anos que conversava comigo me fez uma pergunta que não soube responder:

“Por que você está aí?”

Pensei em falar-lhe da exposição, depois da injustiça, mas ambas as explicações não seriam satisfatórias. Respondi-lhe então com uma outra pergunta:

“E você, por que está aí?”

Ele riu sem me responder. Quando partiu pude ver seu pai repreendendo-o por ter me perguntado o que não devia.

Passei o resto da manhã refletindo sobre se existem coisas que, mesmo que saibamos verdadeiras, devemos considerá-las falsas. E também o contrário, mentiras evidentes em que devemos acreditar. Perguntas que nunca devemos fazer, respostas verdadeiras que jamais devemos dar. Era claro que tudo isso existia, e que deveriam existir razões para que esse comportamento estranho fosse necessário. Mas se um dia, por experiência, abolissem-se essas práticas, e todas as perguntas proibidas fossem liberadas, será que esse dia seria pior que os outros? Às vezes o comodismo cimenta tradições, que aparentemente beneficiam pessoas ou grupos, mas mesmo esses teóricos beneficiados, podem estar perdendo com seus comportamentos, e continuam lutando por algo que, no fundo, não beneficia ninguém e nem serve para nada.

Encerrei essas reflexões quando chegou o almoço. Depois do almoço tive...

Durante toda a noite refleti sobre o que aconteceu ontem, e que me fez subitamente interromper a descrição de meu dia. Ainda sem dormir, e sem chegar a qualquer conclusão sobre o ocorrido, refleti se deveria escrever ou não sobre aquilo. Na verdade, não posso dizer se algo realmente aconteceu, pode ser que meus sentidos tenham me armado uma peça. Talvez o melhor verbo para descrever o que vivi seja mesmo "sentir", se utilizasse "ver", talvez estivesse exagerando. De qualquer forma, não completarei a descrição do dia de ontem, verdade ou mentira, ilusão ou realidade, o que vivi, não poderia se misturar com outras descrições.

Escrevo sem ter dormido. Felizmente o tempo chuvoso espantou a maioria dos visitantes e apesar da noite em claro minhas pálpebras não me pesam. Acho que depois que decidi transcrever o que senti, todo meu corpo convenceu-se de que teria de fazê-lo da melhor maneira possível, todas minhas energias se concentraram nessa missão.

Almocei e a comida teve o efeito de encerrar o estado de confusão mental em que me encontrava, acho que o corpo humano não pode se ocupar ao mesmo tempo da digestão e de reflexões. Em minha aldeia chamamos "fazer o quilo", esse período imediatamente após o almoço, quando nosso organismo se encarrega de dissolver o que comemos. E era isso que fazia, o quilo. Estava tranqüilo, bem alimentado, completamente consciente, quando aquilo aconteceu.

Levantei-me para caminhar alguns passos dentro da cela, era a caminhada que estava ao meu alcance, e uma impressão estranha me invadiu. Voltei a sentar-me e alguns minutos depois me levantei novamente, pelo canto dos

olhos tive a impressão de ver um vulto fora de minha cela.

Pisquei os olhos e olhei diretamente para onde achava que o vulto havia aparecido. Ele não estava mais lá. Acreditei então ter me enganado, alguma sombra havia se projetado sem que eu percebesse, acalmei-me procurando ignorar o incidente.

Quando me virei, para voltar para minha cama, aconteceu novamente, mas desta vez, mesmo com o canto dos olhos pude distinguir a figura que caminhava e as outras que o acompanhavam. Meu choque foi tão grande, que sem saber o que pensar, acabei olhando para meus pés. Precisava de algo sólido onde pudesse me segurar, apalpei minha canela tomando fôlego para poder voltar a olhar para aquilo. Levantei minha cabeça e o que vi foi apenas uma criança, que acompanhada dos pais, me apontava com o dedo indicador.

Vou ser direto, porque o objetivo dessa descrição não é fazer suspense, o que vi, acompanhado por alguns homens que também reconheci, fui eu mesmo. Essas pessoas que me acompanhavam, eram as mesmas que me conduziram a entrar na cela. Eu enxerguei uma repetição do que havia vivido quando comecei a morar no zoológico. A cena repetia-se só que agora eu conseguia assisti-la de fora. Minha primeira reação foi beliscar-me, passada a dor atribuí aquilo a uma revolta de meu cérebro, que procurava maneiras alternativas de continuar cumprindo sua missão. Ainda creio ser essa a explicação mais plausível, entretanto, após esse veredicto, procurei outras explicações menos simples. Lembrei-me da teoria dos opostos, do estranho caminho secreto do tempo, dos sonhos como possibilidade de vida, tudo se misturou, Fanny, Hans, o bondoso frei Helmuth, meus filhos reais e outros imaginários, Jesus, Van Baerle, Rosa e Darwin também entraram nessa mistura. Se naquele

instante eu pudesse caminhar pelo teto da cela não estranharia, tudo adquiriu um tom de irrealidade. Talvez pudesse chamar de uma outra realidade, vivia dentro de um espelho e estava prestes a descobrir onde ficam armazenadas todas as imagens que ele reflete.

A primeira conclusão evidente a que cheguei foi que o tempo era uma ilusão, mas isso me conduzia rapidamente a outras afirmações que poderiam ser resumidas em apenas uma: "tudo era uma ilusão". Mesmo que tudo pertencesse a um sonho, esse sonho poderia não existir. Do nada, brotariam algumas fagulhas, que por instantes iluminariam a eterna escuridão e criariam impressões. Todas as nossas mais sólidas crenças estariam contidas dentro dessas luzes provisórias, que existiriam apenas para confirmar que nada mais existia, além daquilo que não poderia ser dividido.

Cada ato meu, de meu nascimento à minha morte, estaria sempre sendo reencenado, às vezes exatamente como aconteceu e às vezes com algumas variações, tudo isso acontecendo paralelamente. O que, devido a minha pouca visão ainda não acontecera, não se distinguia em nada daquilo que, aos meus olhos, já tinha sido vivido. Eu nunca pararia de nascer nem de morrer, eternamente estaria entrando em minha cela e a mesma quantidade de vezes estaria me observando entrar nela. As variações de cada acontecimento representariam meu livre-arbítrio, e mesmo que através de meu esforço pessoal pudesse modificar algo que viesse a me acontecer, esse novo evento que substituiria o antigo, também já estaria acontecendo e nunca deixaria de acontecer.

Depois de mergulhar nessas idéias e sentir a necessidade de nadar a uma profundidade menor, onde os pés pudessem tocar o fundo, pedi ajuda a Darwin. O cérebro humano acumulava impressões e experiências ancestrais,

que se misturavam ao longo de gerações, criando a base mental do que é cada homem. A isso, cada individualidade adicionava suas próprias vivências e formava a consciência de cada indivíduo. Uma pressão muito grande em qualquer parte dessa complexa árvore, poderia acabar misturando os ingredientes, as memórias se confundiriam e projetariam imagens que nunca deveriam ser mostradas. A verdade fora de contexto passa a ser mentira, a evolução pode ter sofrido um talho por onde pode ter escorrido a imagem que vi. Mas as cicatrizes já estavam sendo construídas, talvez sobre o ferimento se formasse uma casca mais grossa do que a que existia antes e provavelmente eu nunca mais veria algo que não estivesse catalogado na ordem alfabética da vida.

Voltei então ao mar profundo, onde muitos e muitos eus não são capazes de encostar o pé no fundo. Aquele raciocínio, ao contrário do que me parecera inicialmente, não limita ou diminui o caminho humano. Se encararmos de frente a imensidão, esquecendo-nos momentaneamente do desejo da originalidade, e desta forma, anestesiando qualquer dor a que o ser humano esteja sujeito, estaremos, pela primeira vez, aceitando as coisas como realmente são, sem procurarmos lutar contra elas. As dores vêm do atrito entre o que enxergamos e as coisas como elas são.

Talvez eu precise de cicatrizes, de olhos ainda menos potentes e de mais mentiras para continuar vivendo. Uma explicação científica para o que aconteceu, um desejo reprimido, uma confusão nas camadas da memória – mesmo que provavelmente seja verdadeira – aplacaria meus desejos de busca e me recolocaria na linha férrea do cotidiano. A verdade acabaria encobrindo outras verdades mais profundas. Já, se der vazão ao lado mágico, estarei livre para mergulhar até onde quiser, e enxergar realidades que não

se vê em terra. Entretanto, corro o risco de não ter oxigênio para voltar à superfície.

A escolha não é difícil, aceito o engano cerebral, não estou em situação de poder correr riscos. Depois, quando estiver em liberdade, posso gradualmente ir entrando no mar, acostumando meu corpo com a temperatura e a pressão. Sei que não será fácil de agora em diante ignorar o que vivi, mas é o que terei de fazer. Mas... sei que nada, jamais, será tão absoluto quanto foi.

31 de julho

Apenas oitenta e dois dias me separam da liberdade. Decidi que esse é um período suficientemente pequeno para que eu tente aproveitar minha estada aqui. Quero sugar o máximo que puder da única virtude que existe nessa reclusão, que é um contato diário com um grande número de pessoas dos mais diferentes tipos. Mas antes de falar delas, descreverei um pequeno milagre. O rato que me visitava era na verdade uma fêmea grávida, que escolheu um dos cantos de minha cela para dar à luz a uma ninhada de pequenos pontinhos rosados que, como se fossem passarinhos noturnos, enchem o ambiente de chamados. Os barulhinhos me trazem uma sensação de aconchego. Quando a rata volta para perto de seus filhotes e eles encerram seus pedidos, eu me sinto, também de alguma forma, nutrido e acolhido. Acho que talvez o ser humano se adapte ao nível de carinho que está ao seu alcance, da mesma forma que se adapta ao ar rarefeito nas grandes altitudes.

Ontem Fanny veio me visitar. Desta vez estava sozinha. Quando reparei que seus olhos brilhavam como nunca,

procurei não olhá-la diretamente, fingi que o sol me atrapalhava a visão e conversei com ela olhando para o outro lado. Na verdade apenas a escutei e respondi a algumas perguntas que ela me fez. Ela falou de amenidades, sem nunca mencionar o casamento ou o noivo. Tentou alegrar-me dizendo que minha liberdade se aproximava, e disse que estava me achando muito abatido. Tenho certeza que ela percebeu minha desilusão. Tentava a todo custo ser simpática e me fazer sorrir. E percebi que ela não se satisfazia com o sorriso forçado que dei.

Quando ela partiu, atribuí aquele brilho nos seus olhos à situação da luz, um dia sem nuvens que morria e espalhava seus raios melancólicos de cores douradas. Grande parte do encanto que sentia por ela desapareceu, notei que em sua conversa havia muitos traços de futilidade e que talvez a causa que abraçou, tivesse sido encampada por razões menos nobres do que eu imaginara, alguma imaturidade juvenil, instinto maternal e uma necessidade cristã de lutar por recompensas. Se tentasse me aprofundar, talvez chegasse à conclusão que as mesmas forças que geram a doença também se encarregam de descobrir sua cura. Desta forma, Fanny e o homem que me chicoteou, seriam ambos engrenagens da mesma máquina. Mas como havia decidido não me aprofundar demais, continuei considerando Fanny uma boa moça e meu carrasco um homem mau.

Depois que ela foi embora tive um momento de descuido, fui invadido por aquele tipo de raciocínio abstrato que eu havia decidido abandonar. Lembrei-me do velho judeu e sua moeda. Aqueles olhos profundos pareciam estar me olhando enquanto eu tentava me recordar daqueles desenhos desbotados e incertos. O ruído dos ratinhos se parecia com palavras "eu te disse, o tempo não existe". Aquilo me agonizou bastante, enfiei minha cabeça dentro

do reservatório de água e mantive lá o máximo de tempo possível, queria afogar aquelas idéias, queria que meu cérebro se preocupasse com a falta de ar. Deu certo, no meu limite extremo, enchi os pulmões de ar. Os pensamentos tinham desaparecido e o ruído dos ratinhos era apenas um chamados biológico.

Quando levantei a cabeça dei de cara com um rapaz que me olhava surpreso. Eu não o havia visto antes e também me assustei com sua presença, gritei e ele recuou dois passos. Depois se reaproximou e começou a falar, era uma figura interessante e aqui transcrevo nosso diálogo:

"Eu pensei que o senhor... é um método muito difícil, lutar contra os próprios pulmões até que eles parem..."

"Não... não é o que está pensando, apenas testava quanto tempo conseguia ficar embaixo d'água."

"E quanto tempo consegue?"

"Não sei, não tenho relógio... faço isso para manter meus pulmões em forma."

"Eu não pretendo envelhecer, e não tenho vergonha disso. Quando chegar a hora desistirei de me arrastar por aí, sendo cada dia menos e menos capaz."

"Só teme a incapacidade quem se julga perfeitamente capaz. Você é ainda tão jovem."

"Velho o suficiente para perceber que não vale a pena envelhecer. Tenho grandes dúvidas se mesmo ser jovem vale a pena."

"Olhe para mim aqui dentro, o que você acha que eu deveria fazer?"

"Você não é velho. Mas acho que precisa de um relógio para ver quanto tempo agüenta embaixo d'água."

Disse isso e partiu, mas acho que também ficou. O que me disse começou a se espalhar por meu raciocínio, mas percebi que não era o tipo de idéia que me seria útil. Resol-

vi afogar suas idéias e julgar sua pessoa: aquele rapaz era a eterna vítima. Um tipo de personalidade que sempre atribui todas as culpas do que sofre aos outros e nunca reconhece em si o menor defeito. Todos são culpados, inclusive o tempo, há uma grande conspiração universal contra ele, e sua vida é uma eterna luta, protege sua personalidade para que ela nunca mude e nem passe em frente de espelhos.

O zoológico fechou, e pouco antes da noite chegar, vi o pica-pau de penacho vermelho de que aquele rapaz estranho havia me falado. Ele tinha dito "ouvir os pássaros e depois tentar escutar o vento...", observei os movimentos da ave que bicava o carvalho enquanto seu penacho permanecia imóvel. Talvez fosse a hora de eu tentar escutar o vento, as folhas não se moviam, o ar parecia não existir, o pássaro trabalhava furando a madeira e espalhando som, agia programado por sua natureza, continuei observando-o, ele fazia o que deveria fazer, e eu o que acho que deveria, me esqueci do vento, ele voou.

2 de agosto

Ontem aconteceu algo que me chateou bastante. Apesar da comida ser boa, é sempre a mesma, e já há um bom tempo estou enjoado dela. Nas últimas semanas tive diarreia e umas erupções na pele que acho que foram originadas pelo excesso de carne em minha dieta. Ontem me dirigi ao homem que todos os dias entrega minhas refeições – nunca o mencionei porque sempre o achei alguém tão próximo do zero, que jamais mereceria citação – pedi-lhe com educação, se poderia comunicar à direção do zoológico, que essa dieta não estava me fazendo bem. Pela primeira vez

em mais de dois meses ele me olhou nos olhos, tinha olhos mortos e cheios de ódio. Naquele curto instante consegui diagnosticá-lo: era um homem podre. Esperei que ele me dissesse alguma coisa, no fundo, esperava que me desse provas de que eu estava errado. Ele cuspiu na minha bandeja, colocou-a no lugar de sempre e foi alimentar os leões.

Sua atitude me surpreendeu tanto que fiquei sem reação. Separei a parte onde ele havia cuspidos para a rata e comi normalmente. Depois do almoço poucos visitantes vieram, com tempo de sobra permiti a entrada do ódio, primeiro contra aquele miserável, mas logo ele atingiu também todos os visitantes, a Europa, a África, minha família e acabou chegando em mim mesmo. Olhei para o meu reservatório de água, lembrei-me do que o rapaz havia dito, para dar o primeiro passo eu teria de transferir todo o ódio para meus pulmões, enegrecê-los até fazê-los parar.

Chorei muito e acabei dormindo. Acordei um pouco melhor, o ódio havia recuado e agora se concentrava apenas naquele homem. Fui até gentil com alguns visitantes, brinquei com algumas crianças e sorri, mas continuava machucado. O diretor do zoológico tinha me dito, o que eu precisasse era só pedir... teria de denunciar aquele homem, pedir para que fosse transferido ou algo equivalente. A noite chegou e eu tive dificuldades para dormir, as idéias balançavam de um lado para outro, teria de tomar cuidado, não poderia fazer com que aquele homem tivesse raiva de mim. Ele poderia tentar me envenenar. Decidi não denunciá-lo, quando visse o Hans pediria a ele para levar minha reivindicação à diretoria.

Passei toda a manhã ansioso, querendo saber qual seria a atitude do entregador de comida. Eu tinha me dirigido a ele de maneira educada, mas sua agressividade tinha sido fora do comum, talvez estivesse vivendo alguma dificuldade

e estava descontando em mim seu sofrimento. Imaginei-o desculpando-se e tornando-se meu grande aliado dentro do zoológico. Imaginei-o também envergonhado por sua atitude, trocando voluntariamente de posto com algum outro funcionário.

A manhã toda foi atravessada por essas esperanças na recuperação humana. O mesmo homem veio carregando minha bandeja. Procurei encará-lo para ver se dizia alguma coisa. Ele desviava o olhar. Chamei-o. Ele me olhou nos olhos, não disse nada e novamente cuspiu em meu prato. Em seguida colocou-o no lugar onde o pego. Dessa vez minha reação foi instantânea, apanhei a bandeja e atirei a comida em seu rosto. Ele enfureceu-se e me ofendeu, aproveitei que ele se aproximou da cela e o atingi no rosto com a bandeja, cortando-o logo abaixo do olho. Percebendo o sangramento ele começou a me atirar os pedriscos que cobrem o chão. Escondi-me atrás de minha cama. O barulho terminou, e achei que ele tinha ido embora, mas alguns segundos depois, pedras grandes começaram a voar em minha direção. Nenhuma delas me atingiu, mas suas palavras sim:

"Macaco sujo, você está morto, vou te cobrir da cal e te enterrar no cemitério dos animais. Não vai comer mais nada, vai morrer de fome, se quiser comer será meu vômito que te darei."

Então começou a chacoalhar furiosamente as grades, levantei-me de onde estava e vi seus olhos podres flutuando num ódio sanguíneo, vi também que alguns visitantes, que não sabiam o que estava acontecendo, acumulavam-se atrás dele.

"Seu lixo, você come carne todo dia e ainda reclama. Não faz nada o dia inteiro e ainda se acha no direito de exigir. Aqui fora a gente tem de suar se quiser comer. Você me

tirou sangue, eu vou tirar sua vida de merda. Seu macaco fedorento, seu porco sujo, você é o esgoto do mundo.”

Alguns visitantes tentaram intervir, dizendo que ele não tinha o direito de me tratar daquele jeito. Ele não os escutou. Um homem forte tomou a atitude de empurrá-lo dizendo que ele deveria andar. Vi como olhou para o homem, que pensou em agredi-lo, mas essa foi sua vez de engolir o ódio. Antes de partir, me apontou com o indicador e disse:

“Antes de morrer você sofrerá.”

O burburinho aumentou, outros visitantes chegaram atraídos pela confusão. Muitas perguntas me foram feitas, respondi a algumas, estava atordoado e arrependido. Aquelas palavras eram brasas acesas dentro de meu estômago, queimavam, e se quisesse colocá-las para fora, queimariam ainda mais. Do meio da confusão apareceu Hans querendo saber o que tinha acontecido. Conteí tudo, desde o dia de ontem, assumi meus erros, mas enfatizei as ameaças de morte que ele havia me feito. Ele escutou tudo e pediu para que a multidão se dispersasse porque o zoológico seria fechado meia hora mais cedo.

Foi embora e me deixou acompanhado por medos e arrependimentos. Se nenhuma providência fosse tomada aquele homem tentaria me envenenar. O que eu poderia fazer era dar uma amostra de comida para a rata provar antes que eu comesse. Mas isso não resolveria, e se ela não quisesse comer, e se levasse tempo para sentir os efeitos do veneno, e se os ratos fossem imunes àquele veneno? Várias imagens se sucederam em minha imaginação, o sangue escorria pelo canto de minha boca depois que o alimento tivesse derretido minhas entranhas, vi-me coberto de cal recebendo um jato de urina no rosto antes de ser enterrado no cemitério de animais, vi um machado afiado me cortando em pedaços e minha cabeça sendo chutada

longe e rolando indefesa.

Deitado em minha cama, pensava em como me defender, em como pedir ajuda, me lembrei de Fanny, ela voltou a ser meu porto seguro, ela poderia denunciar o complô que se armava contra mim. Eu novamente seria o centro de suas atenções, ela lutaria por mim e acabaria se esquecendo de seu noivo. O romance açucarado ganharia tonalidades exóticas, mistério, intriga, vingança, justiça, mas finalmente a felicidade nos engoliria. E seria imensamente maior do que aquela de "A tulipa negra".

Fui despertado desse sonho por mãos que batiam palmas. Por um instante pensei que poderia ser Fanny. Era Heinrich, o diretor do zoológico. Reparei que Hans caminhava em círculos alguns metros atrás dele, distância onde ainda poderia ouvir o que falávamos. Dessa vez Heinrich estava menos sorridente, mas continuava gentil, e com uma voz pausada e tranqüila, pediu-me para que eu descrevesse exatamente tudo o que tinha acontecido. Repeti toda a história, inclusive como o feri com a bandeja. Ele escutou tudo e no final disse-me que o funcionário também dissera que eu o havia ameaçado de morte. Neguei veementemente e disse que talvez algum dos visitantes pudesse servir de testemunha a meu favor. Disse que ficara muito decepcionado comigo, que me considerava muito e por isso estava desapontado. Eu disse que não mais cometeria tais erros, tendo os cometido apenas por não poder suportar mais a humilhação a que fui submetido.

Contei-lhe de meus problemas de saúde, que achava serem causados pela alimentação muito repetitiva, sempre baseada em carne de porco. Mostrei-lhe minha pele, ele não quis ver e aceitou minha palavra.

Disse que tomaria as providências quanto a comida, e que eu não me preocupasse a respeito do tratador, ele se-

ria transferido e outra pessoa passaria a me atender. Disse também que por meu comportamento, não poderia deixar de receber uma punição, que seria ficar um dia sem alimentação. No final das contas fiquei feliz com o resultado. Talvez o período de jejum fosse até benéfico para meu organismo, que eliminaria as toxinas de que estava repleto.

6 de agosto

O dia de jejum foi tranqüilo, poucos visitantes e muito descanso. Uma criança montada nas costas de seu pai acenou para mim com um sorriso tão verdadeiro que me dei ao trabalho de levantar de minha cama para ir cumprimentá-la. Percebi que o pai gostou de minha atitude e me agradeceu com uma piscada de olho. Perguntei o nome do menino, que custou a me responder que se chamava Robert e tinha quatro anos. Desceu das costas do pai e aproximou-se da cela. Em ocasiões como essas eu sempre recuo uns dois passos para não constranger os pais, mas foi o próprio pai que me pediu para cumprimentar seu filho. Ele enfiou a mãozinha para dentro da grade, apertei-a, disse que queria me beijar. Olhei para o pai pedindo aprovação, ele apenas sorriu, coloquei meu rosto encostado nas grades e a criança enfiou a cabeça entre elas e me beijou a bochecha. Depois me disse "agora você é meu amigo".

Depois que eles partiram outros visitantes vieram mas eu já estava distraído, aquela criança fixou-se em minha memória e me conduziu a idéias que eu nunca imaginara ter. Se todos os visitantes fossem como aquele menino, até que valeria a pena viver no zoológico. No dia 21 de outubro, quando abrissem minha jaula, eu lhes diria "não,

obrigado, decidi ficar". De uma certa forma, a liberdade não é nada mais do que a busca pelo amor, e se nos meus vinte metros quadrados eu já tivesse todo o amor que necessitava, por que trocaria o certo pelo duvidoso? Essa idéia logo se transformou em piada, e cheguei a gargalhar sozinho, o que fez com que alguns visitantes abandonassem seus ares sisudos e discretamente, também sorrissem.

Talvez o amor seja algo menos imaterial do que se imagina, e possa ser servido periodicamente, como a comida. Estômagos bem alimentados e uma alma – ou qualquer que seja o receptáculo – nutrida de amor, talvez sejam os dois simples ingredientes para a fabricação do homem ideal. Todo o resto seriam detalhes que não são fundamentais, e que em grandes quantidades só atrapalhariam. Mas, talvez esse homem ideal o seja assim, não para si mesmo, nem para a humanidade, esse homem amado e alimentado, satisfeito em suas necessidades fundamentais, não precisaria buscar nada, aceitaria o mundo como perfeito, ignorando quaisquer dores. Sua perfeição e falta de busca seriam ideais para a construção de uma sociedade mecânica, como a máquina de um relógio. Talvez os séculos vindouros tragam amores em doses, e as sociedades o utilizem para azeitar suas engrenagens e fazer com que a máquina funcione com menos esforço.

Dormi um sono tranqüilo repleto de sonhos com comida. Quando acordei estava faminto, pois havia jogado minha comida no tratador e tinha cumprido mais um dia sem comer. Sentia um pouco de dor de cabeça e tentava descobrir pela posição do sol, quanto tempo faltava para que o almoço chegasse. Comecei a ficar irritado com a demora e temeroso de que talvez tivessem decidido estender minha pena. As horas podem tanto arrastar-se como uma centopéia, como comportar-se como água quando é despejada, e

não sei onde, lá num lugar bem escondido dentro da gente, é que fica a chave que muda a velocidade do tempo.

Finalmente chegou o entregador, era um rapaz bem jovem, não sei se instruído pela direção, mas fazia questão de ser bem simpático. Cumprimentei-o e agradei, acho que eu também fazia questão de parecer simpático. A comida tinha mudado, havia vegetais, ovos cozidos e até macarrão, que veio ainda soltando fumaça. Só faltava ele me dizer que depois de comer, eu receberia minha dose de amor. Ele me perguntou se eu havia gostado, disse-lhe que sim, que aquilo parecia muito bom. Chamava-se Stephan e de agora em diante viria todos os dias me trazer a comida, se precisasse de mais alguma coisa era para pedir para ele.

Foi o almoço mais delicioso de todos, não havia visitantes enquanto comia e tive tempo livre para me distrair com meus pensamentos. Talvez para alguns homens, o amor não fosse necessário, um estômago cheio e um paladar satisfeito já seriam o suficiente. Esse homem não precisaria esperar pela sofisticação das sociedades futuras, que tem de adicionar amor – ou pelo menos algo que se assemelhe bastante a ele – àquilo que mantém as máquinas funcionando. Esse homem de pança cheia, talvez seja suficiente para manter limpas e organizadas as ruas das grandes cidades de hoje, e floridos os vasos que decoram as casas dos trabalhadores.

Olhei para o lado e o leão descansava tranquilamente ao sol, provavelmente já havia comido os seis quilos de carne a que tinha direito diariamente, e agora processava o alimento. Imaginei um mundo inteiro comandado por leões, haveria advogados e médicos leões, açougueiros, padeiros, cocheiros, damas da sociedade, ladrões e carcereiros. Eles usariam calças e paletós, monóculos, vestidos e sapatos, e se comportariam como homens e mulheres. Aos domingos, viriam ao zoológico visitar os homens. Essa civilização da

pança cheia não seria diferente da nossa, com todos seus defeitos e virtudes, contanto que cada um deles tivesse sempre acesso aos seus seis quilos de carne diários.

Mas um belo dia, um domingo, em que os homens dormiam em suas celas e os leões passeavam entediados pelo zoológico, um deles, um jovem leão inquieto, irá se perguntar o porquê de tudo aquilo. Por que as malditas engrenagens devem girar para um lado e não para o outro, e mais, por que elas devem mesmo existir, e todos os leões despenderem todas suas energias para sustentá-las? Então o jovem animal abandonará a linguagem humana, e dará um urro selvagem – forma de comunicação praticamente esquecida entre os leões – que fará com que todos os outros leões dispam-se de suas roupas humanas, libertem os homens presos em jaulas e procurem, guiados pela posição do sol, onde estão as florestas da África, de onde nunca deveriam ter saído.

Cada ser vivo possui seu próprio tempo. Cheguei a essa conclusão quando observei como, em poucos dias, cresceram os filhotes da rata. Talvez, a tentativa de uniformizar o tempo, forçando naturezas distintas a viver dentro de um único tempo individual, seja um dos grandes obstáculos para que o ser humano suba mais um degrau na escala evolutiva.

Depois da confusão com o tratador tenho vivido dias de grande paz, não sei se houve alguma repercussão do que aconteceu, mas parece que os visitantes nunca foram tão educados, respeitam meus períodos de descanso

e nunca mais me pediram coisas estúpidas como para eu me pendurar nas grades. Tenho aproveitado esse respeito, que acho que até um certo ponto conquistei, para pensar bastante, pensei inclusive em escrever algumas idéias fora desse diário. Minha primeira intenção ao escrever essa descrição de meus dias era denunciar algo que julgo inaceitável, queria começar citando apenas algumas informações biográficas básicas e falando sobre algo que era universal, a maldade humana e suas origens. Num segundo momento, ele se tornou mais a descrição dos fatos que me ocorrem e menos uma denúncia. As coisas vão se misturando e percebo que não há apenas um vilão, são muitos, e mesmo eles, tanto quanto eu, também são vítimas que deveriam poder denunciar seus algozes. Mas o primeiro passo seria descobrir que são vítimas, pois eles não têm noção disso.

Aos poucos fui descobrindo que eu também sou vilão e não tinha noção disso. A vida é como um céu nublado que sutilmente vai se modificando conforme o vento sopra. Quando percebemos, estamos acreditando no exato oposto daquilo em que acreditávamos antes. Somos céu, mas ao mesmo tempo somos terra, porque o céu não guarda marcas de suas mudanças e a terra registra em suas erosões as modificações pelas quais passamos. Talvez também sejamos água, fluida e maleável, capaz de se adaptar a diferentes tipos de recipientes. Do fogo guardamos respingos de chamas no brilho dos olhos, e acabamos formando essa mistura difícil de ser julgada.

Meu diário reflete essa mudança. Talvez agora, mais do que denunciar o absurdo de se enjaular um ser humano para que seus semelhantes possam observá-lo, o alvo de minha denúncia tenha se tornado a própria vida. Denuncio a maneira sutil como ela ocorre, parecida com a fumaça que sai da panela e sem que percebamos, espalha-se por

todos os cantos da casa. Não sou o mesmo homem que entrou nessa cela e nem serei o mesmo que dela sairá. Terminada cada palavra que escrevo, elas já não mais refletirão exatamente o homem que sou.

Durante a tarde pude acompanhar um filhote da rata aventurando-se pela primeira vez longe de sua mãe. Tinha os olhos fechados e caminhava com grandes dificuldades sobre o piso irregular da cela. Por um instante pensei em ajudá-lo, mas deixei-o lutar, esforçando-se para transpor seus obstáculos. Outros filhotes caminhavam em direções opostas, nenhum deles enxergava.

O parque fechou e a noite trouxe um azul que eu desconhecia, floral, profundo e transparente. Ideal para sonhos reveladores. Ainda ouvi alguns barulhinhos dos ratos e depois mais nada. Apenas uma grande e amarela lua cheia atravessando o azul com sua luz. Nesses instantes não fui alegre nem triste, tentei escutar a vida.

Acordei sem me lembrar dos sonhos, vagamente a cor azul havia deixado alguns traços em minha memória, que a manhã fez questão de apagar com rapidez. O cotidiano me chamava. Respondi a ele ligando minha máquina de pensamentos encadeados e tive a primeira percepção do dia, os ratos tinham sumido. Examinei toda a cela e não havia nenhum sinal deles. Sentado em minha cama reparei que ventava bastante, as nuvens eram rapidamente arrastadas de um lado para outro até desaparecerem de meu campo de visão. Pensamentos insignificantes se sucederam durante toda a manhã, vieram acompanhados por visitantes com

a mesma importância.

Ao meio-dia Stephan veio trazer meu almoço, novamente uma variação no cardápio, carne de boi, purê de batatas, tomates, alface e um ovo frito. A comida estava deliciosa. Enquanto comia ele me contou que o outro tratador com o qual eu me desentendera, agora trabalhava com os elefantes. Que ele havia sido advertido pela direção, que se se aproximasse de minha cela seria imediatamente demitido. Disse-me que aquele homem já havia criado confusão com outros funcionários, mas que, no fundo, não era má pessoa. Havia vindo muito jovem de um pequeno vilarejo para Berlim, e já era pai de seis filhos. Quando o diretor o ameaçou de demissão, ele se ajoelhou e implorou por seu emprego com lágrimas nos olhos.

Depois, foi Stephan que encheu seus olhos de lágrimas quando me contou que um dos seis filhos daquele homem era mongolóide, e que em seu dia de folga, ele vinha com o menino mostrar para ele os animais do zoológico. O rapaz virou o rosto e continuou conversando comigo de costas, percebi que não queria que eu visse suas lágrimas. Quando elas secaram ele disse que queria me mostrar um panfleto que estava sendo distribuído para os visitantes do zoológico e que aqui transcrevo :

Frederico Guilherme Victor Alberto Hohenzorllern Von Preussen, tendo por título oficial Guilherme II pela graça de Deus Rei da Prússia, Margrave do Brandemburgo, Burgrave de Nuremberga e Conde de Hohenzorllern, Soberano e Duque Superior da Silésia e do Condado De Glatz, Grão-Duque do Baixo Reno e da Posnânia, Duque da Saxônia, Vestfália e Engern, da Pomerânia, Lüneberg, Holsstein e Schleswig, de Magdeburg, Bremem,

Clève, Jülich e Berg, Wenden e Kaschuben, de Krossen, Lauenburg e Mecklemburg, Landgrave de Hesse e da Turíngia, Margrave de Lausitz Superior e Inferior, Príncipe-Herdeiro de Orange, Príncipe de Rügen, Frísia Oriental, Padernborn e Pymont, Halberstadt, Münster, Minden, Osnabrück, Hildesheim, Verden, Kammin, Fulda, Nassau e Mörs, Conde de Henneberg, Conde de Marca e de Ravensberg, Hohenstein, Tecklemburg e Linden, de Mansfeld, Sigmarigen e Veringen, senhor de Frankfurt, convida a todos habitantes da gloriosa Berlim, para compartilharem sua visita ao Jardim Zoológico da Cidade, que se realizará no próximo dia 17 de agosto a partir do meio-dia.

Depois que li o panfleto custei a entender que todos aqueles títulos se referiam a apenas uma pessoa, o imperador Guilherme II, quando me dei conta não pude deixar de achar graça. Percebi que um dos títulos era "Príncipe-Herdeiro De Orange", além disso o imperador tinha o mesmo prenome do príncipe Guilherme de Orange, benfeitor do livro "A tulipa negra". Talvez a vida, ou seja lá qual força, estivesse querendo me reaproximar do enredo do livro, preparando uma grande surpresa que aconteceria durante a visita do imperador, provavelmente tendo o próprio como protagonista.

Stephan partiu, pois além de mim, também ocupava-se de vários felinos, e me deixou com o panfleto nas mãos e com idéias que borbulhavam. Seria muito pouco provável que alguém com tantos títulos pudesse ser capaz de um ato de generosidade. O mais provável, é que alguém embaraçado por tantos fios de poder, se preocupasse apenas em mantê-los apertados. Talvez aquele homem fosse um gran-

de solitário que não pediu a vida que tem, e que sem nunca ter conhecido a vida real, sonha em apenas ser um rosto desconhecido na multidão. Um homem triste, que lamenta o próprio destino e que conhece bem como são frágeis e mentirosas as estruturas que o mantém distanciado dos outros homens.

Vivemos em uma época em que a opinião pública passou a ter importância. Talvez, se ele tomasse alguma atitude generosa para comigo, mesmo que essa generosidade tivesse como objetivo apenas interesses pessoais, ele conseguisse publicidade favorável. Não sei exatamente se um imperador tem necessidade de publicidade, mas essa eventual atitude, poderia ajudá-lo a acreditar que a própria vida tem uma finalidade prática.

Na verdade "saber se a vida tem alguma finalidade prática", é algo que não se aplica somente ao imperador. Talvez todos nós, de uma forma ou de outra, tenhamos nossos inúteis títulos de nobreza. Imagino o imperador que queremos que enxerguemos, um homem imenso, quase do tamanho do império que comanda, um semi-deus cheio da mais profunda sabedoria, bondade e senso de justiça. Contrapõe-se a essa imagem a do verdadeiro homem, ou então a imagem que ele tem dele mesmo, uma figura frágil e cheia de medos, que se atribui um erro atávico e cíclico que permeia cada um de seus atos. Um ser repleto de uma culpa acumulativa, que conforme os anos passam, vão lhe pesando cada vez mais sobre os ombros. Agora pego essas duas figuras hipotéticas e as misturo numa grande vasilha, com um pilão de madeira, aos poucos, vou destruindo-as, até que o que sobre seja apenas uma pasta quase líquida e que mistura todas as características dos dois produtos que as compõe. Gradualmente, esse líquido vai ganhando transparência e endurecendo, até que finalmente transforma-se no espelho

em que toda a humanidade se enxerga refletida.

Algumas pessoas me olham nos olhos, retribuo os olhares sem dizer nada, às vezes, conforme construímos uma idéia, ela parece também construir-se no mundo real, nossos olhos encaram-se, pois nesse instante seria impossível que não o fizessem, pois há apenas dois olhos que se refletem.

9 de agosto

Devido ao fato de, nesses últimos dias eu estar me sentindo bem, procurei me lembrar dos dias recentes em que vivi momentos de grande desequilíbrio. Queria descobrir o que eu tinha feito para encerrar o período de tormentas, eu havia escolhido alguns caminhos mentais positivos, que talvez ajudaram no meu reequilíbrio. Mas não atribuo a isso minha melhora. Acho que talvez as tormentas assim como chegam também vão embora. Podemos encurtar um pouco o período de dores, mas nunca evitá-lo por completo. O mais fácil é usufruir o máximo possível dos períodos de calma, e é isso que venho procurando fazer.

Apesar de Heinrich haver me pedido para que eu falasse somente o extritamente necessário, venho conversando bastante com os visitantes. Não procuro esconder isso de ninguém, e já fui surpreendido por vários funcionários, que seguramente deveriam estar cientes desse pedido do diretor, mas nunca fui recriminado. Somo a isso a reprimenda e ameaça de demissão ao funcionário que me tratou mal, o atendimento imediato de minhas reivindicações com relação à comida, e chego à conclusão que alguma espécie de valor devo representar para o zoológico. Não tenho ilu-

sões sobre esse valor ser afetivo, se não for financeiro é político, ou então um misto das duas coisas. Talvez eu seja algo como um espinho no pé do império, que precisa ser tratado com cuidado para que não se quebre, e parte dele permaneça dentro do corpo gerando inflamações.

Hoje de manhã um homem me ofereceu um saco de castanhas, eu nunca as tinha visto, ele me explicou que eu deveria cozinhá-las e descascá-las. Disse-lhe que agradecia muito a gentileza, mas toda minha comida já vinha pronta e eu não tinha como cozinhar nada dentro da cela. Ele voltou de tarde com as castanhas cozidas e um pacotinho de sal. Enquanto comíamos, conversamos por um longo período, era um sapateiro de cinqüenta e oito anos que havia enviuvado havia dois meses. Disse-me que na fase da vida em que se encontrava, com seus dois filhos casados e empregados, trabalhava somente até conseguir exatamente o dinheiro que precisava para viver. Dava-se ao luxo de em plena quarta-feira fechar a sapataria para passear no zoológico. Depois me contou da longa luta de sua mulher contra a doença, de como aquilo foi minando suas forças, e de como, nessa parte seus olhos se encheram de lágrimas, a um determinado momento, desejou que ela morresse logo para que o sofrimento fosse poupado para ambos. Despediu-se sem dizer seu nome e nem perguntar o meu.

Fiquei pensando no que ele havia dito sobre "trabalhar exatamente para suprir suas necessidades e nem um minuto a mais". Se ao invés de cinqüenta e oito, ele tivesse vinte e dois anos, e mesmo jovem tivesse se decidido por esse tipo de comportamento, ignorando todas as promessas que o trabalho árduo efetua, aceitando apenas a comida que consegue comer e as roupas que precisa para vestir, outros jovens talvez começassem a imitá-lo, e os pilares que sustentam a Europa e comandam o mundo se

dissolveriam como açúcar n'água. O mundo inteiro mudaria, e essa mudança não teria sido causada por uma revolução cheia de derramamento de sangue, armas de fogo e bandeiras, teria sido iniciada por uma atitude simples e despreziosa, um fugaz momento de lucidez, dentro do pesadelo barulhento e luminoso que constitui qualquer tipo de sociedade organizada. Na Europa, as miragens nos fazem querer acumular mais do que precisamos para nós mesmos. Na África acumulamos para nossas tribos, podem não ser bens materiais, mas acumulamos orgulho e inveja, distinguimos e lutamos pela separação do que não precisaria ser dividido. As luzes e as ruas de Berlim muito me encantaram quando aqui cheguei, mas sei que para elas existirem um preço alto foi pago.

O grande e único homem, cuja pele tem todas as cores, olha-se no espelho e pensa "como é fácil encontrar maneiras para ser infeliz".

Ontem vivi uma grande emoção. Talvez em apenas alguns instantes tenha amadurecido mais do que em alguns anos. Havia acabado de almoçar e ninguém me olhava, o dia estava ensolarado e era raro, nesse horário, não haver visitantes. Fiquei olhando para os lados tentando enxergar se próximo a outras jaulas havia alguém e foi então que vi o que me esvaziou o coração. O homem a quem eu dedicara ódio e que havia me ameaçado de morte, mostrava a seu filho retardado o velho leão. Por causa de sua deficiência, era difícil determinar a idade do menino. Ele tinha os olhos amendoados e mantinha a boca sempre aberta, seus den-

tes pareciam estragados. Apontava o indicador para o leão e sorria, parecia encantado com o que via e pedia para seu pai reparar nos movimentos do animal, em sua língua vermelha parecida com uma gravata e nas moscas que voavam em volta de sua cabeça. O pai respondia afirmativamente a cada observação do menino.

De repente aconteceu o que eu temia, o menino correu em direção de minha cela, pensei em deitar na cama e fingir que estava dormindo, mas antes que pudesse fazer isso ele me viu e acenou. Aproximou-se bastante da grade sem falar nada, reparei que o pai olhava à distância, preocupado. Então o menino me perguntou se eu sabia falar, em seguida começou a chamar o pai para vir me ver, porque tinha encontrado um bicho que falava.

Percebi o momento constrangedor que viveria em alguns instantes, mas decidi que o encararia de frente. O menino sorria e me perguntava coisas que eu não sabia responder "Por que você está aí dentro?" "Por que não sai?". Além da razão, percebi que algo mais faltava àquele menino, não tinha qualquer traço de maldade, normalmente muito presentes em qualquer criança.

Com passos lentos e desanimados vi o pai do menino caminhando em minha direção. Enquanto ele não chegava, ainda tive tempo de me perguntar se na razão estava a semente da maldade, ou então seriam parentes próximas. O homem aproximou-se de seu filho olhando para o chão, o menino estava bastante alvoroçado e pedia a seu pai que me olhasse e conversasse comigo. Ele levantou a cabeça e me cumprimentou discretamente, estava visivelmente mais constrangido do que eu. A criança disse ao pai que eu sabia falar, mas não podia sair daquela jaula, e que não sabia porque tinham me colocado lá. Percebi que o menino tinha conseguido em duas frases resumir muito bem minha situação.

A mão do pai puxava a do filho tentando conduzi-lo na direção dos leopardos. Mas o menino queria ficar e me olhava sem nada dizer. Parecia que as respostas que eu havia dado ainda estavam sendo processadas em seu cérebro. De sua boca aberta escorreram algumas gotas de saliva. Seu pai tirou um lenço do bolso e limpou-o. Então pediu ao menino que andassem, porque o zoológico logo fecharia. O menino continuava me olhando entretido, mas não demorou a obedecer seu pai. Antes de se distanciar da cela, perguntou qual era meu nome, disse que se chamava Johann e que tinha dez anos.

Quando eles sumiram atrás da jaula dos leopardos, também havia sumido qualquer resquício de ódio em relação àquele homem, e poderia apostar que também desaparecera o dele em relação a mim. Respirei aliviado, e guardei um sorriso pelo resto do dia. À noite, logo após o grito dos leopardos, perguntei-me se seria melhor ter uma mente lógica capaz de grandes raciocínios, mas acompanhada de um coração pesado de rancores, ou uma mente vazia de lógica, que funcionava junto a um coração leve como uma pluma?

Dormi bem, mas pela primeira vez desde que cheguei aqui, senti um pouco de frio durante a noite. O dia amanheceu nublado e meu coração continuou leve. Quando Stephan veio me trazer o almoço, pedi se ele poderia me arrumar mais um cobertor. Ele voltou uma meia hora depois com uma coberta feita de pele de zebra. Era na verdade o couro seco do animal, com o contorno de sua cabeça, corpo e até o início das patas. Agradei-lhe a gentileza e coloquei a coberta sobre minha cama.

Alguns visitantes passaram caminhando em frente a minha cela sem pararem para me olhar. Fiquei pensando se eles acharam que eu era um funcionário do zoológico

que estaria trabalhando em alguma cela vazia, ou então a minha presença ali não despertava para elas o menor interesse. Atitudes assim, denotariam mais, ou menos respeito por minha pessoa?

Sentei sobre a pele de zebra e cheguei à conclusão que ela deveria pertencer a um animal do próprio zoológico. Talvez eles fizessem isso com os animais que morriam, pelo menos com aqueles cujo couro poderia ser aproveitado. Meu cobertor de lã era fino, mas bem largo e comprido, dobrei-o ao meio e ele ficou com o dobro da espessura, seria mais do que suficiente para suportar o friozinho da madrugada. A pele de zebra devolverei para Stephan.

No final da tarde alguns homens aproximaram-se das grades para puxar conversa. Confesso que mesmo sem ter descoberto se era bom ou mau, que algumas pessoas ignorassem minha presença, alegrei-me por novamente despertar a atenção nos visitantes. Era um grupo de homens de negócio vindos da cidade de Lübeck, conversamos sobre amenidades, eles me perguntaram quanto eu ganhava para ficar exposto e surpreenderam-se muito quando disse que não ganhava nada. Disseram-me que achavam aquilo injusto e que eu deveria pleitear algum tipo de salário, pois o zoológico estava arrecadando bem mais do que o normal desde o início da exposição. Então eles me desejaram sorte, elogiaram meu domínio do idioma alemão e se despediram, reforçando o que haviam me dito "eles não estarão te fazendo nenhum favor, quem trabalha tem direito de ser remunerado, e esse é teu trabalho".

Pensei bastante no que disseram, eles não estavam errados, mas o problema era que se eu pedisse um salário, estaria de um certo modo aceitando minha permanência aqui, e afirmando que o dinheiro que fosse pago, compensaria todas as dores que sofri. Além disso, caso recebesse

algo, ficaria aberta a possibilidade para que fosse estendida minha permanência. Decidi firmemente que dinheiro não pediria, mas talvez, quando minha libertação estivesse mais próxima, eu poderia negociar uma passagem de volta para a África. Acho que isso, mesmo se não estivesse nos planos da direção, não seria algo tão difícil de conseguir.

Hoje de manhã fui acordado por Stephan, estranhei vê-lo tão cedo. Ele me disse que o esquimó vinha passando mal nos últimos dias e que a direção do zoológico decidira hospitalizá-lo. Perguntou-me se eu tinha alguma noção da língua esquimó. Confesso que responder essa pergunta pela manhã foi bastante estranho. Percebi que esse rapaz não tem a menor noção geográfica do mundo, para ele tudo o que não é europeu forma um grande grupo homogêneo, africanos, esquimós, chineses, todos devem falar a mesma língua.

O dia hoje foi ensolarado, o que significou um grande número de visitantes. Muitas crianças cheias de perguntas e dedos apontando e um grande número de chatos, que vinham em grupo e escondiam as risadas atrás das mãos. Mas como não existe mal nem bem absolutos, a matemática encarregou-se de compensar as numerosas presenças desinteressantes, com uma presença de qualidade. Foi um senhor na faixa dos cinquenta anos que veio quase no final da tarde. Disse-me que havia ficado sabendo de minha presença aqui através de um abaixo-assinado que pedia minha liberdade, que uma jovem havia lhe pedido para assinar. Rosa, Van Baerle e a felicidade romântica atravessaram meu peito, mas não se instalaram.

O homem disse que assinou e que só não veio me visitar antes porque seu trabalho de pesquisador não permitiu. Percebi que seu olhar era um poço fundo, e que ele usava as palavras de maneira precisa e sem desperdícios, aquele

homem era alguém que merecia ser conhecido.

Já tinha formulado mentalmente algumas perguntas que queria fazer-lhe, mas resolvi perder mais alguns instantes com meus sonhos romanescos. Faltavam poucos dias para a visita do imperador Guilherme II e a aparição desse senhor era um sinal, as energias se moviam, conspirando para um desfecho feliz de minha história. Van Baerle recebia a visita de alguém que mencionava Rosa, qualquer leitor mediano saberia que nos próximos capítulos Rosa reaparecerá, preparada para ser feliz. O vínculo com o imperador era que talvez fosse ele o vetor de consumação das felicidades.

Notei que o homem constrangeu-se com meus segundos de silêncio e perguntei a ele sobre o que eram suas pesquisas. Respondeu-me de forma genérica, dizendo serem "pesquisas científicas". Contei-lhe que eu havia estudado ciências quando ainda estava na África e que esse era um assunto que me interessava muito, principalmente Darwin e sua teoria da evolução das espécies.

Quando eu disse isso ele pareceu bem surpreendido, percebi que preparou-se para falar bastante. As pessoas inteligentes parecem ter um brilho especial no olhar e esse brilho aumentou ainda mais quando demonstrei interesse pelo que ele dizia. Começou apresentando-se, chamava-se Ludwig e era professor universitário. Depois freou um pouco o entusiasmo e disse que gostaria muito de me contar sobre suas pesquisas, mas se sentia mal, porque tinha vindo aqui para saber de minha situação e de quando eu seria posto em liberdade. Insisti para que ele me contasse sobre seu trabalho, disse que seria solto dia 21 de outubro, e que o zoológico se encarregaria de me levar de volta para minha aldeia, onde eu retomaria minha antiga vida.

Ele pareceu mais confortável depois de ouvir isso e começou a falar, na verdade sua teoria era uma espécie de

continuação do pensamento darwinista, aplicado ao ser humano. Ele acreditava que milhões de anos de evolução, moldaram o corpo e o cérebro humano que conhecemos hoje, e que apenas nos últimos milhares de anos, esse cérebro conseguiu chegar a um sistema de linguagem sofisticado, que evoluiu para a escrita. Ele considerava a criação da linguagem, uma conseqüência lógica da evolução do cérebro, e todo o progresso científico e humanista que o homem conheceu a partir do surgimento dela, um efeito colateral da evolução.

A linguagem havia sido o primeiro grande salto evolutivo, dos milhões de anos necessários para o homem evoluir até o que é hoje, foram necessários apenas alguns milhares para, a partir do surgimento da linguagem, todo o resto acontecer.

O que ele acreditava era que havíamos chegado a um momento onde outros saltos evolucionários aconteceriam, e eles passariam a acontecer com cada vez mais freqüência, séculos, décadas, anos... e no próximo avanço, o que surgiria seria uma consciência ética universal, que brotaria de dentro para fora, prometendo a toda a humanidade séculos futuros mais felizes que os anteriores. Enquanto ele continuava falando, ocorreu-me a idéia, que talvez os autores de romances açucarados com desfecho feliz, sem se darem conta disso, e caso a teoria desse homem fosse verdadeira, seriam os reais profetas do evolucionismo, porque essa consciência ética de que ele falou, acabaria sempre dissolvendo os males e fazendo com que o bem vencesse. Os românticos de hoje se tornariam os realistas de amanhã.

O homem prosseguiu entusiasmado: se a ciência e as artes tinham sido os filhotes do primeiro salto evolucionista, o bem-estar humano seria a grande conseqüência do

segundo. É claro que continuariam existindo problemas e sofrimento, mas a primeira atitude mental, a ação primeira de nosso lado mais ancestral, não seria mais a do confronto, e sim a do entendimento.

Um barulhento grupo de crianças chegou e o fez começar a ter de gritar suas idéias. As crianças começaram a me perguntar coisas, mas mantive meus olhos e ouvidos focados no professor. Ele tentou me falar, como imaginava que seria o terceiro salto evolutivo, mas outras crianças chegaram e inviabilizaram a continuação da conversa. Ele teve de se afastar de perto das grades para dar lugar aos pequenos visitantes barulhentos. De longe me fez um sinal circular com os dedos, que eu acho que significa que ele vai voltar.

Fiquei até bem tarde pensando naquilo que escutei, em como seria um mundo onde todos tivessem essa consciência ética de que ele falou. Refleti especialmente sobre todas as coisas que se tornariam inúteis nesse novo mundo hipotético. Talvez das grandes cidades pouca coisa ficasse em pé. Depois olhei para o céu, que parecia mais estrelado do que nunca, aquelas estrelas haviam testemunhado toda a evolução humana e ainda testemunhariam o último dia do homem sobre a Terra. Senti um grande nó na garganta e um formigamento no alto da cabeça. Minhas dúvidas foram esmagadas por aquilo que não tem fim. Fui dormir tranqüilo.

12 de agosto

Logo pela manhã veio a notícia que me entristeceu, mas que já era esperada, o esquimó morreu. Foi Stephan quem me contou e parecia bem abatido com a notícia. Perguntei se sabiam a causa da morte – depois me arrependi

de ter feito essa pergunta – me disse que seu corpo estava coberto de feridas causadas por ele mesmo quando se coçava. Essas feridas evoluíram deixando-lhe pouca pele intacta. Ele ia prosseguir com suas descrições, mas pedi que parasse. Devolvi-lhe a pele de zebra dizendo que o tempo tinha esquentado e ela não seria mais necessária. Foi um alívio me ver livre daquele cadáver.

Depois fiquei pensando o que seria feito do corpo do esquimó, imaginei-o compartilhando uma cova com aves, búfalos e leões. A família dele visitou meu pensamento, suas esperanças, agora vãs, de que um dia ele voltaria e continuaria sua vida cheia de sonhos, dores e sorrisos...

Ele seguramente tinha morrido em decorrência do cativeiro no zoológico, a causa exata nem importava muito, a verdade era que dos quatro homens que tinham sido trazidos para a exposição, em poucos meses, dois já estavam mortos. A maior homenagem que eu poderia prestar àquele homem era sair vivo daqui. Não posso negar que apesar de todo meu sofrimento, principalmente na fase inicial, venho resistindo bem a essa provação. Talvez eu pertença àquele grupo de indivíduos que sabe modificar suas características para sobreviver.

E como venho mudando! Estava relendo o que escrevi ontem, disse que em um eventual mundo onde todos possuíssem uma consciência ética, muitas coisas se tornariam inúteis, e que poucas coisas sobrariam em pé nas cidades grandes. Não me arrependo dessas idéias, mas comparo-as com o encanto que tive quando cheguei a Berlim. Aquilo me parecia o ápice civilizatório, se dali em diante a humanidade não mais evoluísse, não haveria muitos problemas, pois aquelas conquistas já eram suficientes para a humanidade viver uma vida plena.

Os almoços parecem cada dia mais gostosos, reparei

que engordei bastante desde que cheguei, agora me mandam até sobremesa. Talvez tenham medo de ter mais um desfalque na exposição. Meu intestino regularizou-se e as bolinhas que eu tinha na pele sumiram, eu tinha razão, aquele excesso de carne estava me fazendo mal.

O dia foi tedioso com alguns poucos e desinteressantes visitantes, o único fato digno de nota que ocorreu foi uma visita que recebi do pica-pau de penacho vermelho. O pássaro entrou dentro de minha cela procurando comida no chão. Separei uns restos de meu almoço e fui colocar próximo dele, mas ele assustou-se e bateu asas. Mas tive tempo de olhá-lo bem, era magnífico, eu nunca havia visto um vermelho tão vivo quanto o de seu penacho, seu corpo era inteiro branco, o bico amarelo e os olhos de uma cor que não sei o nome, mas que fica entre o azul escuro e a cor de vinho. Toda sua figura exalava algo que demorei para conseguir definir: nobreza.

Depois que o parque fechou recebi a visita de Heinrich. Todo sorridente, me perguntou sobre o novo tratador Stephan, como estava a comida – percebi que a razão da visita era outra – elogiei de maneira seca Stephan e a comida, queria que ele chegasse logo à verdadeira razão de sua visita, e me deixasse falar o que tinha para falar.

Perguntou-me se eu não estava precisando de nada, e depois de responder negativamente voltei atrás, pedindo papel. Disse-me que eu teria quanto papel quisesse, pois afinal de contas, o zoológico de Berlim era o único do mundo que tinha um – nesse ponto ele hesitou e logo recomeçou – que tinha alguém que era um escritor. Em seguida, tentou emendar essa frase com outras que tratavam de assuntos banais, interrompi-o, perguntando sobre a morte do esquimó.

“Você já está sabendo... isso entristeceu a todos nós,

fizemos todo o possível para salvá-lo. Mas acho que ele já chegou doente aqui.”

Argumentei que talvez ele nunca pudesse ter sido retirado de seu habitat natural, e a partir do momento que o foi, já estava condenado à morte. As criaturas do gelo são frágeis e vocês deveriam saber disso. Ele passou a olhar para suas botas e perdeu o sorriso que tinha nos lábios.

“Nossos biólogos não erram, aquele homem poderia sobreviver ao verão de Berlim sem problemas, nosso único erro foi trazer para cá um homem já doente, que morreria lá da mesma forma que morreu aqui. Contra a morte nós nada podemos fazer.”

Agora era ele que tinha pressa em encerrar esse assunto e iniciar de vez aquele que era a verdadeira razão de sua visita.

“Como você sabe, dentro de alguns dias o zoológico de Berlim terá a honra de receber a visita do imperador Guilherme II...”

Ele tinha voltado a me olhar nos olhos, mas agora não sorria. Falava pausadamente e com educação, mas muito sutilmente, percebi um tom estranho em sua voz, que aparecia também em seus olhos. Se não me engano no que percebi, aquele homem estava me ameaçando.

“...será uma visita curta, o imperador deseja conhecer os exemplares... o homem da África Oriental, região que pertence a seu império. Nunca sabemos exatamente o que vai acontecer no dia, mas existem algumas regrinhas que você precisa obedecer.”

Disse-me que quando visse o imperador eu deveria curvar-me, nunca deveria olhar em seus olhos, nem dirigir a palavra a ele. Caso ele me dirigisse a palavra – o que segundo Heinrich seria muito improvável – deveria responder as suas perguntas de maneira sucinta, sempre colocando no

final de cada frase a expressão "sua majestade".

"Na véspera você receberá um traje especial que deverá estar vestindo no dia da visita. Fique tranqüilo, se você se comportar direitinho, será recompensado. Será um dia muito especial e uma grande honra para o zoológico. Você tem noção do que é ter um representante direto de Deus a poucos passos de você?".

Quando terminou essa frase voltou a sorrir e desapareceu o tom de ameaça velada que havia em sua voz e seus olhos. Comportava-se agora como se fôssemos velhos amigos. Enfiou a mão dentro da cela para se despedir. Levei alguns segundos até apertá-la, na verdade quase não a apertei, apenas encostamos nossas palmas e dedos. Percebi que ele não gostou disso.

Refleti sobre tudo o que havia me pedido e apesar de seu comportamento falso e hipócrita decidi obedecer as regras da visita. Não teria nada a ganhar se as desobedecesse. De tudo o que ele disse, apenas uma frase permaneceu viva e se mexendo dentro de minha mente "... um representante de Deus a poucos passos de você.", lembrei-me de todos os títulos de nobreza do imperador, aquele homem carregava um fardo pesado demais para uma só pessoa. Percebi a semelhança que existe entre a palavra deus e a palavra amor, ambas abrigam e escondem – uma coisa não invalida a outra – diversos significados que podem ser usados para as mais diversas finalidades, até mesmo opostas.

Faltam apenas sessenta e seis dias para minha liberdade. Quando faltavam setenta, voltei a marcar o tempo com

grãos de arroz, e todas as manhãs tenho o prazer de comer mais um. Dessa forma o tempo deixa de ser tão abstrato. Acho que o grande perigo que corre alguém, que como eu, tem muito tempo livre, é começar a considerar todas as coisas, inclusive o tempo, como algo abstrato. A falta de concretude de tudo, passa a desinteressar a pessoa a respeito de qualquer assunto. A vida passa a ser coberta por uma bruma, que torna tudo inexistente e o mundo externo muito parecido com o mundo mental.

Esses últimos quatro dias foram bastante movimentados, acabei esquecendo de anotar tudo, e corro o risco de me esquecer de alguma coisa importante. No dia 13, uma grande tempestade de verão atingiu Berlim. A chuva forte empurrada pelo vento, molhou toda minha cela, inclusive meu colchão, cobertor e livros. Consegui salvar meu diário, enrolando-o em um pano e cobrindo-o com os livros, que por sinal, ficaram imprestáveis. Passei a noite inteira acordado, a maior parte do tempo de pé, pela manhã tremia de frio. Logo cedo, um guarda que eu não conhecia, percebeu o estado em que me encontrava e alertou a direção. Temendo uma nova baixa, eles vieram rapidamente em meu auxílio. Pediram para que eu colocasse um par de algemas para os pés, e então pude por uma meia hora, pisar o solo que não era o de minha cela. Pediram-me que eu esperasse no sol, enquanto os faxineiros limpavam e secavam minha cela. Ganhei um novo colchão, cobertor e travesseiro. Salvei meu diário, mas meus livros foram todos para o lixo, reparei que o que ficou por cima no latão foi "A tulipa negra".

O sol me secou rapidamente, ganhei também algumas roupas, ainda não eram aquelas especiais para a visita do imperador, uma calça e um camisão de algodão branco, parecido com as roupas que se usa em hospitais. Enquanto os empregados terminavam de limpar a cela, tentei dar

alguns passos, mesmo com a corrente que prendia meus pés, caminhei na direção do grande carvalho que preenchia a paisagem de meus dias, ouvi que de lá vinham sons de vários pássaros e queria ver se encontrava o pica-pau de penacho vermelho. Não consegui ver pássaro algum, o barulho de minhas correntes espantou as aves que sumiram, deixando só o barulho de asas batendo.

Entretanto, consegui ver mais de perto o leão, que como eu imaginava parecia bem velho e ainda estava molhado com a chuva de ontem à noite. A visão daquele animal me entristeceu e logo desviei o olhar, ele parecia que havia perdido sua alma leonina, era apenas um corpo vivo no formato de leão. Perguntei-me se tais tipos de perdas poderiam acontecer também com humanos.

Pelo que fiquei sabendo os estragos no zoológicos não tinham sido pequenos, várias árvores grandes caíram e por isso ele só seria aberto no dia seguinte. Fui chamado para dentro da cela bem na hora que iria pedir autorização para ir até a cela do indígena. Os funcionários deixaram meu lar impecável, depois que a grade foi fechada lembrei-me dos sessenta e seis grãos de arroz. O tempo concreto havia sido varrido junto com toda a sujeira. Uma parte de mim tentou interpretar isso como mau agouro, mas outra parte não permitiu. Recoloquei novos grãos e me esqueci do acontecido. De noite as cigarras cantaram e ainda havia algumas poças d'água que a terra não conseguira engolir. Os animais pareciam mais silenciosos do que o normal e as estrelas voltaram a aparecer. Meu novo colchão era mais macio que o anterior, e a temperatura estava no exato ponto onde não se sente frio nem calor. Parecia haver uma grande paz no ar, que não vinha apenas de dentro de mim, mas que se espalhava por todo o zoológico. Tive a impressão de que naquela noite, eu, o indígena e todos os

animais, dormiríamos sonos tranquilos e teríamos sonhos agradáveis.

No dia seguinte a visitação foi grande, muitos grupos de crianças barulhentas me incomodaram durante toda a manhã, fiquei meio alheio a toda aquela confusão, lembrava-me do contato de meus pés com a terra, em pouco tempo eu voltaria a pisar em terra e cascalhos, a sentir o mundo concreto se comunicando comigo através do tato. O que meus pés pisavam nesse mundinho de vinte metros quadrados representava o mundo abstrato, a névoa da qual desejava me ver livre.

A visitação permaneceu tediosa durante todo o dia, mas isso acabou sendo bom, mesmo com os barulhos externos consegui viajar para dentro de mim. Esse passeio resultou em um pacto: quando saísse daqui seria um homem melhor do que fui até agora. Essa expressão, de cunho cristão, me alertou justamente para o fato de que eu não deveria tentar ser um melhor cristão, mas simplesmente um melhor homem. Fui conduzido então, a fazer uma avaliação honesta de como tinha sido minha vida até aqui. Depois de muita argumentação a favor e contra, cheguei à conclusão de que havia levado uma vida medíocre. Havia sempre obedecido cegamente aos costumes e normas da aldeia, mesmo quando os julgava sem sentido, havia aceito o cristianismo imposto pelos frades alemães, mesmo discordando de muitas coisas, nunca me dei ao trabalho de abrir a boca e nem de buscar algum caminho alternativo. Casei-me e tive dois filhos, nunca tive vontade de tê-los, mas também nunca me opus a seus nascimentos, eles aconteceram e os aceitei. Nunca procurei passar-lhes nada além do banal, criei-os como são criados os filhotes de gnu, com proteção física e sustento alimentar.

Talvez eu seja até pior do que o típico homem tribal,

porque tenho uma consciência das coisas mais desenvolvida do que a dele, e não faço nada com essa capacidade. Se tudo o que me aconteceu não tivesse acontecido, eu certamente prosseguiria com minha vida nublada até a morte. Posso estar vivendo uma oportunidade brilhante de mudança e evolução.

Ontem, depois da tempestade veio a paz. Mas preciso fazer dessa paz o combustível para que minha vida se torne mais verdadeira.

Continuei refletindo sobre minha vida, mas me preocupando menos com o passado e mais com as mudanças que poderei efetuar daqui para frente. De repente meu peito se encheu de uma esperança que só havia conhecido na infância. Decidi que aproveitaria minha vida ao máximo e procuraria espremer todo meu sumo interno. Tudo em mim mudará. Num segundo momento, refletindo melhor, achei que talvez as coisas mais duradouras venham gradualmente, sem espetáculos visuais. O fato de eu estar recluso, acumulou muita energia que agora desejo utilizar para meu auto-aperfeiçoamento. Mas a prudência, evita transbordamentos e desperdícios energéticos. Controlei meu entusiasmo, procurando trabalhar meu lado emocional que, aliás, talvez fosse onde eu mais precisasse evoluir.

O dia transcorreu tranqüilo com alguns visitantes simpáticos e outros nem tanto. Ganhei um chapéu feito de pele de esquilos, o homem me disse que era para o frio de Berlim. Disse-lhe que quando o inverno chegasse eu já estaria longe. Mesmo assim ele insistiu para que eu ficasse com o chapéu.

Depois fiquei pensando se aquele homem me oferecera aquele chapéu porque sabia de alguma coisa, um possível prolongamento de minha permanência. Essa dúvida me perturbou por um bom tempo, lembrei-me de minha decisão

de auto-aperfeiçoamento, busquei equilíbrio e enterrei no esquecimento o que era apenas uma suspeita infundada.

Quando fui dormir, escutei pela primeira vez o uivo triste de um lobo, que devia ter chego há pouco tempo no zoológico e chorava suas dores. A tristeza dele não chegou até mim, sua voz soou como um som melódico cortando uma noite mais silenciosa que as outras. Não sei explicar o que vou dizer, mas me pareceu que o uivo do lobo, somado àquele chapéu que ganhei, uniram-se para formar um símbolo, que me dizia que naquela noite encerrava-se a primeira parte de minha vida, e quando acordasse no dia seguinte, já viveria uma nova fase.

Acordei mais cedo do que o normal, o dia ainda não estava totalmente claro, nossa mente não foi construída para esses tipos de luzes de transição. Ela precisa de valores absolutos como a luz plena, ou a escuridão. Então, sair do sono, direto para essas luzes intermediárias, é algo de que nunca gostei. Lembrei-me da estranha impressão de ontem à noite, se aquilo fosse verdade, a segunda parte de minha vida começava de uma maneira também estranha. Quando acordava nesses horários, o que era raro, costumava ser invadido por uma enxurrada de idéias negativas, mas dessa vez foi diferente. Não tive tristeza e nem temi acontecimentos futuros, o que vivi foram impressões mentais exóticas, cheiros de minha infância misturados com recordações da idade adulta. Memórias que não lembrava de ter vivido, impressões relativas a coisas que nunca foram minhas, mas que eu lembrava de me terem sido contadas por outras pessoas. Um mundo mental radicalmente diferente de tudo o que já havia vivido. Até o sol nascer, mastiguei mentalmente esses sabores, que para mim eram estranhos, mas que não posso dizer se eram bons ou ruins. Quando os primeiros raios invadiram minha cela, esse mundo intermediário desapareceu.

Logo cedo recebi a visita de Heinrich, que parecia muito nervoso. Falava sem parar e sua aparência era de quem não tinha dormido a noite passada. Ele me trouxe o traje que devo usar durante a visita do imperador. Quando me mostrou as roupas tive um acesso de riso. Parecia mais o traje de algum palhaço de circo. Não havia absolutamente nada de África naquelas roupas. Era uma calça vermelha muito justa, com algumas plumas presas nas laterais das pernas, e uma camisa toda costurada com caquinhos de espelho e lantejoulas. Havia também alguns adereços feitos de penas para serem colocados ao redor dos braços e das pernas.

Disse a ele que se a intenção da roupa era retratar os trajes típicos africanos, aquilo não tinha o menor sentido, aquela roupa parecia-se muito mais com as que usavam os indígenas da América do Norte. Perguntei-lhe se não poderia ter havido algum engano, e os trajes terem sido trocados.

Logo vi o quanto irritado ele estava. Não respondeu a minha pergunta e apenas baixou a cabeça como quem procura controlar-se para não explodir. Depois de alguns segundos começou a falar:

"Eu estou cheio de você, não te agüento mais. Depois de tudo o que fizemos por você... teve sempre o melhor do melhor. Por tua causa quase perdemos um de nossos melhores funcionários, por tua causa enfrentamos vários problemas, protestos de estudantes e de trabalhadores. Esse movimento que você organizou nos forçou a encurtar a exposição e cancelar a vinda de outros exemplares que seriam expostos. Por tua causa o povo de Berlim deixará de conhecer os pigmeus africanos, os índios mapuche da América do Sul e os aborígenes australianos. Perdemos arrecadação, prestígio, passamos a ser considerados pessoas desalmadas que aprisionam seus semelhantes movidas por um prazer sádico. Ninguém menciona o caráter educa-

cional, a preocupação com nossas crianças, ninguém fala que você é tratado melhor do que qualquer hóspede em hotéis de luxo.

Eu achava que você era um bom homem, mas agora percebo que não posso confiar em você. Faz duas noites que não durmo de preocupação, amanhã o imperador virá aqui e tudo tem de estar perfeito. Você vai usar esse traje nem que seja à força.”

Assustei-me com tudo o que ele disse, e principalmente com seu estado emocional. Não sabia porque essa visita poderia ser tão importante para ele. A primeira idéia que me surgiu, foi que aquele homem não era muito mais livre do que eu. As barras de ferro invisíveis que o envolviam, talvez fossem até mais eficientes do que as de minha cela.

Depois alegrei-me por essas pessoas que eu jamais conheceria, mas que por minha causa não mais perderiam suas liberdades. É claro que não estava sendo honesto, mas procurava não pensar em Fanny, porque ela logo me conduziria a idéias que acho terem ficado no capítulo anterior de minha vida. Observei novamente o traje e agora ele me pareceu ainda mais ridículo, mas o vestiria para não causar problemas. Na verdade, comecei a ficar bastante ansioso para que essa tal visita acontecesse logo. Se não me engano, e realmente vivo um novo período de minha vida, então a visita parece que funcionará como o primeiro grande evento, uma espécie de marco inicial.

Hoje o dia está diferente, todos estão agitados, os visitantes parecem não ter tempo a perder, passeiam rapidamente os olhos por todas as jaulas sem se deter em nenhuma, os funcionários caminham apressados com mais afazeres que em dias normais, e parece que até os animais perceberam a agitação, pela primeira vez ouvi durante o dia rugidos de leão e de leopardo.

É chegado o grande dia. Para evitar complicações, logo que acordei vesti o traje. O zoológico ficou fechado para visitação durante toda a manhã, mas mesmo assim houve bastante movimentação, guardas e funcionários apressados ocupavam-se dos últimos preparativos para a visita. Senti-me menos ridículo, porque todos os funcionários também trajavam roupas especialmente feitas para a visita e que, apesar de serem um pouco mais discretas que as minhas, também eram de um extremo mau gosto e também embaraçavam quem as usava.

Havia no rosto de todos uma tensão, que acho deveria ser causada pela pressão que Heinrich deve ter exercido sobre os funcionários. Ele sentia-se atormentado pelas barras de ferro invisíveis que o cerceavam e resolveu colocá-las também ao redor de todos que trabalhavam no zoológico, para ver se isso aliviava sua agonia. Os rostos tensos trabalhavam em silêncio. As mãos podavam árvores e varriam folhas do chão, os olhos procuravam por pequenos detalhes de limpeza que poderiam ferir os olhos de sua majestade.

Isso me fez pensar sobre as eventuais, e quase certas, barras invisíveis que cerceavam a liberdade do imperador. Talvez elas fossem piores que as minhas, de Heinrich e de todo mundo. Essas barras protegiam-no contra a realidade. Por onde quer que ele fosse, seria sempre criado ao seu redor um ambiente artificial, os pequenos defeitos do mundo seriam eliminados, eles, que na verdade, são as linhas horizontais, que se entrelaçando com as verticais, dão firmeza ao tecido da vida. Sua vida seria um acumulado de linhas paralelas sem comunicação entre si, e que como não estão unidas senão em aparência, fazem com que o tecido de sua vida, de fato, não exista. Qualquer movimento

brusco, qualquer folha trazida pelo vento, que entrasse em seu campo de visão e sujasse o que seus serviçais tinham previamente limpadado, esfacelaria aquilo que para ele, era sua vida. As fibras se separariam, e se ele se olhasse no espelho, não teria mais uma imagem para admirar.

Que tipo de deus era aquele, que envia um representante para a Terra, mas que não permite que ele enxergue a vida? Só podia ser um que fosse feito da mesma substância de que era construída a vida de seu representante.

Ao mesmo tempo, durante toda a manhã, guardei dentro do peito a esperança de que talvez eu pudesse estar errado, talvez a grandeza do imperador fosse tanta, que todos teriam de realmente fazer seus máximos para que ele nunca enxergasse nada que não fosse harmonioso. E esse homem imenso escutaria as instruções de um deus perfeito, e que por isso, cada palavra, cada ato seu estaria repleto de uma sabedoria infinita. Confesso, que mesmo sem ter muitas esperanças de que isso fosse verdade, torci muito para que fosse. Porque tudo se tornaria mais simples, todas minhas grandes dúvidas seriam curadas, acabariam as bifurcações e os arrependimentos, Darwin se derreteria como uma pedra de gelo ao sol, e os tecidos não precisariam mais ser feitos de fios entrelaçados. Seriam construídos de uma matéria inteiriça, sem divisões ou componentes.

Acabaria de vez essa dose ligeira de frustração, que parece ser o único peso de que jamais poderemos nos livrar, e que acompanha dia e noite todos os seres humanos que conheci até hoje. Acabaria também aquele ar que é expelido com força e sem razão aparente, enquanto olhamos para o horizonte e nossa mente nos pergunta, por quê? Pergunta que não sabemos a que se refere, nem conseguiríamos compreender uma eventual resposta.

Quando faltava pouco tempo para a visita, um fun-

cionário que eu não conhecia aproximou-se de minha cela para prender nas grades um brasão do império, feito de lata. Teve dificuldades para amarrar pelo lado de fora e eu acabei ajudando-o a dar o nó. Ele afastou-se da cela para ver como tinha ficado e me pediu para que eu tentasse esconder atrás do brasão a cordinha que o prendia. Tentei puxar conversa, mas ele não parecia com muita vontade de responder minhas perguntas. Quando perguntei se todas as celas receberiam o mesmo brasão, ele me respondeu "só a dos humanos".

Depois disso o movimento aumentou bastante, vi trombeteiros vestidos em roupas antigas passarem descontraídos arrastando suas trombetas, que quase tocavam o chão. Vi muitos homens em trajes de gala instruindo outros que armavam uma tenda não muito longe de minha cela. Deveria ser ali que aconteceriam os discursos, ou a parte oficial da cerimônia. Fosse o que fosse, tratasse do que se tratasse, eu teria uma visão privilegiada de tudo.

Hans se aproximou do grupo que montava a tenda, ele também vestia uma roupa especialmente feita para a ocasião, mas como sua barriga era enorme, sua camisa parecia que a qualquer momento iria estourar e ele era, de todos, a figura mais ridícula. Quando olhou em minha direção o cumprimentei, e ele me respondeu com um seco aceno de cabeça. No meio da tenda, coordenando os trabalhos estava Heinrich, parecia ainda mais nervoso e gritava sem parar. Acho que os trabalhos deveriam estar atrasados e ele dava a impressão de que a qualquer momento, assim como a camisa de Hans, também iria estourar. Ele vestia um fraque escuro e uma camisa branca que estava completamente empapada de suor. Tinha grandes olheiras e sua tonalidade de pele estava amarelada. Parecia alguém cujas defesas naturais tinham sido completamente consumidas por ten-

sões e preocupações, deixando caminho aberto para que a doença chegasse.

De repente ele me olhou, nesse instante tive a certeza de que dividiria comigo alguns dos gritos que direcionava aos funcionários. Instintivamente posicionei-me de um jeito em que ele pudesse ver bem que eu trajava as roupas que ele me pedira para usar. Ao contrário do que esperava não ouvi gritos, ele piscou para mim e até esboçou um leve sorriso. Mas continuou gritando com os funcionários, que agora trabalhavam a toda velocidade e em poucos minutos terminaram de amarrar a tenda.

O sol estava forte, e imagino que a pele do imperador, assim como todo o resto, deveria precisar de permanente proteção. Vi vários homens passando com guarda-sóis abertos. Por um instante apenas olhei para o sol e comecei a pensar em sua imensidão e eternidade, antes que eu pudesse fazer uma comparação disso com tudo o que via, o que era minha intenção, fui interrompido pela notícia de que o imperador já havia chegado ao zoológico. Rapidamente os funcionários trouxeram um púlpito de madeira pintado de dourado e colocaram sob a tenda, em seguida começaram a desenrolar um longo tapete vermelho que ligaria a tenda até o lugar onde pararia a carruagem imperial. Os pés reais não conheceriam o solo do zoológico.

Os tocadores de trombeta se posicionaram em linha, dos dois lados do tapete vermelho. Os trabalhadores tinham terminado os últimos detalhes e Heinrich pediu que eles "desaparecessem dali o mais rápido possível", depois disso fez-se um grande silêncio. A espera estava repleta de tensão e ansiedade. Heinrich era o único que se mexia, caminhava nervosamente com as mãos para trás e olhando para o chão.

Quatro dos mais belos cavalos que já vi, chegaram tra-

zendo guardas vestidos para ocasiões de gala. Os cavalos traziam presos sobre suas cabeças o mesmo brasão que decorava minha cela. Além do barulho dos animais não se ouvia mais nada. Aquela tensão começou a me contagiar e sentei-me em minha cama para relaxar um pouco. Decidi, caso existisse a oportunidade de conversar com o imperador, que não planejava nada, deixaria que o instante e o acaso comandassem a eventual conversa.

De repente escuto vozes afobadas e me levanto para ver o que tinha acontecido, ainda não era a carruagem imperial, um dos trombeteiros havia desmaiado. Antes de procurarem reanimá-lo, carregaram-no para um canto escondido e um dos lados do tapete passou a ter um espaço vazio sem trombeteiro. Eles poderiam facilmente aumentar o intervalo entre um e outro, fazendo desaparecer o espaço vago. Mas acho que todos estavam por demais nervosos para ter essa idéia.

A agitação aumentou, outros cavalos chegaram, vieram também guardas correndo a pé, ouviu-se o barulho da carruagem real, os trombeteiros se prepararam, Henrich parou, não parecia mais nervoso, estava sereno. Oito cavalos arrastaram a carruagem que parou exatamente onde começava o tapete vermelho. A carruagem era branca como os cavalos, decorada com detalhes em dourado, tinha na parte superior uma réplica da coroa real feita em madeira. Toda aquela pompa e demora foram causando não apenas em mim, mas também nas várias pessoas que se acumulavam atrás de um cordão de segurança vigiado por vários policiais, uma imensa vontade de ver o imperador.

A carruagem permaneceu ainda vários minutos de porta fechada. O silêncio parecia corroer a paciência de todos. Finalmente a porta se abriu e um homem alto de uniforme branco desceu. Fui informado que aquele não era o impe-

rador, talvez algum ajudante de ordens. Mais algum tempo se passou e um homem baixinho vestido com um uniforme vermelho desceu, a multidão gritou e as trombetas soaram, pensei que todos tinham se enganado, pois jamais imaginaria que aquele homem poderia ser o imperador.

Ele caminhou rapidamente até a tenda, e como eu havia previsto, os guarda-sóis protegeram-no do sol. Subiu no pequeno púlpito de madeira. Havia uma espécie de mestre de cerimônias, que depois de ler toda a longa série de títulos de nobreza, começou a elogiar as virtudes pessoais do monarca, sua habilidade como caçador, sua bondade "quando é necessária" e sua firmeza "nos momentos certos", sua capacidade de falar vários idiomas – não disse quais – sua sabedoria em tomar sempre as decisões certas.

Enquanto escutava essas palavras, que se estenderam por um bom tempo, fixei minha atenção na figura do imperador. Ele era muito mais baixo do que eu imaginara, era jovem, mas tinha um semblante cansado, como se já tivesse visto tudo o que interessava na vida, e de agora em diante apenas esperava por tediosas repetições. Reparei que havia algo de estranho com um de seus braços, parecia menor do que o outro, e ele parecia que estava sempre querendo esconder esse defeito físico.

Sua fisionomia indicava um profundo desânimo. Sentimento que contrastava completamente com a empolgação de seu mestre de cerimônias, que cada vez que lia uma das qualidades do imperador, era contemplado por fervorosas palmas, que vinham da multidão que assistia à cerimônia. Mas as palmas pareciam que agiam em sentido contrário de suas intenções, cada vez que era aplaudido o imperador contraía-se mais, e menos sabia o que fazer com seu braço defeituoso. O desconforto que ele sentia viajou até mim, quando já tinha pensado em deitar-me um

pouco para esperar a seqüência menos formal da visita, o mestre de cerimônias avisou que era chegada a hora do discurso de sua majestade.

Quando abriu a boca, reparei que sua voz combinava perfeitamente com sua figura física: pequena, frágil e insegura. Em seu curto discurso, não disse nada além de obviedades, ressaltou as virtudes de seu reinado, disse que contava com as bênçãos de Deus e a determinação de todos seus súditos. Contou que quando criança costumava freqüentar o zoológico, mas que como imperador era a primeira vez que vinha. Ele falava mal e gaguejava, parecia mais preocupado em esconder seu defeito físico e dava a impressão de que não via a hora que toda aquela chateação terminasse logo. Elogiou a direção do zoológico pela excelente exposição ilustrativa que havia sido organizada. Não mencionou o império, nem conquistas, não olhou em minha direção, nem fez qualquer sugestão que indicasse que, dentro do termo "ilustrativa", poderiam estar contidos seres humanos.

Minha cela não deveria estar há mais de quinze metros do imperador, eu o via muito bem, mas em nenhum instante o vi olhando para mim. Depois de gaguejar ao ler uma frase, encerrou o discurso com "e que Deus abençõe a todos". Foi aplaudido até a exaustão por todos os presentes. Agradeceu aos aplausos com um aceno de cabeça, parece que não quis levantar nem seu braço bom, talvez para não chamar a atenção para o outro. Timidamente cumprimentou algumas autoridades, inclusive Heinrich, que reparei, depois de ter tocado na mão do imperador, não conseguia conter o sorriso.

Percebi que, sutilmente, o monarca começou a caminhar em direção à sua carruagem. A visita talvez se encerrasse por ali mesmo, e eu não teria a chance de conversar

com o soberano. Mas não fiquei nem um pouco decepcionado com essa possibilidade, um encontro com aquele homem representaria apenas um momento de embaraço, tanto para mim quanto para ele.

Quando ele estava há apenas uns dois metros de sua carruagem, Heinrich, acompanhado de mais dois homens que não sei quem são, aproximaram-se do imperador e conversaram alguns minutos com ele. Ele tirou do bolso de seu traje um relógio, olhou-o e continuou conversando. Aquele pequeno homem, que era o desânimo em pessoa, pela primeira vez olhou em minha direção. Quando viu que eu também o olhava, procurou disfarçar, olhando novamente para seu relógio.

Pelo que compreendi de toda cena, acho que ele estava querendo ir embora logo e Heinrich e aqueles homens, estavam ali para convencê-lo a dar uma olhada na exposição. Mas claramente o imperador parecia não querer. Enquanto não acontecia o desfecho da cena, fiquei pensando quais seriam as possíveis razões, que fariam com que ele não quisesse ver dois homens, que não haviam cometido crime algum, enjaulados.

Pensei que talvez, atrás de sua fraqueza estivesse escondido um bom coração, que sofreria por me ver aprisionado. Ou então um coração apenas mole, que como todo o resto também era fraco, e não desejaria ver nada que lhe trouxesse desconforto. Não pensava em mim e meu sofrimento, apenas em si próprio. Outra possibilidade, talvez mais realista, nos dois sentidos que essa palavra possui, seria que como tudo aquilo não passava de uma enorme chateação, queria encerrar de vez com aqueles momentos aborrecidos. Talvez esperasse por seu jantar, ou apenas pela hora de ir dormir.

Aquilo na verdade não importava, as razões poderiam

ser muitas, ou uma combinação de várias. O imperador acabou cedendo, e visivelmente constrangido e desanimado, caminhou na direção de minha cela. Um de seus assistentes colocou-lhe na cabeça um chapéu branco decorado com detalhes dourados, e que tinha no alto algumas plumas vermelhas.

Ele não se aproximou muito da cela, ficou há uns cinco metros de distância, exatamente até onde se estendia o tapete vermelho. Enquanto me olhava, Heinrich falava-lhe ao pé do ouvido, fiquei bem curioso porque pelo tempo que falou, as informações deveriam ter ido bem além do básico que a exposição se propunha a informar. Tentei uma leitura de lábios, mas não consegui.

Depois concentrei-me na figura do monarca, na posição em que estava agora, olhando-me de frente, pareceu-me ainda mais baixo. Sua boca mostrava o desencanto que vivia interiormente. Seus traços fisionômicos mostravam uma velhice prematura, ele parecia um velho disfarçado de jovem, mas que de sua juventude guardava apenas a imaturidade. Seus olhos eram completamente opacos, pareciam feitos de vidro fosco. Comecei a sentir pena daquela figura. Não concordo que nossas aparências sejam retratos exatos de nossas vidas interiores, mas nesse caso, poderia apostar que aquele homem teria, no máximo, um interior comparável à figura que eu via.

Heinrich fez um sinal com a mão para mim, não entendi o que queria dizer e acenei para ele. Guilherme II continuou me olhando, nada em sua fisionomia traduzia nenhuma emoção além de um desencanto, que começava a me contagiar. Tentei imaginar o que poderia estar se passando por sua cabeça, percebi que dessa maneira facilitaria a volta da melancolia.

Lembrei-me de que tinha pensado em fazer reivindicar-

ções, sorri dessas lembranças, se realmente pudesse falar com o imperador, acho que diria "você é tão jovem, por que não abandona toda essa porcaria e vai tentar viver"? Imaginei-o chorando aos meus pés e me respondendo "Por favor, ajude-me, mostre-me o que é a vida, não suporto mais tudo isso".

Alguns assistentes chamaram o monarca, que não tirava seus olhos mortos de mim e ele saiu de seu transe. Imagino que eles queriam que ele fosse ver o indígena. No exato momento em que Guilherme II decidiu caminhar aconteceu algo, e apesar de não ter durado mais do que dois segundos, teve para mim um significado imenso. Um pouco acima da cabeça do monarca havia um longo galho que saía do velho carvalho, enchendo de vida um cenário feito de pedriscos mortos. Apenas o contraste daquele galho vivo com aquele homem ressecado já saltava aos olhos, mas o que aconteceu foi muito mais radical. O pica-pau de penacho vermelho pousou na ponta do galho, logo acima da cabeça do imperador, que usava um chapéu decorado com plumas vermelhas. Vi ao mesmo tempo dois seres, um em cima do outro, e ambos tinham suas cabeças decoradas com penas vermelhas.

Antes que eu pudesse fazer qualquer julgamento daquela cena, o que teria estragado por completo a magia do instante, a ave bateu as asas voando para o alto. O outro montinho de penas vermelhas permaneceu por alguns segundos onde estava e depois desapareceu atrás do grande carvalho, seguindo atrás dele toda uma multidão. Fiquei sozinho, acompanhado apenas por alguns cavalos que tinham sido amarrados a árvores e pela carruagem imperial, que por ser muito grande deveria esperar aqui por sua volta. Eu nunca havia visto tantos cavalos juntos, mas depois de alguns minutos, reparei que eu não era o único homem

que os fazia companhia. Vi que de uma das janelas da carruagem saía um par de botas, o cocheiro aproveitava essas ocasiões para cochilar.

Aproveitei esses instantes de paz, antes que toda a comitiva voltasse, para fazer minha contestação pessoal à idéia de que o ser humano é sempre mais evoluído do que os animais. É claro que a linguagem, a escrita, a ciência e as artes, são fatores que não podem ser ignorados, e que demonstram sim, um maior desenvolvimento do homem, em muitas áreas do contato do indivíduo com a realidade. Mas quando aquele pássaro voou e aquele homem, conduzido por seus súditos arrastou-se cheio de desencanto e carregando pesos muito maiores do que pode suportar, percebi que os animais também possuem seus equivalentes à linguagem, escrita, ciência e artes, mas essas sabedorias apresentam-se sob formas tão sutis, que não conseguimos percebê-las.

Quando tentava dar seqüência a esse raciocínio, sobre essa teoria da equivalência de todos os seres, a comitiva voltou. Devem ter passado muito pouco tempo em frente da cela do indígena. Talvez seja porque todos os homens enjaulados se pareçam, e o imperador já havia feito todas suas reflexões enquanto me olhava.

Dessa vez não me olhou e caminhou rapidamente para perto de sua carruagem. Percebi que as botas que estavam na janela saltaram assustadas para dentro. O imperador foi cercado por um grupo de umas vinte pessoas, cumprimentou a todas apertando suas mãos, cada um que ganhava seu aperto afastava-se do grupo. Heinrich foi o último a cumprimentá-lo e aquele que fechou a porta da carruagem. Em poucos minutos o pátio esvaziou-se. Fiquei sozinho, olhando para a tenda abandonada, para o galho onde havia pousado o pica-pau e que agora balançava por causa

do vento. A tenda também balançava, e não sei dizer porque, identifiquei que havia poesia ali, talvez um tipo que se assemelhasse àquele da sabedoria secreta dos animais. Enquanto eu progredia nesse exercício de sensibilidade, fui distraído por um funcionário que veio buscar o púlpito que o soberano havia usado para ficar mais alto que os outros. Ele carregou-o nas costas, e pude ver, que apesar da decoração ser feita de maneira luxuosa, com arabescos em branco e dourado, o objeto por dentro era de madeira vagabunda, e cheio de pregos enferrujados, cujas pontas tinham sido entortadas.

Fui surpreendido por Heinrich, que sem que eu percebesse, havia se aproximado de minha cela. Levei um grande susto, que logo se transformou em risada. Sorriso que ele não quis compartilhar comigo. Estranhei, porque tudo parecia ter dado certo, achei que ele deveria estar contente pela atenção que o imperador havia lhe dedicado. Tentei falar sobre o sucesso da visita, mas ele respondeu com silêncio a todas minhas observações. Percebi que ele estava furioso comigo, certifiquei-me que havia vestido corretamente o traje que ele me pedira. Não via razões para ele estar brabo comigo. Ele então falou, pediu explicações sobre minhas atitudes. Não sabia a que atitudes ele se referia. Permaneci em silêncio até que ele colocou sua mágoa para fora. O grande problema era que eu não havia me curvado para o monarca, e segundo ele "o olhara em atitude desafiadora". Ele quis saber o que eu pretendia com meu comportamento e disse que de todos os envolvidos nessa questão, o único prejudicado seria eu.

Contei-lhe a verdade, não havia me curvado simplesmente porque tinha me esquecido, a iminência da visita, a movimentação, os preparativos, fui distraído por toda a confusão que se formou e me esqueci. Quanto ao olhar

desafiador, garanti-lhe que ele nunca existiu, talvez ele tivesse confundido desafiador com reflexivo. Depois, disse a Henrich – e me arrependi de ter dito – que diante de tantos súditos, eu duvidava que o imperador tivesse reparado que eu não me curvara para ele. Quando terminei de falar seu rosto cobriu-se de um vermelho-raiva. Ele respirou fundo e me disse algo parecido com isso:

"Seu miserável, acha que o imperador é um imbecil como você? É claro que ele percebeu, e me pediu explicações sobre tua atitude. Eu lhe disse que você havia sido instruído sobre tudo, e que não sabia porque não obedecera as instruções. Disse a sua majestade que agora o que cabia ao zoológico seria te castigar o mais rigorosamente possível. O imperador, em sua imensa bondade, me pediu para que não houvesse qualquer tipo de castigo. Disse que não poderíamos exigir o mesmo tipo de comportamento que exigimos de um europeu, de alguém vindo de um ambiente tão selvagem. Ele te salvou. Porque o castigo a que você seria submetido, dessa vez não teria nada a ver com um ou dois dias sem comer.

Você falou de um olhar reflexivo, só porque fala bem o idioma alemão, julga-se capaz de pensamentos filosóficos. Enxergue-se, olhe-se no espelho, quantos filósofos você conhece que foram expostos em zoológicos. Você não passa de um híbrido entre o homem e teus companheiros que saltam de galho em galho. Talvez até existam alguns chimpanzés que consigam aprender o alemão, quero encontrá-los para que você possa acreditar que não está à altura do homem europeu."

Quando terminou seu discurso virou as costas e sumiu. Alguns trabalhadores vieram desmontar a tenda. Não consegui compreender porque um pequeno esquecimento desses pudesse fazer tanta diferença. Tentei encaixar as pe-

ças para ver se conseguia compreender melhor a mente daquele homem. Não consegui. Por uns poucos instantes deixei que a dúvida me invadisse, seriam mesmo os europeus superiores? Essa possibilidade foi logo afastada, aquele homem era um fruto apodrecido de uma árvore cujas raízes estavam envenenadas. Talvez ele mesmo não fosse mau, apenas obedecia sem pensar a valores deteriorados que julgava verdadeiros.

Todas as palavras ofensivas que dirigiu a mim não me afetaram, porque sabia que eram apenas sintomas da doença em que ele vivia.

O brilho dourado que a civilização prometera em minha chegada a Berlim, mostrava-se cada vez mais falso. Com um pano molhado removia-se o encanto, e o que havia embaixo era o mesmo tipo de madeira de má qualidade de que era feito o púlpito real.

18 de agosto

Dormi muito mal, acordei várias vezes durante a noite e nesses intervalos de lucidez fui coberto por idéias negativas. Durante os períodos de sono conheci vários curtos pesadelos que não quero perder tempo descrevendo. A razão desse sofrimento noturno foi a fúria que provoquei em Heinrich, não que eu me importe com ele ou acredite em uma palavra de suas idéias estúpidas, mas o que temo é que daqui para frente ele tente me prejudicar.

Não me importaria nenhum pouco se seu ódio contra mim fosse traduzido na piora de minha alimentação ou de minhas condições de conforto. Se isso acontecesse, e Stephan hoje viesse me trazer como almoço um balde de lava-

gem para suínos, isso seria para mim até um alívio. O que temo verdadeiramente é que ele queira vingar-se de mim prolongando indefinidamente minha permanência no zoológico.

As horas demoraram como nunca a passar. Os poucos visitantes da manhã viram um homem agoniado, que pouco se mexia e que não estava para conversas ou brincadeiras. Na hora costumeira Stephan trouxe meu almoço. Para meu desespero a comida tinha ótima aparência e cheirava muito bem. Sem tocar no assunto, tentei saber dele se sabia de algo, se alguma instrução diferente havia lhe sido passada. Ele não percebeu minhas intenções e se comportou exatamente como nos outros dias. Comi uma deliciosa macarronada coberta com molho de atum, como se estivesse devorando um monte de carne apodrecida.

Deitei-me em minha cama alheio aos vários visitantes que se acumulavam em frente a minha cela, e que me chamavam com insistência. Precisava pensar, não tinha cabeça para querer parecer simpático, olhei para os grãos de arroz que representavam os dias que faltavam para a liberdade, lembrei-me que tinha esquecido de comer um, relativo ao dia de hoje. Refleti sobre se deveria continuar a contar o tempo, se aquilo não era uma grande perda de tempo. Mesmo assim comi o grão de arroz.

Meus pensamentos piscavam como um olho que é atingido por areia, eu deveria pedir perdão a Heinrich, confessar minha inferioridade e fazê-lo sentir-se um grande homem capaz de perdoar um inferior? Talvez fosse melhor fazer justamente o contrário, sustentar minha atitude, denunciar Heinrich e novamente pedir ajuda aos visitantes, Fanny e todos aqueles que assinaram da primeira vez o abaixo-assinado que pedia minha liberdade. Mas a coisa agora era bem diferente, envolvia o imperador, e nesse caso eu duvido que tivesse tanto apoio popular.

De repente um passarinho completamente amarelo entrou em minha cela e caminhou sobre meus objetos. Sua cor era unânime, inclusive os pés e o bico. Caminhava em saltos procurando comida. Procurei ficar bem parado para ver se ele subia na minha cama. Saltou sobre meus pés e caminhou até minha barriga, seus pés me fizeram uma leve cócega no corpo. Sem mexer a cabeça, consegui mover meus olhos para enxergá-lo de perto. Ele me pareceu uma pequena gota de alguma coisa, que após refletir e sem conseguir encontrar um termo melhor, defini como perfeição. Aquele ser era exatamente o que deveria ser, nem mais nem menos. Não possuía ambições e não conhecia decepções. Ele preenchia por completo o papel de ser um passarinho amarelo, não havia sobras. Isso me levou a concluir que talvez o homem sinta dores porque possui sobras, com as quais não sabe lidar, e que por conseqüência geram faltas, que acabam criando ansiedade. O ponto de equilíbrio talvez seja propriedade dos animais irracionais, eu tinha falado da ciência, da arte, e de todas as vantagens do ser humano sobre os animais, o equilíbrio de apenas ser, talvez seja o grande tesouro escondido daqueles seres que não tem artistas ou cientistas, e que falam línguas que não entendemos.

Depois de encher minha mente de amarelo, o passarinho bateu asas sem se incomodar com as grades, voou para cima, lá onde sempre ficam as luzes mais interessantes. Esse pequeno acontecimento, mostrou-me como é relativa a escala com que medimos o tamanho dos eventos. Invaso por essa sensação de que nossas dores e alegrias merecem sempre menos tristeza e alegria do que normalmente as dispensamos, repensei a questão de meu possível castigo.

O ódio de Heinrich poderia evaporar na manhã seguin-

te, o castigo prometido seria esquecido à medida que, com os nervos frios, ele se desse conta de que havia invertido prioridades, apegando-se a uma sombra, que nem para ele nem para ninguém nunca teria nenhuma serventia. Eu encerraria minha permanência aqui no dia 21 de outubro, e então, como havia prometido para mim mesmo, seria uma pessoa melhor, usaria para meu aprimoramento a noção de que as sobras são sempre prejudiciais.

21 de agosto

Nesses últimos dias não houve qualquer mudança na maneira como sou tratado. Não creio que seja possível que haja algum outro tipo de conseqüência relativa ao episódio que enfureceu Heinrich, entretanto sempre fica uma ponta incômoda que lembra que ainda existe a possibilidade de... talvez ser humano seja isso: um saco de esperanças e desilusões que se misturam, e quando uma delas vence a disputa e começa a mostrar o rosto, a outra logo trata de tentar destruí-la.

Tenho vivido dias tranqüilos, apesar dessa agulha invisível que nos momentos vazios vem me soprar aos ouvidos que dessa cela nunca mais sairei. Por isso minha estratégia tem sido manter-me ocupado a maior parte do tempo. Ontem pela manhã recoloquei um cartaz pedindo livros e novamente os visitantes foram generosos. Dessa vez vieram não apenas livros de literatura, mas também de química, matemática, política e história. Apenas um senhor me trouxe uma caixa com mais de vinte volumes. Como a caixa não passava no buraco das grades, ele foi até a direção pedir autorização para que abrissem minha cela e assim os

livros pudessem entrar. Fiquei mais contente pela direção não haver se oposto, do que pelos livros em si.

Na caixa havia um tratado de magia negra, uma biografia do alquimista Paracelso, dois ou três livros escritos em línguas que não sei quais são, uma bíblia, os quartetos completos de Nostradamus, três peças de Shakespeare, o livro "Germinal" de Émile Zola, e uma enorme coincidência, novamente, mas agora em edição mais luxuosa "A tulipa negra". Será que a vida me gritava algo que eu não conseguia escutar, e enfurecida, agora me dizia "abra teus olhos e ouvidos, é a última vez que vou tentar te alertar... de agora em diante considere tua grande chance desperdiçada".

É sempre chato saber que se perdeu uma oportunidade, e é ainda pior, quando sabemos que a estamos perdendo, que ainda é tempo de se fazer alguma coisa, mas não temos a menor idéia do quê. Refleti um pouco sobre o assunto, examinei algumas possibilidades, mas percebi que nenhuma delas parecia ter cheiro de revelação, feita por meio da intuição. Todas pareciam apenas sobras de desejos pessoais meus. Decidi que a segunda aparição daquele livro não passava de coincidência, coloquei-o embaixo de todos os outros e passei os olhos por muitas páginas empoeiradas que me falavam de fórmulas químicas.

De todos os funcionários do zoológico que conheci, o que mais gostei foi Stephan. É um jovem de coração puro, às vezes excessivamente puro, seu comportamento não parece ter sido contaminado pelo pessimismo europeu. Ele está sempre sorrindo e executa suas tarefas com prazer, talvez seja um dos homens que conheci até hoje, que menos cultua sobras. O sorriso que tem quando me entrega minhas refeições é melhor do que qualquer tempero da comida. Ele está sempre brincando com crianças e até com os animais. Outro dia trouxe umas bolinhas e ficou prati-

cando malabarismo com elas, um grupo se formou ao redor dele. Ele pacientemente tentou ensinar a todos a jogar as bolinhas para o alto sem deixá-las cair no chão.

Mas ele não é de muita conversa, sei pouca coisa de sua vida, talvez porque para falar seja preciso desfazer o sorriso. É curioso que alguém como ele tenha vindo substituir aquele homem que trabalhava aqui antes. Parecem exatos opostos. O outro foi magoado pela vida e refugiou-se dentro de sua mágoa, criando ilhas de amor que visita bem de vez em quando. Stephan parece que decidiu morar nessas ilhas e descobriu uma maneira de tirar a tampa que vedava o fundo do mar de ódio, então parece que cada dia que passa, ele vê o nível desse mar diminuir, e sabe que é só uma questão de tempo até que ele deixe de existir.

Quando me traz o almoço, procuro observá-lo. Ele tem muito a ensinar, queria poder aceitar as coisas como aceita. É claro que ele é um jovem que nunca deve ter passado por grandes problemas na vida e que talvez, se encontrá-lo daqui a alguns anos, perceba que perdeu boa parte de sua pureza. Mas isso não importa, o Stephan ao qual me refiro é esse, que um dia terá seu coração endurecido, mas enquanto não o tem conseguiu, sem perceber, ensinar aos outros.

Talvez, quando for um homem maduro, e estiver repleto de ferimentos causados pela vida, seja sua hora de observar outro jovem de sorriso e coração puros, que o ensinará a amolecer seu coração.

Eu tenho ferimentos que são de difícil cura, por mais que tenha uma vida longa, não sei se conseguirei cicatrizar minhas mágoas, poderei adormecê-las... mas secá-las definitivamente... se realmente quero ser um homem melhor poderia tentar, com todo meu coração, aniquilar minhas cicatrizes. Que só sobrem as que o chicote imprimiu em minhas costas e nada mais.

Os grãos de arroz diminuem com velocidade e eu continuo sendo tratado como sempre fui, e agora, decorridas quase duas semanas da visita do imperador, acho que é desprezível a possibilidade de que alguma punição ainda ocorra. Há uns quatro dias atrás, Heinrich veio verificar alguma coisa na jaula dos leopardos e nossos olhares acabaram se cruzando, ele tomou a iniciativa de me cumprimentar, não sorriu, apenas acenou com a cabeça, respondi o aceno. Interpretei o fato de ele ter sido seco, como um sinal de honestidade, ainda estava magoado comigo, mas a ferida estava cicatrizando. Não enxerguei em sua atitude nenhuma possibilidade de que, dentro de seu coração, estivesse sendo cultivada uma mágoa que deveria manifestar-se no momento em que eu menos esperasse. Se isso acontecesse, aquele homem era um grande ator.

Por isso, para mim, o melhor momento de cada dia é logo quando acordo e percebo que o volume de grãos de arroz, está cada vez menor.

Outro dia, depois que o zoológico fechou, estava descansando em minha cama, quando um raio de sol me incomodou os olhos. Achei estranho, porque quase todos os dias dou uma deitada nesse mesmo horário, e conheço perfeitamente o caminho do sol. Levantei-me para ver o que havia de errado e encontrei bem próximo das grades uma cigarreira de prata que estava rebatendo os raios solares. Com alguma dificuldade consegui puxá-la para dentro da cela. Parecia ser de prata autêntica, estava cheia de cigarrilhas sabor canela e no interior, em letras douradas estava escrito "Para Helmuth, o grande amor de minha vida". A peça, além do valor econômico, deveria ter um grande valor sentimental para seu dono.

Tentei me lembrar dos últimos visitantes a quem poderia pertencer aquele objeto. Vasculhei minha memória e não encontrei ninguém que se encaixasse no provável perfil do dono. Lembrava-me de algumas crianças e um jovem casal. A primeira idéia que me ocorreu foi entregar a cigarreira para Stephan, para que ele a encaminhasse para a direção.

Depois mudei de idéia, não iria guardá-la para mim, desejava eu mesmo entregá-la para seu dono. E por que? O proprietário devia ser um homem rico, e não me faria mal nenhum que um homem poderoso me devesse um pouco de gratidão.

Ao eventual leitor dessas páginas, que possa achar que tal comportamento não é perfeitamente ético, e que em outras ocasiões agi de maneira mais desinteressada, como uma espécie de "bom selvagem", advirto que talvez seja essa uma das páginas mais honestas de todo o diário. Página em que menos dissimulei com palavras as verdades dos acontecimentos. Essa revelação, contudo, não invalida as páginas anteriores, mas apenas sugere, que tudo seja lido com mais cuidado, e que seja dedicada uma especial atenção aos detalhes. Dormi uma noite cheia de sonhos, talvez pudesse defini-los como sonhos-surpresa. Neles aconteciam doces acontecimentos, que normalmente ocorrem com mais freqüência na infância, a mágica da vida, que traz uma sensação gostosa ao estômago. Pela manhã não me lembrava mais de seus enredos, mas ainda sentia o sabor do doce inusitado, que prometia materializar-se durante aquele dia. Ao longo do dia, reparei em qualquer homem com mais de cinqüenta anos, eles eram os principais suspeitos de terem perdido a cigarreira. Não sei se por coincidência, ou se foi apenas uma impressão minha, eles pareciam que nunca tinham sido tão numerosos. Sozinhos, acompanhados por seus familiares, altos, baixos, gordos

e magros. Nenhum deles demonstrava sinais de que havia perdido algo. Pouco antes do zoológico fechar, um senhor muito bem vestido, de uns sessenta anos, aproximou-se sozinho de minha cela e cumprimentou-me. Parecia ser a pessoa que eu esperava. Perguntou meu nome, de onde eu vinha e até quando, segundo suas palavras "ficaria ali cumprindo aquele papel ridículo". Seu tom era levemente agressivo, mas o estranho era que ele parecia atribuir a culpa por eu estar ali, exclusivamente a mim, ao menos foi isso que me pareceu. Tentei fazer-me de desentendido e respondi apenas aquilo que me interessava.

Ele caminhou alguns passos em círculo e depois de cofiar o cavanhaque, me perguntou se meu coração era de homem ou de carneiro. Sem saber onde ele queria chegar disse, com um fio de voz, que meu coração era de homem. Nesse instante comecei a desconfiar que talvez aquele homem não tivesse nada a ver com a cigareira, mesmo assim perguntei se ele estava ali porque tinha perdido algo. Ele olhou fixamente nos meus olhos e respondeu que sim, que havia perdido.

Voltei até minha cama para apanhar a cigareira, que eu havia colocado embaixo do colchão. Mostrei-lhe o objeto. Ele atingiu-me nas mãos com um violento golpe de bengala. A cigareira abriu-se espalhando longe os cigarros. Fiquei tão espantado com a atitude daquele homem, que nada disse. Ele continuou agindo como se nada tivesse feito, caminhou mais alguns passos em círculo e me disse:

"Homem do coração de carneiro, o que perdi é muito mais valioso do que essa porcaria."

Disse isso e levantou o chapéu para se despedir. A pancada que levei na mão tinha sido bastante forte e um de meus dedos ficou muito inchado. Por horas tentei entender aquele homem, havia algo de cifrado no que dizia, teria

sido enviado pela direção do zoológico que, de propósito, tinha colocado aquela cigarreira ali só para me testar. E eu tinha sido reprovado no teste. Mais tranqüilo percebi que ninguém se daria a tamanho trabalho, e a hipótese mais provável era que aquele homem seria apenas um louco. O que ele havia perdido de valioso seria sua razão.

Dormi uma noite muito diferente da anterior, os pequenos sonhos-surpresa foram substituídos por outros numerosos sonhos-susto, serpentes que apareciam do nada para a mordida certa, carrascos que com apenas um golpe de machado me arrancavam fora a cabeça, mas deixando intacta a consciência. O efeito disso sobre meu estômago foi devastador, acordei com fortes dores agudas, como se alguém introduzisse longas agulhas em alguns pontos escolhidos.

Logo pela manhã, quando as dores ainda me distraíam, um outro senhor, que lembrava bastante o que tinha me agredido, aproximou-se de minha cela e disse que ontem, enquanto eu dormia, visitara o zoológico, e quando aproximou-se para poder me ver melhor, temia ter deixado cair um objeto de grande valor sentimental. Enquanto ele me dizia de quanto seria a recompensa para quem o encontrasse, entreguei-lhe a cigarreira. Ele abriu um grande sorriso, apertou minha mão repetidas vezes e enfiou sua mão no bolso sacando de lá um maço de notas que começou a contar. Separou metade do monte e enfiou em minha mão. Devolvi-lhe o dinheiro, agradecendo-o. Nesse ponto, se algum teste estivesse acontecendo, eu estaria no caminho da aprovação. Ele insistiu, dizendo que a cigarreira tinha sido um presente de sua esposa que havia falecido há três anos.

Recusei a oferta e afastei-me das grades para que ele não me colocasse novamente o dinheiro nas mãos. Caso fi-

zesse isso, não sei se devolveria. Ele percebeu minha atitude e guardou o dinheiro no bolso. Perguntou-me então de que outra maneira poderia me ajudar. Não soube responder. Ofereceu-me então um emprego quando eu fosse solto. Era proprietário de uma grande fábrica de vidro, pediu-me papel e anotou seu endereço, eu deveria procurá-lo quando saísse do zoológico. Era o segundo emprego que me ofereciam em pouco tempo. África e Europa me puxavam pelos pés, disputando-me. A África me prometia um coração em paz, a Europa a segurança e o conforto de meu corpo.

O homem saiu contente, com a recordação recuperada de sua esposa. E eu permaneci confuso, segurando um pedaço de papel na mão e sem saber o que fazer com ele. Acabei guardando-o com o outro endereço de emprego e com a carta do menino. Por um instante pensei se era certo guardar aqueles três papéis juntos.

Depois disso começaram a desenvolver-se dentro de mim estranhas tendências. A visita do dia anterior me foi lembrada pelo inchaço que ainda permanecia em um de meus dedos, mas o dono da cigarreira também não me abandonava. Não sei se devido às suas semelhanças físicas, mas mentalmente acabei fundindo os dois homens em apenas um. E esse homem-mistura, me gritava que meu coração era de carneiro, que devolvendo a cigarreira sem aceitar o dinheiro eu havia tomado uma típica atitude de carneiro. Apalpando minha própria cabeça, comecei a notar semelhanças dela com a de um carneiro. Sei que esse tipo de acontecimentos e raciocínio são típicos dos sonhos, mas fiz questão de verificar, eu estava perfeitamente acordado.

Lavei o rosto, sabia que precisava sair rápido desse território mental de risco, então puxei conversa com o primeiro visitante que vi, era um homem de meia idade do tipo falante. Respondi a uma meia dúzia de perguntas e

deixei-o falar, era isso que ele queria. Contava sua vida, da mesma maneira tediosa que o guarda Hans, abrindo vários parênteses nos quais se aprofundava, se esquecendo daquilo que inicialmente queria dizer. Mas o simples contato com alguém, serviu para interromper aquele processo mental em que eu havia entrado. Esqueci de todas as possíveis manifestações de carneiros. Mas enquanto seus lábios se mexiam, eu estava longe. Fui saltando de idéia em idéia e acabei voltando para algo que o homem que me deu a bengalada disse, na verdade não o que disse, mas sim o que insinuou, que eu tinha culpa por estar aqui. A partir daí, a idéia que se desenvolveu foi, se eu, e também cada um dos homens não colocamos, sem nos darmos conta disso, nossas vidas à disposição dos acontecimentos. Como alguém que passeia desarmado por um território cheio de leões. Colocar-se à disposição de uma forte tendência não deixava de ser uma maneira de escolher participar de determinado evento, e de ter culpa por quaisquer resultados que dele se originem. Se isso fosse verdade, deveria haver razões escondidas que faziam com que as pessoas se submetessem a uma situação, como por exemplo, a minha.

Por alguma razão secreta, que eu mesmo desconhecia, eu me odiava profundamente.

O homem parou de falar, despediu-se e foi embora, mas minha situação não mudou, o raciocínio continuou evoluindo: da mesma forma que nos colocamos à mercê de tragédias, poderíamos caminhar até a borda de paraísos e ficarmos esperando que o escorregão que nos mergulhará nele, aconteça. Só que também devem ser secretas as maneiras que nos encaminham para esse oceano de felicidade. Talvez não tenhamos como escapar de nossos destinos, e aqueles em cujas veias corre ouro, nunca terão na vida senão caminhos dourados.

Mas, mesmo não tendo certeza se essas tendências e escolhas ocultas existem, o fato de saber que não somos sempre nossos melhores amigos, e que não devemos nos excluir do grupo de pessoas de quem desconfiamos, isso já é um grande passo.

7 de setembro

Tenho a sensação de que tudo de interessante que os visitantes podiam me trazer, já trouxeram. As conversas, observações e histórias me parecem bem menos brilhantes do que foram no começo de minha estada. Não que agora as pessoas sejam menos brilhantes que antes. Talvez eu é que, envolvido pela névoa da novidade, tenha superestimado aqueles primeiros visitantes. Eles podem, de fato, ser menos engraçados, bons, maus, chatos e excêntricos do que julguei. Da mesma forma, para eles, tudo o que fiz ou deixei de fazer, também empalideceu e agora em suas memórias, confundem-me com outros acontecimentos pintados em cores pastéis. Será esse o destino de todas as coisas, será o universo feito de um eterno outono, onde por alguns instantes tudo se disfarça de cores vibrantes, mas essas tintas escorrem, igualando todas as aparências e demonstrando que tudo tem apenas uma tonalidade?

Passo os dias lendo e relendo os livros que tenho, eles me parecem menos repetitivos que as pessoas. Ainda bem que os grãos de arroz diminuem rapidamente em quantidade. Ontem pela manhã comi o último de uma fileira, agora só faltam duas fileiras e estarei livre. Mesmo ansioso pela liberdade, ainda não consegui planejar o que farei assim que sair. Stephan continua me servindo pratos deliciosos e me

tratando com muita simpatia, mas como com todo o resto, também perdi um pouco do encanto e admiração que devotava a ele. Não sei o quanto de sua alegria é espontânea, e o quanto é manipulada. Para mim ele cumpre sua missão de me entregar as refeições, e para ele eu cumpro minha missão de comê-las. Tudo me parece uma grande troca biológica, as árvores deixam as folhas caírem de seus galhos porque elas serão engolidas pela terra, que delas se nutrirá, e por sua vez voltarão a alimentar a árvore. Os ciclos perfeitos não têm por que existirem em determinada circunstância e não em outras. A ciência do futuro mostrará que por trás da complexidade se esconde o máximo da simplicidade.

A proposta desse diário é a descrição de meus dias, sei que as idéias que me passam pela cabeça fazem parte delas, mas ultimamente tenho esquecido de falar do mundo onde os ossos estalam, a boca saliva e o estômago ronca. Depois de muito tempo, apenas me cumprimentando com um aceno de cabeça, Hans voltou a falar comigo. Após algumas palavras protocolares, que percebi serviam apenas para que ele não chegasse diretamente ao assunto que lhe interessava, contou-me que Heinrich estava muito doente. Alguns dias após a visita do imperador, ele desmaiou na sala da direção. Continuou trabalhando, achando que o desmaio e mais a fraqueza que vinha sentindo eram apenas efeitos do calor. Então após alguns dias, começou a vomitar, nada do que comia parava em seu estômago. Até que o que seu estômago colocou para fora, tinha cor de beterraba brilhante. Os médicos diagnosticaram um tumor.

Ele continuou falando, descrevendo sua aparência e alimentação, mas eu não ouvi mais nada. Lembrei-me de seu sorriso, quando pela primeira vez apertou a mão do imperador. Meu peito encheu-se de piedade por aquele homem, pensei nas muitas barras invisíveis que devem ter en-

volvido toda sua vida. Agora restava-lhe pouca vida, e ele, ao contrário de mim, teria passado sua vida inteira atrás de barras que cerceavam sua liberdade. As perguntas vieram e começaram a se espalhar. Não teriam aqueles, cujas barras que os cerceiam são imateriais, mais possibilidades de conseguir a própria liberdade? Não seria o fato de aceitarem essa prisão, sem nunca questioná-la, um sinal de fraqueza? Ou seria então, um instinto escondido de auto-destruição, pertencente àquelas partes ocultas que todos temos e desconhecemos, e do qual nutrem-se os pilares que sustentam a civilização? Quanto mais fraco um homem for, maiores necessidades de poder terá. E as barras que o prendem também funcionam como recompensa. Ele utilizará todas suas energias para conquistar outras e outras barras, que limitarão cada vez mais seus movimentos. E, no fundo, tremerá de medo de que um dia possa lhe ocorrer a liberdade.

11 de setembro

Tive um mau pressentimento. Foi ontem, um dia que choveu muito. Acho que até agora foi o dia com menos visitantes, só uns sete ou oito acompanhados de seus guarda-chuvas e passando rapidamente em frente a minha cela. O dia escureceu e tive dificuldades para ler, também não estava com muita vontade de me exercitar, então passei algumas horas literalmente olhando para o teto, e deixando que idéias sem importância atravessassem minha mente. No meio da tarde levantei-me para movimentar um pouco o corpo e assistir à chuva. Foi aí que algo estranho aconteceu: no mesmo momento que me ergui, o velho leão tam-

bém se levantou em sua jaula e agoniado, caminhou sob a chuva. Aquilo me assustou, parecia ser alguma espécie de sinal, imediatamente relatei com minha família, algo não ia bem, talvez uma tragédia tivesse ocorrido, talvez naquele instante eu não tivesse mais família. Uma tristeza profunda me invadiu, as gotas que caíam do céu escorreram também de meus olhos. Aquele estalo perceptivo rapidamente transformou-se em uma tragédia sedimentada. O estágio da incerteza foi extremamente curto. As fases de aceitação voavam de uma para outra com uma velocidade imensa. Quando minhas lágrimas secaram e parou de chover o dia começou a escurecer. Com as luzes suaves do final de tarde, fui conduzido a um estado de reflexão lógica, analisei com frieza as razões que me levaram a acreditar que algo de ruim teria acontecido à minha família. E na verdade, não havia nada. Aquilo era apenas, meu medo se manifestando, procurando brechas para existir. O fato de que um homem tenha sua liberdade cerceada por barras de ferro, não o impede de que ele também tenha sua liberdade cerceada por outras barras invisíveis. Eu poderia até diagnosticar a falta de liberdade e as fraquezas de Heinrich, mas jamais criticá-lo, porque talvez, em nada eu seja mais forte do que ele.

Essa suspeita de tragédia saiu de dentro de mim mesmo, do bosque escuro cheio de pássaros cegos que se escondem por entre minhas tripas. E as coisas que vêm de lá não são exatamente o que parecem ser. Desconfio do que parece ser amor, me aproximando desse sentimento que o pressentimento me trouxe, reparo que tem um forte cheiro de medo.

Durante a noite tudo se misturou, foram sonhos confusos, que parece envolveram grandes batalhas, mas que não me lembro bem. O fato foi que acordei aliviado, pois me parece que os dois lados antagônicos na disputa se ani-

quilaram e o que sobrou foi apenas uma sensação de tranquilidade. Hoje de manhã quando comi o grão de arroz, me senti um homem livre. A chuva parou, mas ainda se acumulam por toda parte grandes poças d'água. Ao contrário de ontem, hoje a visitação foi intensa. Muitas crianças vieram acompanhadas por seus professores. Um homem de meia idade acompanhou uma turma de quarenta meninos, uniformizados, de uns doze anos de idade. A turma toda parou em frente a minha cela, ele cumprimentou-me com simpatia e pediu para que os alunos também me saudassem. Em seguida, dirigindo-se aos alunos, criticou fortemente minha presença aqui, e disse que um império de verdade não poderia aceitar atos como aquele. Depois, citou outras injustiças cometidas por esse e outros impérios, e terminou sua palestra com uma frase que gostei muito "A humanidade só melhorará quando nossos reis forem filósofos".

Em seguida, o professor me perguntou se seus alunos poderiam me fazer algumas perguntas, concordei, e durante uma hora respondi a tudo que quiseram saber. Eram crianças inteligentes que me perguntaram coisas interessantes, muitas das quais respondi sem ter certeza, e que depois me fizeram pensar. Um menino de grandes olhos brilhantes me perguntou se, caso eu tivesse nascido na pele do imperador Guilherme II, meu império seria diferente do dele, e em quê?

Antes que eu tentasse responder para mim mesmo essa questão, fui invadido por uma sensação de que estava sendo útil, as crianças e o professor se despediram de mim, e eu fiquei me sentindo alguém que havia colaborado de alguma maneira com eles. Sabia que tinha acontecido uma troca, e que talvez eles tivessem me dado mais do que dei a eles. Senti-me bem, prometi para mim mesmo que iria responder com precisão à pergunta do menino, também iria refletir so-

bre como deveria ser um rei filósofo e como o mundo mudaria caso eles existissem, mas aquele não era o momento para isso. Queria saborear aqueles instantes, senti-los sem que o raciocínio me levasse a outros sentimentos.

Uma brisa alivante soprou, e por um instante senti o mesmo que sentia quando, com sete anos de idade, tomava banho de rio perto de minha aldeia. Não sei definir exatamente aquilo em palavras, talvez uma cor fosse mais apropriada como definição, e essa cor seria qualquer uma contanto que brilhasse.

Esse momento derreteu-se, como tudo na vida, e de suas sobras brotou um questionamento sobre mim mesmo, lembrei-me de meus momentos de angústia do dia de ontem. Onde tinham ido parar aquelas sólidas razões que sustentavam meu desespero? E esse momento de pura alegria, o que acontecerá com ele no dia de amanhã? Imaginei-me igualzinho ao que sou, mas feito inteiramente de gelo. Enxerguei-me derretendo ao sol e depois me empoçando, já sem minhas formas. Mas se toda a água fosse capturada novamente, outro boneco exatamente igual a mim poderia ser fabricado. Não consegui formar de mim nenhum retrato que me fosse mais fiel.

Depois disso voltei-me para a pergunta que o menino havia me feito. Mas logo de saída percebi que uma resposta honesta poderia me colocar em um estado de confusão mental. Eu precisava escolher algum lado na batalha da vida, e teria de ser fiel a ele, não atirando em meus companheiros de trincheira. Responder a essa pergunta talvez me colocasse entre fogo cruzado, sem amigos nem inimigos. Acho que qualquer pessoa precisa de ambos para viver. Então, deliberadamente, decidi que mesmo que a eventual resposta desenterrasse algumas verdades, o preço a ser pago por elas era muito alto. Minha liberdade se aproxima-

va, sou jovem e tenho o mundo inteiro pela frente. O sono aproximou-se tranqüilo, mas um pouco antes de adormecer, me lembro de rapidamente ter voltado a pensar no assunto e chegado a essa frase “Não destruirei minhas mãos para cavar buracos onde estão enterradas verdades”.

14 de setembro

Acordei com batidinhas em minhas grades. Quando abri os olhos dei de cara com Hans e Stephan. A presença de ambos àquela hora da manhã me assustou. Algo de grave deveria ter acontecido. Antes que eles me dissessem, adivinhei. E eles confirmaram com a cabeça, Heinrich havia morrido. Havia novamente desmaiado no escritório, hospitalizado, os médicos tentaram uma operação de emergência, mas ele não resistiu.

Meu primeiro sentimento foi de alegria, qualquer possibilidade de castigo contra mim estaria afastada. Procurei disfarçar qualquer sinal fisionômico que indicasse o que sentia, apenas olhei para baixo demonstrando uma tristeza mediana e perguntando aos dois, detalhes de como tudo havia acontecido. Stephan parecia realmente triste, e pela primeira vez desde que o conheci, não estava sorrindo. Hans respondeu minhas perguntas, parecia mais acostumado com a morte, mas mesmo nele notei alguns sinais de tristeza verdadeira.

O zoológico não abriria, em sinal de luto e para que os funcionários pudessem acompanhar os funerais. Cheguei a pensar em pedir a eles para ir ao enterro. Não pedi. Na verdade, o que queria não era nem sair um pouco da cela, serei honesto, queria vê-lo morto. Apesar de num primei-

ro momento a notícia de sua morte ter me agradado, não guardei nenhum pingo de ódio em relação a ele. Se algum sentimento existiu, foi pena. Mesmo assim desejei vê-lo morto. Não sei explicar por que, talvez dentro daquela mata escura, onde esconde-se a maior parte de mim, vê-lo sem vida representasse o fim de um ciclo. Quando a terra o cobrisse, aquela fase de minha vida estaria definitivamente encerrada.

Mas não tive coragem de pedir nada, contra o desejo de vê-lo morto lutava o medo de me sentir perverso, de em tudo descreer, achando que o mundo tinha sido feito apenas para meu bem-estar. É difícil, minhas teses de vida não se sustentam e entram em choque a cada instante. Sou um soldado vestido com um uniforme, que de frente é de um exército e de costas de outro.

Com o zoológico fechado e sem funcionários, fiquei sem absolutamente nada para fazer. Ao meio-dia almocei e aproveitei para comer o grão de arroz referente a esse dia, que a surpresa da notícia havia me feito esquecer de engolir. Tentei evitar que minhas idéias passeassem pelo enterro de Heinrich e suas conseqüência, mas não consegui. Nos próximos dias deveria ser nomeado um novo diretor que provavelmente poderia chegar querendo mostrar serviço e modificando as coisas. A única modificação que me assustava era se ele quisesse prolongar a exposição. Olhei para os grãos de arroz que marcavam os dias e senti um nó na garganta.

Teria de esperar, já conhecia as armadilhas do sofrimento por antecipação e consegui me livrar de suas garras. Entretanto não consegui evitar que meu pensamento voltasse a encontrar a figura de Heinrich, imaginei-o criança, sendo reprimido por sua família e tendo os traços de seu caráter moldado. Imaginei sua juventude e todos os

sonhos que foi forçado a esquecer. Agora seu corpo, que tanto peso suportou durante a vida, estava rígido, seu sangue não circulava mais, suas mãos cruzadas sobre a barriga, logo se dissolveriam, da mesma forma que tudo em sua vida se dissolveu. Seus momentos de felicidade foram tão efêmeros como é sua condição atual. Um homem derretido, que a morte, no fundo, não modificou em nada. Ele continuou sendo como sempre foi, aceitando o mundo antes, e a terra agora.

Engoli a seco e depois dei um grande grito, que foi respondido por alguns animais e também por uma voz humana, que imagino ser do indígena enjaulado. Descobri que talvez possa me comunicar com ele. Mas não foi essa minha intenção, gritei para dizer um grande não. Há uma época em que o derretimento é inevitável, mas há outra, anterior a essa, em que devemos nos espalhar, multiplicando nossas células e idéias e entortando as barras que nos cerceiam. Provando a todos, que elas não têm poder diante de nossos peitos cheios de ar verde-esperança, e de nossos olhos brilhantes.

Nesses dias selvagens, cheios de cimento e pedras, nossos pés e mãos ficarão feridos, muitas bifurcações se abrirão no meio da mata, a escuridão chegará, depois as estrelas e a aurora. Mas os olhos prosseguirão brilhantes, como grandes máquinas refletidoras de todas as luzes e cores. Gritos selvagens e desesperados serão ouvidos e o medo invadirá o coração, a boca se fechará para que não seja ela o caminho por onde entre o perigo escuro. Mas esses dias que antecedem os inevitáveis dias de derretimento, são sagrados, e os olhos, os pés e o coração prosseguirão, da mesma forma que prossegue a lua, e que a luz retorna todas as manhãs. Heinrich, descanse em paz.

As modificações aconteceram. Logo no dia posterior ao enterro, quem me entregou a comida foi um homem de meia idade que me passou a bandeja sem me dizer nada. O que havia na bandeja não posso chamar de comida, era uma pasta cor de terra e gosto de nada. Desde então é só isso que como. Em teoria falta apenas um mês para minha liberdade, mas sem querer sofrer por antecipação, e apenas analisando toda a situação de maneira isenta, da mesma forma que a comida mudou, também poderá mudar o dia de minha libertação. Não me importaria de comer essa lavagem por mais um mês se no final dele fosse solto. Nesses últimos dias tentei conseguir informações com os funcionários, mas ninguém me responde nada. Nunca mais vi nenhum daqueles que conhecia, e os outros por mais que eu insistia, não abrem a boca. Pensei em voltar a escrever cartazes com pedidos, mas se a única modificação for na comida, tenho medo que os cartazes possam acabar atrasando minha libertação.

Não quero me precipitar. Tenho de ser um profissional dos nervos, pois qualquer depressão atrapalharia ainda mais minha situação. Continuarei, mesmo sem muita convicção, a comer diariamente um grão de arroz.

Ontem não comi, o entregador simplesmente não apareceu. Hoje quando veio, pela primeira vez respondeu a uma pergunta minha. Perguntei se a falta de comida no dia de ontem era alguma espécie de castigo. Ele pareceu um

pouco constrangido para responder, e envergonhado me disse que não, tinha sido um erro seu, ele havia esquecido de mim. Pedi-me desculpas, e percebi que aquela era uma boa oportunidade para conquistar um aliado, que poderia me dar informações. Apertei minha barriga e mostrei-lhe uma camada de gordura, disse-lhe que não havia problema, pois eu ainda tinha muita reserva sobrando. Ele me perguntou se eu queria ficar também com a comida de ontem. Aceitei apenas para agradá-lo. Não quis enchê-lo de perguntas logo de cara para não assustá-lo, mas consegui que ele me dissesse seu nome, Ervin, e também que a nova direção não queria que ele conversasse comigo.

Joguei fora a comida destinada ao dia anterior, e com muito custo consegui comer meu almoço. Parecia que a cada dia as refeições ficavam piores. O gosto era o menor dos problemas, o cheiro era o que tornava difícil engolir aquela pasta. Aquilo cheirava a lixo, uma mistura de vegetais apodrecidos, com casca de ovos, depois de terem fermentado por uma semana.

Sei que deveria aproveitar meu tempo planejando, caso não seja solto dia 21 de outubro eu deveria ter um plano "B". Mas a simples idéia de que poderia continuar aqui por um período indefinido de tempo, comendo todos os dias aquela porcaria, me conduziria a um desespero que não deixaria espaços para que eu pensasse em segundas opções.

Hoje à tarde vi uma carroça da administração descarregando algo que parecia uns balanços feitos de corda e madeira, eles ficaram jogados no chão até que dois funcionários vieram buscá-los. Depois de muito insistir, pois também eles pareciam ter ordens para não falar comigo, consegui extrair de um deles que aqueles balanços eram para os macacos. Perguntei para que lado ficavam as jaulas dos macacos e ele apontou para a direita. Depois disse que

estavam levando aqueles balanços para um depósito, pois aqueles objetos serviriam a novos macacos que chegariam em breve ao zoológico. Depois de ouvir isso, fiz questão de agradecer pela informação e encerrar imediatamente a conversa. Suspeitei que os macacos a quem ele se referia seriam os orangotangos, que viriam para tomar o meu lugar e o do indígena na nova exposição.

Meu coração inundou-se de mais pura alegria. Logo em seguida fiz questão de esvaziá-lo um pouco, pois sabia que excessos e sobras são sempre caminhos fáceis para que o desequilíbrio dê seus primeiros passos.

Mesmo assim vivi um dia ótimo, onde todas as luzes eram belas e todas as pessoas pertenciam a uma conspiração secreta para fazer o bem. Conversei com algumas pessoas agradáveis que me fizeram perguntas, quando quiseram saber até quando eu permaneceria exposto, quase respondi "até dia 21 de outubro", acabei dizendo "não por muito tempo". Nesse vai-vem emocional e intelectual que sou eu, novamente identifiquei nos visitantes marcas positivas deixadas ali pela civilização. Era uma capacidade de conversar sobre algo, mas sem ir direto ao assunto, passando sem pressa pelos bosques de seus interesses, até que sua essência fosse compreendida, sem que eles precisassem conhecer individualmente todas as árvores e arbustos. Para os africanos o que interessava era o pedaço de carne, para o europeu era o molho que cobria aquela carne, não propriamente o molho em si, mas o efeito que exercia sobre a carne e que ambos exerciam sobre o paladar de quem comia. Ocorreu-me até uma definição de civilização "civilização é algo que aparece quando surge a necessidade de que os molhos para a comida sejam produzidos".

À noite gritei procurando escutar respostas, vários animais me responderam. Tentei uma segunda e na terceira

vez uma voz humana gritou. Falei algumas palavras, mas era evidente que o indígena não falava alemão e nenhuma língua africana. Então dei dois gritos curtos, depois de alguns instantes escutei dois gritos curtos. Tentei um curto e um longo e ele repetiu o mesmo. Continuei com as experiências e ouvindo suas respostas. Ironicamente, pensei que, caso fosse libertado, poderia usar o resto da vida que me sobrava para criar uma nova língua baseada em gritos.

Nos últimos dias, as noites são um período em que a fome tem me incomodado, não que a comida não venha em quantidade, mas é que tenho comido cada vez menos. Pedi a um dos visitantes que me dissesse qual era o melhor restaurante de Berlim. Fiz questão de anotar o endereço que ele me deu. Minha primeira providência assim que sair daqui, será visitar esse restaurante, comerei um grande pedaço de carne recoberto por todos os tipos de molhos.

26 de setembro

Estou emagrecendo, como apenas o suficiente para não sentir muita fome. Se forçar e tentar comer mais, meu estômago recusa-se e põe para fora o que pus para dentro. Ontem vi um visitante comendo um sanduíche e não tive vergonha de lhe pedir um pedaço. Ele me deu inteiro, era um simples sanduíche de pão preto e queijo, mas aquilo foi uma das coisas mais gostosas que já comi até hoje. Guardei-o para a noite, período em que diariamente eu e o indígena usamos para a criação de um novo idioma. A noite foi muito boa, fiquei examinando logicamente toda a questão... novos balanços para novos macacos... minha exposição daria lugar a uma outra composta por orango-

tangos... a data de minha libertação se aproximava... eles precisavam preparar os novos habitats artificiais para os macacos... as coisas faziam sentido, nenhuma peça ficava sem encaixe.

Hoje vi uma criança comendo uma maçã caramelizada e a pedi para a menina, quando ela ia me dar foi repreendida por sua mãe que a impediu e me olhou de maneira agressiva. Tentei me desculpar – o que acho que foi um erro – disse-lhe que a comida do zoológico estava muito ruim e que eu não conseguia mais comer. A mulher era um daqueles tipos que se ofendem quando eu lhes dirijo a palavra. Disse-me que se a comida era ruim o problema era meu, que eu não tinha direito de perturbar as crianças que vinham ao zoológico e que ela faria uma reclamação formal à direção.

Pedi-lhe mais desculpas e implorei que não fizesse nenhuma reclamação, expliquei-lhe tudo, qualquer queixa poderia atrasar minha libertação, e eu não suportaria passar mais tempo aqui. Acho que fui cometendo erro atrás de erro, pois quanto mais ela via meu desespero, mais certeza parecia ter e mais alto gritava, dizendo que eu pagaria caro por aquilo que tinha feito. Quando ela partiu eu estava ajoelhado pedindo perdão, a menina chorava e tinha deixado a maçã caramelizada cair no chão.

Desesperei-me porque não aceitava que uma bobagem daquelas pudesse atrasar minha libertação. Enquanto chorava fui consolado por um homem que disse para eu não me preocupar porque ele tinha visto tudo e eu não havia feito nada de errado. Se aquela mulher fizesse qualquer queixa à direção, ele ofereceu-se para ser minha testemunha de defesa.

Passaram-se dois dias e até agora não tive nenhuma notícia da eventual reclamação daquela mulher. Talvez ela tenha se sensibilizado com o que falei e fez aquela cena só para me assustar. Mas provavelmente se alguma punição vier, só saberei após dia 21 de outubro. Terei mais algumas semanas de tortura. Estou tentando ser forte e comer todos os dias pela manhã meu grãozinho de arroz. Mas cada dia que passa parece que eles são mais difíceis de engolir. Antes era uma alegria vê-los diminuir de número, agora que me falta qualquer certeza de que eles significam alguma coisa, a ingestão é um instante do dia em que me lembro que meu fardo poderá precisar ser carregado indefinidamente.

Nessas últimas duas noites o indígena gritou, esperando que eu lhe respondesse. Os primeiros gritos respondi sem muito entusiasmo, mas ele continuou com formas mais complicadas, três gritos curtos, dois longos e três curtos. Deixei-o sem resposta. Depois me arrependi, coloquei-me em seu lugar, eu ainda domino o idioma e acho que sobrevivi até aqui porque consigo falar com as pessoas, ele depende de um idioma que não existe, que está sendo inventado, e que a única pessoa que pratica, ainda recusa-se a falar com ele. Essa noite, esteja como estiver meu lado emocional tentarei me comunicar com ele.

Vivo nesses dias um misto de grande ansiedade com grande pessimismo, sei que tenho de lutar contra isso. Talvez a péssima alimentação tenha colaborado para me deixar assim. Não consigo fazer nada, não tenho vontade de nada, minha ansiedade me fez destruir minhas unhas arranhando as pedras do chão. Ontem consegui comer tão pouco que hoje estou meio tonto. Tenho tido muito sono e conseguido dormir mesmo quando o zoológico está cheio

de visitantes. A certeza que tinha há alguns dias atrás de que seria solto, transformou-se quase numa certeza do contrário. Não sei se é impressão minha, ou se meu estado emocional influencia nessa minha percepção, mas os dias parece que perderam um pouco do brilho de suas luzes. As noites têm começado a ficar frias, tenho me enrolado no mesmo cobertor e passado algum frio. Podia pedir ao Ervin mais um cobertor, mas não tive vontade, se pedir parece que estou concordando que minha permanência se estenda, e que terei como compensação por esse fato, um segundo cobertor.

Tenho sentido que aos poucos minhas forças físicas estão se esvaindo, e sei que elas acabam levando junto as forças morais. Não quero chegar ao ponto de reagir com indiferença à notícia de que ficarei aqui indefinidamente. Por isso decidi que quando o almoço chegar hoje, não importa sua aparência ou cheiro, eu comerei tudo e o manterei no estômago.

30 de setembro

Nesses últimos dois dias comi toda a comida que me foi oferecida. Foi um grande esforço, pois ontem encontrei até alguns restos de aranha misturados à pasta fedorenta. Mas parece que meu estado geral melhorou um pouco. Agora alterno momentos de otimismo com outros de pessimismo. Caminho um pouco pela cela, e até consegui fazer algumas flexões.

Hoje pela manhã fiquei olhando para os bilhetes com os endereços dos dois homens que me prometeram empregos. Já faz um bom tempo que me visitaram, provavelmente

nem se lembrariam mais de mim quando fosse procurá-los. De qualquer forma ainda não havia decidido o que faria, o período de desânimo que vivi havia me feito quase esquecer de minha família. Eles me pareciam figuras apagadas, cujos contornos físicos e emocionais eram incertos. Acho que se tivesse continuado por mais tempo me alimentando do jeito que estava, em pouco tempo começaria a ter dúvidas se eles realmente algum dia tinham existido. Agora eles voltaram a ter fronteiras exatas, e muitas memórias afetivas me faziam querer voltar a vê-los.

Será que o amor desaparece quando a fraqueza surge? Corpos bem nutridos encontram espaço para amar, enquanto que para os mal alimentados, qualquer sentimento é algo que, biologicamente, eles não podem se dar ao luxo. O homem seria uma máquina que funcionaria conforme o combustível que estivesse consumindo.

Desenvolvi uma técnica para conseguir me alimentar, logo que a bandeja chega, nunca a olho. Espero que Ervin se afaste, com uma mão tapo meu nariz, fecho meus olhos e como tudo com grandes e rápidas colheradas. Em seguida me afasto da bandeja, que normalmente continua exalando o cheiro das sobras. Deito-me um pouco e fico sentindo o gelado da comida no estômago, o que não é de todo mal.

Ontem, depois que comi, um homem que havia assistido a tudo, me perguntou se aquela cerimônia tinha algo a ver com minha religião. Respondi-lhe que fazia aquilo para não vomitar. Ele me disse que eu deveria estar contente por estar ali, pois muita gente na África passava fome e eu pelo menos tinha o que comer. Dessa vez agi diferente, não queria que ele ficasse com raiva e fosse reclamar na direção.

"Concordo com o senhor, e agradeço todos os dias a Deus por essa oportunidade. O problema é que por ter me alimentado mal por muitos anos, enquanto ainda es-

tava na África, desenvolvi um tumor estomacal que rejeita qualquer alimento, mesmo os de boa qualidade, como os do zoológico”.

O homem saiu sem dizer nada, procurei dizer aquilo sem nenhum pingo de ironia, tentando acreditar no que falava. Acho que foi um esforço grande demais para mim e acabei terminando de quebrar minha unha do dedo direito nas pedras do chão. Agora meu dedo está em carne viva. Mas sei que uma nova unha nascerá.

2 de outubro

Nos últimos dias carroças da administração têm passado de um lado para outro. Vi alguns operários apressados carregando ferramentas e procurei refletir sobre se isso é bom ou mau sinal. Devem ser os preparativos finais para a exposição dos orangotangos. No mar revolto de emoções em que vivo, os últimos dois dias têm sido de maré alta. Voltei a acreditar que em menos de três semanas estarei livre. Mas minha liberdade, apesar de povoar quase todos os instantes de meu raciocínio, tanto os de vigília quanto os de sono, ainda não parece ter formas definidas. É algo vago, com fatos que se contradizem, e onde existe uma promessa de felicidade que nunca chega a materializar-se. Uma névoa que sussurra em meus ouvidos que logo irá dissipar-se, e o que surgirá será a mais bela paisagem que já vi.

Não posso negar que imaginei Fanny me esperando com lágrimas nos olhos, mas dessa vez eram de felicidade. Ela me anunciaria que havia cancelado seu casamento e que desejava casar-se comigo. Junto com essa boa notícia, viria outra dada pela boca do próprio imperador. Ele anun-

ciaria que eu receberia uma grande indenização do estado, o suficiente para que o resto de minha vida fosse parecido com o que anunciavam as últimas páginas de "A tulipa negra". É embaraçoso confessar esses sonhos infantis, e só o faço porque, de uma certa forma, eles foram úteis e me ajudaram a sair do estado de profundo desânimo em que estava vivendo. Às vezes nossa única saída é acreditar em mentiras evidentes.

Estou fisicamente dentro dessa cela, mas já há alguns dias vivo fora daqui. O mundo brumoso de meus desejos, e que comporta também alguns medos, domina minha realidade. Vivo com um pé em cada espaço, e talvez por isso não pertença a nenhum deles. Mas esse estado tem data para acabar, aberta a porta de minha cela eu saltarei para o mundo real e o que vivi aqui dentro é que será encoberto pela bruma, que aos poucos a memória irá apagando. Sei que o que as brumas me prometem hoje, a respeito do mundo lá fora, não passam de promessas vãs, mas se o prazer e as dificuldades vierem em mesma quantidade já me darei por satisfeito.

Sinto que, caso não seja solto, esse estado de divisão em que vivo só se aprofundará, e daqui a alguns anos, só existirá ausência em meus olhos. Tornar-me-ei apenas um corpo vivo, que não despertará nenhum interesse em ninguém. Quem até então habitava em mim estará dançando na África, ou sendo coroado príncipe em algum canto da Europa. E sem saber o caminho de volta para minha velha morada.

Se pensar sob esse aspecto, poderia afirmar com cem por cento de certeza, que minha antiga rotina de habitante de zoológico, aconteça o que acontecer, está encerrada. Depois de muito tempo sem reparar no céu, hoje os raios do luar atraíram minha atenção. A noite estava estrelada,

com muitas estrelas cadentes. A lua cheia tinha uma tonalidade azulada. Mas havia algo de diferente naquele céu, uma estranha sensação me percorria todo enquanto o contemplava. Parecia que toda a eternidade queria caber dentro de mim.

20 de outubro

Acabei de comer o último grão de arroz. Fui surpreendido por um grande sentimento de vazio que me levou às lágrimas. Acho que uma parte escondida de mim apegou-se à rotina e temeu mudanças, mesmo que elas fossem para melhor. Nesses últimos dias a interação com os visitantes, ou com qualquer outra pessoa, foi mínima, o que fiz foi mergulhar para dentro de mim. Esqueci os sonhos românticos de felicidade, e tentei de verdade, olhar-me no espelho. O que consegui foi algo parecido ao que vi uma vez em um velho livro que um frade alemão me mostrou e nunca esqueci. O livro falava da exposição universal de Londres, ocorrida em 1851. Entre dezenas de pavilhões repletos de curiosidades vindas de todos os países do mundo, havia uma que se chamava "O mundo mágico dos espelhos do Sião". Os desenhos mostravam um homem refletido ao mesmo tempo em vários espelhos, e em cada um deles sua imagem era diferente. Baixo, gordo, alto, duplo, com a parte de baixo gorda e a de cima magra, com um pescoço comprido como o de uma girafa, as muitas imagens de uma mesma pessoa ficaram para sempre incrustadas em minha memória. Nesses dias de reflexão, descobri que sou como aqueles reflexos. Somos muitos que se espremem dentro de um corpo e de uma mente, e como em um parlamento, é

permitido apenas a uma pessoa expressar-se por vez. Mas, independentemente do quê e de quem diga, nunca nada será unânime, sempre sobrarão insatisfações e nunca toda a verdade será dita. E sendo o homem, um parlamento comandado por várias correntes ideológicas, não é possível a ele, extirpar algumas vozes, para que só uma sempre opine. Nesse caso o parlamento não terá mais sentido e deixará de existir, junto desaparecerão todas as vozes, inclusive aquelas que quiseram ser as únicas a falar.

Sendo o ser humano dessa forma, ele estará sempre, e de maneira definitiva, impedido de conhecer a verdade absoluta, isso se ela existir, porque pode ser que não apenas o homem, mas também todas as outras realidades da vida sejam compostas dessa mesma forma parlamentar. A vida aconteceria através de um sistema de trocas e reflexos, não existindo nada que não dependesse de sua ligação com todo o resto. Esse sistema, que nos impede de enxergarmos o reflexo verdadeiro, teria também o efeito oposto a esse, evitaria que o homem, e por conseqüência toda a humanidade, mergulhasse na grande e absoluta mentira, enxergando reflexos cem por cento irrealis. O que seria um corte na linha invisível que costura toda a realidade.

Mas agora que faltam poucas horas para que meu destino seja revelado, sou puxado para aquele espelho cujo reflexo assemelha-se mais com a imagem que tenho de mim mesmo e do mundo. Quero ouvir o barulho da tranca sendo aberta, sentir meus pés pisando na grama, depois não sei o que farei.

Alguns visitantes me olham e procuro memorizar seus rostos, o zoológico deve estar próximo do horário de fechamento, e gostaria de guardar na memória o último rosto que me observou em cativeiro. Apesar de não saber para que isso me servirá.

O sol está se pondo, é provavelmente a última vez que o vejo sob essa perspectiva. O leopardo rugiu, os pássaros foram dormir, os barulhos da noite acontecem, as barras de ferro vão sendo banhadas pelo orvalho. Meus olhos não perdem nenhum detalhe. Deveria estar nervoso, mas não estou. O inevitável parece estar por toda parte, talvez sempre estive e é só agora que percebo. No grande carvalho está pousada uma coruja branca de grandes olhos amarelos, ela me olha. Reparo em sua estranha pupila, que bóia num mar dourado. Minhas pálpebras começam a pesar.

23 de outubro

Talvez a aparição daquela coruja tenha sido um prenúncio do que iria acontecer. No dia 21 acordei cedo e fiquei esperando que minha cela fosse aberta. Pela manhã cheguei a dizer a alguns visitantes que seria solto naquele dia mesmo. Fui cumprimentado e tive de responder o que faria daqui para frente. Disse-lhes que no momento em que a cela fosse aberta é que começaria a pensar em minha nova vida. O almoço veio e perguntei a Ervin que horas eu seria solto. Ele gaguejou um pouco e disse que não sabia. Decidi que não comeria mais aquela porcaria, agüentaria um pouco mais e faria uma refeição decente. Depois do almoço me acalmei um pouco, certamente eu seria solto depois do fechamento do zoológico. Aproveitei a tarde conversando com vários visitantes e contando a todos sobre minha libertação. Acho que minha alegria devia estar contagiante, pois vi muitos sorrisos sinceros refletidos nos rostos que me olhavam. Um senhor me ofereceu uma nota de dinheiro, minha primeira reação foi recusar, ele insistiu e me lembrei

da refeição decente que havia prometido para mim mesmo, aceitei. Guardei-a juntos com meus papéis valiosos.

Apesar de minha ansiedade, as horas transcorreram depressa por causa da simpatia dos visitantes. Quando um guarda passou avisando que o zoológico estava fechando, por um instante me atravessou a idéia de que apesar de tudo, esse período talvez me deixasse saudades. Quando o último visitante desapareceu atrás do grande carvalho, meu coração começou a pulsar violentamente, a hora tinha chegado e a qualquer momento viria alguém destravar minha porta.

Quando a noite chegou, e novamente aquela coruja começou a me olhar com seus grandes olhos, perdi as esperanças de ser solto ainda naquele dia. Preparei-me para deixar o zoológico bem cedo, antes do horário de visitação. Minha ansiedade crescia e durante toda a noite caminhei de um lado para outro. O cheiro do almoço que eu não havia comido espalhou-se pela cela e me revoltou o estômago. Essa sensação de mal-estar me conduziu a uma idéia, a data limite para minha libertação havia passado e eu continuava preso, a partir dessa constatação, eu teria a mesma possibilidade de ser solto amanhã de manhã, quanto daqui a quinze anos, ou apenas no dia em que morresse. Uma enorme tristeza me invadiu e ela só foi menor do que o medo que senti.

Mas ainda sobrevivia a esperança de no dia seguinte ser acordado pelo barulho de minha cela sendo aberta. Acabei adormecendo quando o dia quase amanhecia, e acordei com o barulho de alguns visitantes que se amontoavam para me ver de perto. Durante as poucas vezes em que continuei dormindo enquanto o zoológico já estava aberto, sempre vinha um guarda ou funcionário para me acordar. Mas dessa vez não veio ninguém, talvez porque

sentissem dificuldade de me olhar nos olhos.

Ao meio-dia veio um homem que eu não conhecia me entregar comida, perguntei-lhe sobre quando eu seria solto, ele me disse que seu trabalho era só entregar comida e que ele não sabia de nada. Percebi que, para qualquer que fosse minha atitude daquele instante em diante eu precisaria de energias. Utilizei minha técnica de alimentação e passei a tarde inteira caminhando de um lado para o outro, como um tigre ferido. Quando o zoológico estava para fechar, uma mãe com uma filhinha de uns cinco anos aproximou-se da porta da cela. Olhei-a, pensei em muitas coisas, ela olhou nos meus olhos, depois tampou os olhos da filha e foi embora. Talvez ela tivesse desejado me dizer algo.

O zoológico fechou e a noite veio. Poderia ser apenas mais uma das milhares que eu ainda passaria ali. O céu escuro estava mais lindo do que nunca, mas aquilo parecia ser uma jóia que eu nunca poderia ter.

Lembrei-me de Heinrich, talvez depois que adoeceu ele tivesse deixado instruções sobre como eu deveria ser castigado por não ter me ajoelhado diante do imperador. Eu precisava começar a pensar no que faria caso se confirmasse que não seria solto, reiniciaria minhas reivindicações, tentaria fugir... ao mesmo tempo percebia que uma grande onda de pensamento negativo crescia e se preparava para arrebentar-se sobre meu lombo.

Gritei para ver se o indígena me respondia. Isso talvez me desviasse das energias negras. Não tive resposta, tentei novamente e nada. Talvez ele tivesse sido solto, o que indicava que eu também seria. Por um instante alegrei-me por não ouvi-lo, mas logo me lembrei de meu grande pecado, aquele homem provavelmente havia se ajoelhado diante de sua majestade, e agora gozava de liberdade. Insisti mais uma vez com os gritos, e o silêncio me apresentou outra possi-

bilidade, o indígena ciente de que não seria solto, procedeu do mesmo modo que o antigo ocupante de sua cela.

Dormi e tive sonhos horríveis, o zoológico inteiro era inundado por um mar de sangue que originava-se da cela do indígena, animais morriam afogados e acordei no exato momento em que o sangue me cobriria a cabeça. Acordei novamente para um longo dia sem respostas. Logo pela manhã pedi ajuda para alguns visitantes, contei-lhes minha história e a expectativa que havia criado. Ouvi muitos suspiros de solidariedade, e alguns conselhos "tenha força e não se desespere" "Deus sabe o que faz". Não queria explodir de vez e começar a agredir os visitantes, sabia que isso só pioraria minha situação, deixaria para fazer isso quando tivesse certeza de que minha situação era definitiva.

Mas essa incerteza foi arrasando meus nervos. Percebi que isso acabava afastando os visitantes, que acho que não pagavam ingresso para ver alguém no meu estado de desespero. Quase no final da tarde, minha cela foi invadida por uma imensa ratazana cinzenta que fuçou os cantos em busca de comida. A aparição daquele animal causou-me a sensação oposta da que tive quando a rata deu a luz a seus filhotes aqui dentro. Essa ratazana trazia consigo tudo o que era sujo, estragado e apodrecido. Depois que ela passeou pela cela, cada canto dela começou a me despertar nojo. Eu vivia num depósito de todos os tipos de dejetos orgânicos, e se não saísse logo dali, acabaria eu também me tornando um dejetos.

Uma coisa é olhar para algo apodrecido, muito pior é viver no meio da podridão, mas ainda pior é tornar-se, dia-a-dia, algo putrefato. Percebi então que não poderia e nem deveria ter paciência. Eu já havia suportado o máximo que um homem pode suportar e não teria por que agüentar mais, mesmo que isso destruísse minhas chan-

ces de ser solto. Aquela rato horrível havia me ensinado que era hora de extrair com minhas próprias mãos meu coração de carneiro, mesmo que eu não encontrasse outro para colocar no lugar.

Gritei muito, atirei tudo o que tinha dentro da cela para fora, acho que até acertei alguma coisa em um visitante. Um guarda veio e pediu para que ninguém se aproximasse de minha cela. Tentou conversar comigo, pediu para que eu me acalmasse. Tentei agredi-lo com um chute, acabei apenas acertando a grade. Descarreguei maldades terríveis contra todos que se aproximavam da cela.

O zoológico fechou, esse guarda que tentou conversar comigo fez mais algumas tentativas, mas logo percebeu que seria inútil, e foi embora. Meu ataque de fúria esgotou-me completamente. O ódio vazou por meus olhos, que fixavam apenas o teto da cela. Depois veio a tristeza e a dor de consciência, o guarda que tentava me acalmar usou palavras educadas, parecia ter olhos puros e nenhuma culpa por minha situação. E eu tinha dito tantas coisas terríveis. A pior maldade que um carrasco pode fazer a alguém é torná-lo pior do que ele é.

Parecia que o mal havia aberto uma porta dentro de mim e preparava-se para se instalar.

Reagi, levantei-me da cama, olhei para as estrelas, pensei naquilo que não tem fim e que existe a uma distância maior do que qualquer cérebro pode imaginar, e com nada se perturba e por nenhuma razão desvia seu caminho. Então gritei muitas vezes, queria expulsar o sentimento corrosivo que se alojava em meu peito. Alguns animais me responderam. Continuei gritando até quase perder a voz, os animais silenciaram. Quando pouca voz me restava, percebi que deveria usar a voz para falar, e falei "Eu sou bom".

Depois disso comecei a me sentir melhor, a substância negra que dissolve a vida havia ido embora e sobraram eu e a noite. E ela me trouxe, não sei de onde, um doce cheiro, que em todo esse tempo de zoológico eu nunca havia sentido. Um perfume floral espalhou-se pelo ar, trazido pela breve brisa noturna. Tentei identificar que tipo de flor cheirava tão bem, mas aquele cheiro vinha certamente de uma flor que eu desconhecia. Lembrei-me das tulipas do livro, eu nunca havia sentido o cheiro de uma, talvez atrás do grande carvalho se escondesse um canteiro de tulipas. O odor acalmou-se e desisti de tentar descobrir sua origem, o que importava a origem daquele cheiro? Envolvido por essa onda cheirosa, que se tivesse cor seria branca, adormeci. Antes de fechar os olhos reparei que uma nova unha nascia no meu polegar.

24 de outubro

Cor e cheiro uniram-se, transformando-se em um todo prazeroso que me preenchia todos os sentidos. Mas esse bem-estar não se contentou, queria mais, queria que minhas fronteiras pessoais desistissem de continuar existindo, entregando meu ser a esse prazer imenso.

Caso minhas fronteiras me abandonassem e eu fosse inoculado por aquele poder, o que chamo de eu também deixaria de existir, nenhum traço meu refletiria no espelho, transformar-me-ia nesse vapor branco, que teria por missão dissolver primeiro fronteiras individuais, depois os eus (incluído aí aquelas partes escuras que as próprias pessoas desconhecem). Transformando tudo nessa imensa onda vaporosa que é a essência de todas as coisas, o sono irre-

sistível e merecido das consciências, que como qualquer coisa, precisam descansar para acordarem revigoradas.

Imensas ondas sem tamanho, que expandem-se além do último limite do espaço, e que ainda continuarão se desenrolando muito depois que o último minuto tiver transcorrido. Sopros que exalam odores e cores, mas que aos poucos se despedirão de qualquer lembrança do mundo fragmentado. Aproveito para te admirar enquanto vejo beleza e sinto prazer, mesmo porque, depois, não mais existirei.

Enquanto existo e sinto procuro te definir, força páli-da e bem cheirosa. Vasculhando todas minhas capacidades semânticas, utilizando-me do grau máximo possível de licença poética e trazendo do fundo escuro de meu bosque escondido aquele tipo de pensamento que jamais aflora, cheguei a uma definição: jasmim.



O texto acima escrevi sentado em um banco de praça no centro de Berlim. O dia amanheceu ensolarado e logo o zoológico encheu-se de visitantes. Ao meio-dia me trouxeram novamente meu almoço, olhei desanimado para aquela pasta insossa. No ambiente parecia haver uma alegria que pairava no ar, muitas crianças sorridentes, balões coloridos e pessoas que pareciam estar contentes pela simples razão de que o dia estava bonito. Mas eu não participava daquela alegria, para dizer a verdade ela até me incomodava. Deitei-me em minha cama profundamente desanimado e alheio ao mundo lá fora. Meu estômago e cérebro trabalhavam acelerados, olhei para minha nova unha, que era como um pequeno barco envolvido por um oceano de carne. Se es-

tivesse de bom-humor, poderia ligar aquela imagem a alguma espécie de renascimento, ou ao início de um novo ciclo. O que aconteceu foi o contrário, a unha que crescia representava um osso que se desenvolvia para cobrir a carne. Como sempre acontece, a eterna e imutável vitória dos ossos sobre a carne.

Apesar da alegria que se espalhava pelo parque, ela não fazia com que os visitantes me incomodassem, me pedindo para executar tarefas estúpidas que lhe trariam algum divertimento. Eles respeitaram meu recolhimento e eu permaneci isolado dentro de minha bolha de desespero. Ouvia os barulhos, as risadas, mas aquilo tudo parecia pertencer a uma outra esfera, que mais nada tinha a ver comigo.

Conforme a tarde avançava, evoluía também o cheiro de meu almoço, que eu não tinha comido. O fedor fez com que minha bolha de melancolia parecesse cada vez mais pesada. Senti dificuldades para respirar e perguntei a esse deus teórico, no qual não acreditava mais, e que por isso me sentia à vontade para questioná-lo sem medo de ser reprimido, por que eu deveria ser submetido a tamanho sofrimento?

Ninguém me respondeu. Aproveitei para mentalmente derramar sobre esse deus falecido todos os palavrões que conhecia. De repente uma surpresa, o pica-pau de penacho vermelho entrou em minha cela, observei-o por alguns instantes, mas dessa vez sua presença serviu apenas para me lembrar de coisas que eu queria esquecer. Espantei-o e ele voou para longe. Pensei em jogar minha comida fora, mas percebi que ficar sem comer seria ainda pior. Precisava comer, mas só de pensar em colocar aquilo em minha boca meu estômago reclamava.

Não enxergava caminhos para mim. Tudo me parecia inviável. Qualquer perspectiva mostrava-se como uma ár-

vore sem raízes, pronta para apodrecer e revelar que toda a beleza da copa e a suculência dos frutos eram ilusórias.

Pensei em simplesmente desistir de tudo, abandonar-me no chão sem querer participar do mundo. Com as últimas gotas de energia moral que possuía consegui dar dois passos até minha cama. Lá permaneci alheio a tudo, os barulhos ao meu redor pareciam cada vez mais distantes. A essa altura não sentia mais dor, o tempo havia evaporado e eu boiava num mar escuro construído de um apaziguamento auto-destrutivo.

Comecei a passar minha língua pelos dentes, sentindo se eles tinham poder de corte, com o dedo tentei localizar onde ficavam as veias que irrigavam a língua. Procurei também outras veias espalhadas por meu corpo, as do punho eram as mais aparentes. Mas eu não planejava nada, olhava para os condutores de meu sangue como alguém que olha para um cano de água. Mergulhado em um estado de profundo alheamento, ocorreu-me uma pergunta: como é que viviam as pessoas antes que fosse inventada a água encanada?

De repente explodiu a bolha em que eu vivia, todos os barulhos ao meu redor voltaram a ficar claros, o tempo renasceu de sua tumba e percebi que nada mais me separava daqueles que me observavam. O estrondo que arrebentou minha bolha foi o barulho da porta de minha cela se abrindo.

Assustei-me, sem compreender direito o que tinha acontecido. Foi só quando vi o sorriso puro de Stephan e seus olhos prontos para derramar água, que percebi que a liberdade estava há dois passos de mim. Explodi num choro convulsivo que me manteve ainda alguns minutos dentro da cela. Nesses instantes toda minha vida desfilou diante de meus olhos fechados. Senti que vivia os últimos

instantes daquela vida e que estava prestes a nascer de novo. Meu coração encheu-se da maior dose de esperança que alguém pode suportar.

Dei uma última olhada para o que tinha sido meu lar nos últimos meses, não senti raiva, mas tive a certeza absoluta de que não sentiria a menor falta daquele lugar. Apanhei a carta do menino e os dois endereços onde deveria pedir emprego. Antes de atravessar a porta senti um arrepio que percorreu todo meu corpo. Além de Stephan, uma pequena multidão me aguardava, alguns funcionários do zoológico e muitos visitantes, procurei encontrar entre os rostos os olhos azuis de Fanny, mas eles não estavam lá. Tanto os bons, quanto os maus momentos da vida real, são tão repletos de sutilezas e mistérios, que a ficção nunca conseguirá igualá-los.

Pisei o sagrado chão dos homens livres, o primeiro abraço que recebi foi de Stephan, depois vieram outros de pessoas que não conhecia, mas de quem nunca mais me esquecerei. O silêncio foi quebrado por gritos de viva e palmas. O sol oblíquo atirava seus raios em meus olhos, eu enxergava o contorno de sorrisos, crianças e abraços. O ar trazia ainda o odor floral que eu havia sentido ontem. O mundo prometia ser cheiroso.

De repente, o som de vozes me felicitando foi interrompido por um som agudo. Um jovem tocava seu violino. Depois de alguns instantes o reconheci, era Ulrich, o jovem estudante de música com quem eu havia conversado há algum tempo atrás. Ele tocava a parte final da nona sinfonia de Beethoven, quando os cantores líricos entoam os versos de Schiller, que conclamam todos os homens ao entendimento e à fraternidade.

Eu havia estudado esses versos com os frades alemães e os sabia de cor. Ulrich continuou tocando, e no exato mo-

mento em que as vozes humanas devem fazer sua entrada na música, percebi que aquela era minha missão, e que não importava se eu não sabia cantar, eu tinha meus pulmões e podia gritar:

Oh amigos, mudemos de tom !
Entoemos algo mais agradável
e cheio de alegria !

Alegres, como voam seus sóis
Através da esplêndida abóboda celeste
Sigam irmãos sua rota
Gozosos como o herói para a vitória.

Abracem-se milhões de seres !
Envie este beijo para todo o mundo !

Um belo dia, um domingo, em que os homens dormiam em suas celas e os leões passeavam entediados pelo zoológico, um deles, um jovem leão inquieto, irá se perguntar o porquê de tudo aquilo. Por que as malditas engrenagens devem girar para um lado e não para o outro, e mais, por que elas devem mesmo existir, e todos os leões despenderem todas suas energias para sustentá-las? Então o jovem animal abandonará a linguagem humana, e dará um urro selvagem – forma de comunicação praticamente esquecida entre os leões – que fará com que todos os outros leões dispam-se de suas roupas humanas, libertem os homens presos em jaulas e procurem, guiados pela posição do sol, onde estão as florestas da África, de onde nunca deveriam ter saído.

